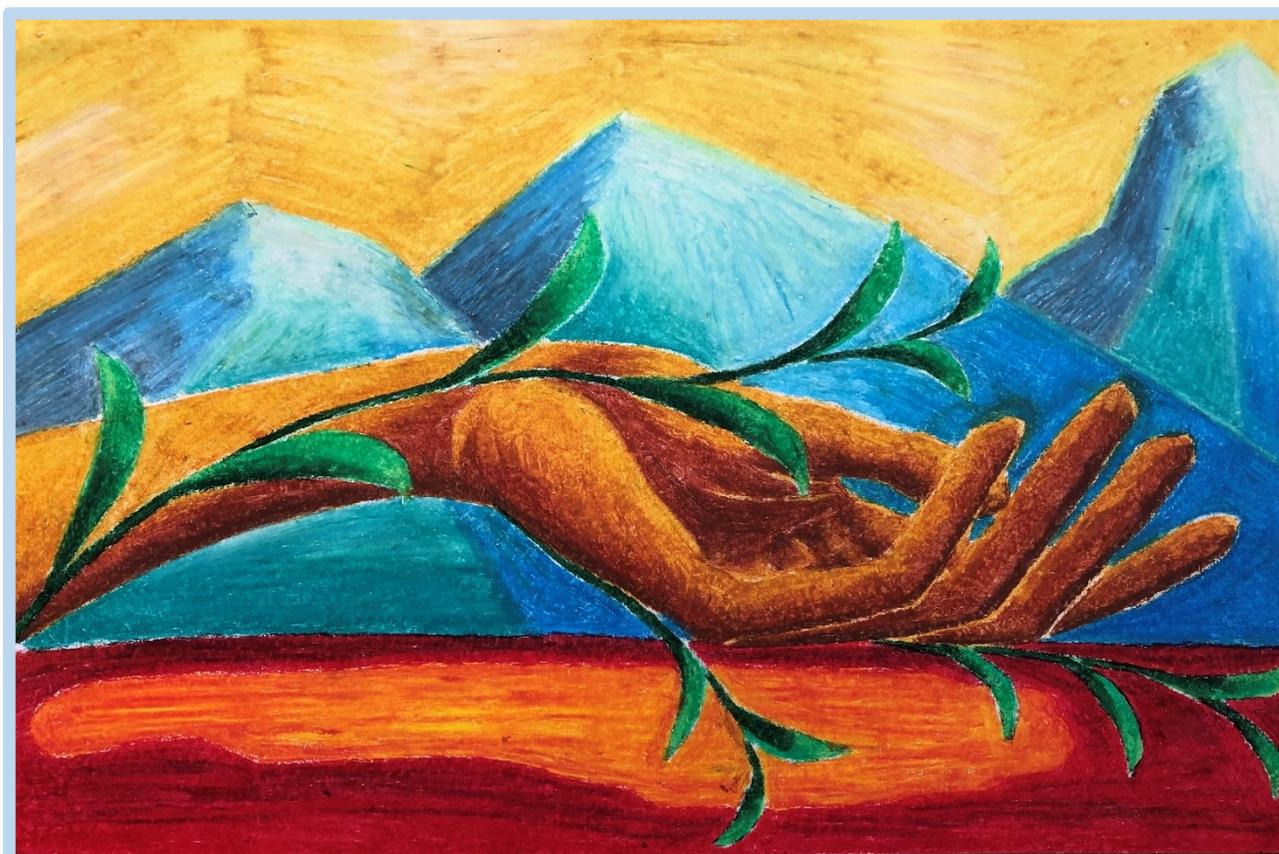


**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

IZABELA FAGUNDES

**PAISAGEM E MULHERES: Uma abordagem a partir da Geografia e da
Agroecologia.**



Obra: BRASIL, Lia. Antropopaisagem. Giz pastel.2022.

**CHAPECÓ/ERECHIM/RS.
2022**

IZABELA FAGUNDES

PAISAGEM E MULHERES: Uma abordagem a partir da Geografia e da Agroecologia.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Reginaldo José de Souza

CHAPECÓ, SC /ERECHIM,RS.
2022

FOLHA DA FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Fagundes, Izabela

PAISAGEM E MULHERES: Uma abordagem a partir da Geografia e da Agroecologia. / Izabela Fagundes. -- 2022.

118 f.:il.

Orientador: Doutor Reginaldo José de Souza

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Geografia, , 2022.

1. agricultoras. 2. paisagem. 3. agroecologia. 4. trabalho. 5. geografia. I. Souza, Reginaldo José de, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

IZABELA FAGUNDES

PAISAGEM E MULHERES: Uma abordagem a partir da Geografia e da Agroecologia.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de mestre em geografia

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 14/ 04/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof.º Dr.º Reginaldo José de Souza – UFFS
Orientador



Prof.ª Dr.ª. Paula Vanessa Faria Lindo – UFFS
Avaliadora



Prof.ª. Dr.ª. Naira Estela Roesler Mohr – UFFS
Avaliadora

Dedico a minha família: Ivo, Dalva, Izadora, Leandro Rafael, Ivo Junior e Vitor Joel Fagundes, dedico as agricultoras que resistem ao patriarcado e se colocam como agentes transformadores do espaço onde vivem e a todas (os/es) aqueles (as), que acreditam na agroecologia como possibilidade de ressignificar a vida e os modos de viver no espaço rural.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a família por ter me dado a vida, e a oportunidade de ser livre para escolher minha trajetória acadêmica e profissional. Grata por entenderem as ausências nesses últimos 10 anos em especial nos últimos dois, quando mudei de cidade e Estado.

Agradeço a todos os membros da equipe gestora, técnicos e professores da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim/RS e Chapecó/SC, que viabilizaram oportunidades de ensino e aprendizagem durante 10 anos da minha vida, a partir da universidade comecei a ver e grafar o mundo, deixar minha marca e criar minha identidade nos espaços, lugares e paisagens por onde passei.

Agradeço ao programa de pós-graduação em Geografia da UFFS multi *campi*, foi por meio dessa porta que eu descobri que sou capaz de ler e entender o mundo, e também de dar voz a todas aquelas que são silenciadas no espaço rural.

Agradeço aos Dr^{os}. professores e Dr^{as}. professoras do programa PPGGeo que participaram do processo formativo: Juçara Spinelli, Pedro Murara, Igor Catalão, Marlon Brandt e Reginaldo José de Souza, o qual tive a honra de ser orientada e aprender muito sobre o que é a paisagem, descontruindo e reconstruindo este conceito tão amplo e complexo ao mesmo tempo.

Grata mais uma vez prof. Dr. Reginaldo José de Souza, pela paciência e por acreditar na minha proposta de pesquisa e motivar a concluir este trabalho, você é uma inspiração enquanto ser humano e como professor de geografia.

Grata aos colegas do programa, a Ana Júlia Barzotto, parceira de aula, de ônibus, de carona e de escritas, a querida Priscila Daiane Pavan sempre parceira, nossa guia até a UFFS Chapecó, quantas angústias dramas, músicas, chimarrão, histórias e sufocos compartilhamos dentro do carro entre idas e vindas no trajeto Erechim/RS – Chapecó/SC. Grata aos demais colegas pelas experiências e saberes compartilhados sobre os mais diversos assuntos dentro da geografia, Eliezer Boza, Eduarda Brandalise, João Henrique Lemos, André Felipe Nunes da Silva, Cássia Regina Segnor, Darlan Fabiane, Fabiane Ripplinger, Leonardo Henrique Kunst, Paula Terres Carvalho, Renata Hübner, Tatiane Ribeiro, Valdecir Schenkel.

Agradeço ao programa de pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, por ter permitido cursar uma cadeira sobre a questão agrária, ministrada pelo prof. Dr^o Carlos José Spindola, onde tive a oportunidade de apreender e entender as diferenças sobre a questão agrária no Brasil e principalmente na região Sul do país.

Agradeço a todas as pessoas e lugares que fiz morada e me abrigaram durante esses dois anos de andanças entre Erechim/RS, Viadutos/RS e Florianópolis/RS.

Agradeço a família Ohana Hostel, em especial a Gabi e o Bruno, com vocês eu aprendi que lar é onde a gente se sente bem. Agradeço a Casa das Bruxas/ Casa Artemística, juntas construímos e reconstruímos nossas vidas, repensamos o espaço e a paisagem a partir de diferentes áreas do conhecimento, vivemos a intensidade de cinco mulheres em um lar, aplicando a interdisciplinariedade no cotidiano, os projetos mais diversos floresceram a partir de pessoas dispostas a transformar o mundo pensando no amor e na comunicação como a ferramenta para transpassar as muralhas sociais intensificadas pela pandemia do COVID_19 e compartilhar os saberes para além das gavetas das bibliotecas onde nossas dissertações de mestrado estarão arquivadas.

Agradeço a Lia Brasil e pela amizade e companheirismo, por ilustrar e representar através da sua arte uma síntese do que são mulheres paisagens a partir da interpretação dos meus escritos nessa dissertação.

Agradeço a todos os amigos e amigas que fiz nesses dois anos e pela paciência e compreensão nos momentos de ausência, em especial agradeço a Azul, Clara, Raquel e Rael, Nathalia, Denise, Dani, Cristina, Heloísa, Anastácia, Joana, Katiane, Júlia e Lia, vocês são maravilhosas e inspiradoras, grata por todos os momentos compartilhados, pelo apoio, por celebrarem cada avanço, por compartilhar momentos de reflexões mesclados com jantas, almoços, trilhas, salpicados por angústias, medos, eventos, danças e abraços (vocês também fazem parte dessa história).

Grata a todas as agricultoras que lutam e (re) existem acreditando que são capazes de mudar a realidade do espaço rural a partir da agroecologia, que não temem a imposição do patriarcado.

Resumo

Esta pesquisa teve por intuito discutir a possibilidade de entender as mulheres como sujeitos ativos no processo de transformação e construção de outras paisagens no contexto da produção agroecológica. As motivações surgiram a partir da trajetória de vida da pesquisadora, da experiência de vida no espaço rural, permeada pelo monocultivo e que conseqüentemente influenciou a busca por melhores condições de vida no espaço urbano, do mesmo modo a graduação em Geografia permitiu ampliar os horizontes do saber e reavaliar os padrões sociais. Para esta pesquisa, utilizou-se a metodologia da pesquisa a análise documental em materiais videográficos. Como critérios de seleção dos documentários analisados, utilizou-se um recorte temporal de cinco anos, (2017 - 2020), considerando apenas materiais publicados e gravados no país. Foram selecionados sete documentários com a finalidade de entender e verificar a relação entre as agricultoras e a construção de outras paisagens. A partir da catalogação e análise das falas e depoimentos das agricultoras foi possível comprovar que mulheres produzem e constroem outras paisagens, aqui denominadas: útero-paisagem. No segundo capítulo, são apresentadas as sínteses sobre o conceito de paisagem, para tanto utilizamos autores como: Raul Alfredo Schier (2003); Reginado J. Souza (2018, 2019); Denis Cosgrove apud Roberto L. Corrêa (2014); Claudia Cambruzzi e Linda Rubim (2013); Euler Junior (2005); Adriana Serrão (2004, 2013, 2017); Jéssica Silva (2016); Dirce Suertegaray (2005), em que a paisagem representa uma construção subjetiva e irreptível envolvendo horizontes e perspectivas de vida. Para falar sobre agroecologia utilizou-se dos estudos e pesquisas desenvolvidos por Francisco Caporal (2009); Adriano Saquet (2008); Shaiane Gaboardi (2017); Benincá e Bonatti (2020); Altieri e Nicholls (2000); Fritjof Capra (2006) entre outros, a qual, se coloca como uma ferramenta de produção de identidade cultural produto da fusão entre a ciência, a prática e o movimento político, destacando a satisfação de ser e do fazer agricultura em outra perspectiva, se colocando como um contra movimento ao sistema de monocultivos. No capítulo três ao abordar a relação entre natureza, trabalho e mulheres desenvolve-se uma reflexão a respeito da relação do trabalho com as agricultoras, para tanto utilizou-se os estudos e pesquisas de, Daniele Kergoat (2009), Erika Apfelbaum (2009) a Emili Hirata e Rosana Corrêa (2019), Joseli Silva (2009), Donna Haraway (1993) e Jéssica Silva (2016). Para falar em mulheres paisagens ou útero-paisagens, precisamos nos indagar: mulher é paisagem? A partir desta reflexão e questionamento pessoal, lançaremos um olhar sobre as agricultoras como sujeitos de análise e leitura dentro do processo de construção de outras paisagens.

Palavras chave: Paisagem; agricultoras; agroecologia; feminismo.

Abstract

This research aimed to discuss the possibility of understanding women as active subjects in the process of transformation and construction of other landscapes in the context of agroecological production. The motivations arose from the life trajectory of the researcher, from the life experience in the rural space, permeated by the monoculture and the consequently influenced search for better living conditions in the urban space, in the same way the degree in geography made possible to broaden of horizons of knowledge and reevaluate social patterns. For this research, the methodology of the research used was documentary analysis in videographic materials. As selection criteria for the analyzed documentaries, a five-year time frame was used, (2017 - 2020), considering only materials published and recorded in the country. Seven documentaries were selected in order to understand and verify the relationship between farmers and the construction of other landscapes. From the cataloging and analysis of the speeches and testimonies of the farmers it was possible to prove that women produce and build other landscapes, here called: uterus-landscape. In the second chapter, the syntheses on the concept of landscape are presented, for both we use authors such as: Raul Alfredo Schier (2003); Reginado J. Souza (2018, 2019); Denis Cosgrove apud Roberto L. Corrêa (2014); Claudia Cambuzzi and Linda Rubim (2013); Euler Junior (2005); Adriana Serrão (2004, 2013,2017); Jéssica Silva (2016); Dirce Suertegaray (2005), in which the landscape represents a subjective and irreptible construction involving horizons and perspectives of life. To speak about agroecology we used the studies and research developed by Francisco Caporal (2009); Adriano Saquet (2008); Shaiane Gaboardi (2017); Benincá and Bonatti (2020); Altieri and Nicholls (2000); Fritjof Capra (2006) among others, to which, the product of the fusion between science, practice and political movement stands as a tool of production of cultural identity , highlighting the satisfaction of being and doing agriculture in another perspective, posing as a counter movement to the monoculture system. In Chapter Three, when addressing the relationship between nature, work and women, a reflection is developed about the relationship of work and farmers, for this purpose we used the studies and researches of Daniele Kergoat (2009), Erika Apfelbaum (2009) Emili Hirata and Rosana Corrêa (2019), Joseli Silva (2009), Donna Haraway (1993) and Jéssica Silva (2016). To speak of women landscapes or uterus-landscapes, we need to ask ourselves: Are women landscape? From this reflection and personal questioning, we will look outwards towards the female farmers as subjects of analysis and study within the process of building other landscapes.

Keywords: landscape; farmers; agroecology; feminism.

Lista de Siglas

ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural

CAPA - Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia

CETAP – Centro de Tecnologias Alternativas Populares

CETRA - Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador

DAP – Declaração de Aptidão ao Pronaf

EMATER - Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural

ERGA - Encontro Regional de Agroecologia

EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

GTP - Geossistema – Território- Paisagem

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisas e Econômica Aplicada

MMA- Movimento das Mulheres Agricultoras

MMC – Movimento das Mulheres Camponesas

ONG – Organização não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PANC's – Plantas Alimentícias não convencionais

SAF's – Sistemas Agroflorestais

SOF – Sempreviva Organização Feminista

UERGS - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UFFS –Universidade Federal da Fronteira Sul.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Mulheres na paisagem da agroecologia.	50
Fotografia 2: Contextos de produção agroecológica	51
Fotografia 3:Latifúndio no Brasil.	52
Fotografia 4: Marcha das margaridas	59
Fotografia 5: Horta do quintal de dona Efigênia Marco, documentário AS SEMENTES, (2017), município de Acaiaca/MG.	100

ORGANOGRAMAS

Organograma 1: - Estruturação da dissertação a partir dos capítulos pré-definidos.....	31
Organograma 2: Agroecologia uma ciência multidisciplinar em construção.....	47
Organograma 3: Exemplo de Agroecossistema.....	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista de documentários selecionados para a análise videográfica.	18
Quadro 2: Catalogação das falas e depoimentos do documentário “ As sementes”.....	22
Quadro 3: Catalogação das falas e depoimentos das entrevistadas no documentário: Semeadoras: as faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina.	23
Quadro 4: Catalogação de falas e depoimentos do documentário “Sozinhas – violência contra mulheres que vivem no campo.	24
Quadro 5: Catalogação das falas e depoimentos das entrevistadas do documentário: Feminismo e Agroecologia.	24
Quadro 6: Catalogação das falas e depoimentos documentário “Mulheres e Agroecologia”.	25
Quadro 7: Catalogação das falas e depoimentos das entrevistadas do documentário: “Caminhos da autonomia: Agroecologia e Feminismo no Vale do Ribeira”.	26
Quadro 8: Catalogação das falas e depoimentos das entrevistadas do documentário: “Sem feminismo não há Agroecologia”.....	29
Quadro 9: Definição do conceito de Paisagem	36
Quadro 10: Motivações para usar a agroecologia como um pilar na promoção do empoderamento feminino no campo.	52
Quadro 11: Mulheres assumindo espaços de liderança em movimentos agroecológicos.	56
Quadro 12: Transformação da relação familiar após a participação feminina na Marcha das Mulheres.	57
Quadro 13: Transformar o paradigma do trabalho na agricultura deve ser um movimento iniciado pelas mulheres.	61
Quadro 14: Autonomia a partir da participação no Movimento das Mulheres camponesas –MMC.	65
Quadro 15: Definições sobre o ser mulher.	70
Quadro 16: Relato sobre o descaso com a produção de alimentos realizada pelas mulheres.	75
Quadro 17: Relato da violência contra as mulheres agricultoras na região oeste de Santa Catarina.	76
Quadro 18: Relato sobre a violência e morte de agricultoras realizada pelos cônjuges.	77
Quadro 19: Relato sobre as barreiras do cotidiano das agricultoras.	78
Quadro 20: Relato da relação e falta de apoio familiar para o empoderamento e autonomia feminina.	78
Quadro 21: Relato sobre a mudança cultural na vida das agricultoras a partir da agroecologia	79
Quadro 22: Relato de opressão por parte de lideranças masculinas.	80
Quadro 23: Relato de violência contra a mulher no campo.	81
Quadro 24: Reconhecimento dos direitos das mulheres agricultoras.	85
Quadro 25: Relato sobre o início da produção de alimentos a partir da aplicação dos conhecimentos e saberes agroecológicos.	85
Quadro 26: Relato sobre o reconhecimento da agroecologia e suas práticas com as rotinas das agricultoras.	86
Quadro 27: Relato sobre os benefícios e economia financeira a partir do uso da agroecologia na produção de alimentos para a família.	86
Quadro 28: Relato sobre a resignificação do modo de viver no rural a partir a agroecologia e das possibilidades viabilizadas.	88
Quadro 29: Relato sobre o empoderamento feminino na produção de alimentos agroecológicos.	88
Quadro 30: Relato sobre o processo de consolidação do modelo agroecológico na família.	89
Quadro 31: A luta pela autonomia feminina diante da família.....	91
Quadro 32: Organização econômica das agricultoras a partir do uso das cadernetas agroecológicas.	92
Quadro 33: Relato sobre a invisibilidade na produção agroecológica feita pela agricultora próximo	93

Quadro 34: O discurso de dominação sobre a vida das mulheres.	94
Quadro 35: Reconhecimento da produção de alimentos no quintal de casa.	96
Quadro 36: Identificação das mulheres com a agroecologia.	97
Quadro 37: Consciência dos ganhos e da produção de alimentos realizada pelas agricultoras.	97
Quadro 38: O cuidado com a terra, uma identidade, um ato de amor.	98
Quadro 39: Depoimento sobre a mudança de perspectiva em relação as mães.	99
Quadro 40: Ressignificando os modos de viver, mudança de perspectiva quanto a paisagem do rural.	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1	22
1.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	22
CAPÍTULO 2 – PAISAGENS DA AGROECOLOGIA.....	36
2.1 AFINAL, O QUE É PAISAGEM?.....	36
2.2 Paisagem: olhar para o passado e o presente e pensar o futuro.	41
2.3 Afinal, o que é agroecologia?	47
2.4 Paisagens da Agroecologia: olhar para o passado e o presente e pensar o futuro.	56
Capítulo 3 – CONTESTANDO PARADIGMAS: NATUREZA, TRABALHO E MULHER	62
3.1 AFINAL, O QUE É NATUREZA?	62
3.2 O Trabalho como domínio da Natureza.....	65
3.3 Afinal, o que é Ser Mulher?	70
3.4 O trabalho feminino como empoderamento diante da Natureza	75
Capítulo 4 - Re-existir: Um olhar feminino sobre a transformação da paisagem em espaços de produção agroecológica.	79
4.1 A casa (confinamento) e a paisagem.....	80
3.3 O trabalho e a paisagem – mudança de perspectiva	89
4.4 O reconhecimento e a afirmação das lutas.	96
4.5 Finalmente, a Agricultora é Paisagem ?	102
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
Referências:	113

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca entender se de fato as agricultoras se percebem enquanto sujeitos ativos no processo de transformação da paisagem e a partir desta análise ressignificar os modos de produção e de viver no espaço rural visando a construção de uma relação harmônica com a natureza bem como, entender como a função das redes de comunicação que interligam várias outras redes em escala mundial, de consciência, de consumo, de alimentação, de nutrição se transformam em um meio de reconhecimento das mulheres como protagonistas deste processo revelando a autonomia diante da família e dos modos produtivos.

Para tanto, este estudo vai percorrer não somente pela Geografia, mas também buscará na Filosofia (Friedrich Engels (1984), Vandana Shiva (2016); Angela Davis (2016), Alfred Whitehead (1993), Simone de Beauvoir (1970), Donna Haraway (1991,1993, 2009), Edgar Morin (1977), Adriana Serrão (2004, 2013,2017)), na Sociologia (Heleieth Saffioti (1976), Maria I. S. Paulilo (2009), Georg Simmel (2009),) História (Eileen Boris (2014), Alexandra Pingret (2010), Gerda Lerner (2019)), e na Antropologia (Marcela Lagarde, 1999), aportes teóricos para dar o embasamento necessário aos pensamentos e conclusões que serão extraídas das análises realizadas em documentos videográficos.

A paisagem, é uma construção humana, neste sentido, o aprofundamento desta análise considera os elementos físicos, ressaltando os aspectos sociais e subjetivos de cada indivíduo, deste modo, buscar-se-á entender o que a paisagem representa e significa para as mulheres e como estas, a partir da construção da sua autonomia diante da família, transformam e constroem outras paisagens.

Desta maneira, propõe-se analisar quais são as paisagens que as mulheres produzem sobre contextos agroecológicos, a partir das funções e tarefas que desenvolvem tanto na unidade familiar como em espaços coletivos, nas feiras, em núcleos de agroecologia e em eventos organizados por e para mulheres.

A agroecologia, segundo Francisco Caporal e Costabeber (2004, p.8) “se refere ao estudo de fenômenos puramente ecológicos que ocorrem no âmbito dos cultivos, traduzindo seu enorme potencial de aplicação para resolver questões tecnológicas e favorecer o desenho e a gestão de agroecossistemas sustentáveis”. Para além desta definição técnica, pretende-se verificar se a agroecologia pode ser utilizada para resgatar os saberes ancestrais e reaproximar o ser humano do contato com a sua natureza.

Atualmente o uso da agroecologia enquanto ciência para produção de alimentos livres de agrotóxicos se destacam em todas as regiões do Brasil, tendo em vista, que são as mulheres quem iniciam a produção de alimentos a partir dos conceitos da agroecologia, são elas quem iniciam movimentos e

organizações a nível regional, estadual ou nacional em busca da garantia dos direitos das trabalhadoras rurais, do reconhecimento das atividades e produção de alimentos como trabalho e da conquista da autonomia financeira diante da família, trazendo visibilidade para esses sujeitos que exercem uma função importante no espaço rural, resgatando os saberes e conhecimentos dos povos tradicionais que, a partir do avanço da produção pautada no monocultivo e fomentada pelas transnacionais muitos saberes foram perdidos, assim como boa parte das sementes crioulas foram extintas ou deixadas de cultivar, desse modo, as agricultoras exercem a função de garantir a continuação da diversidade agrícola e de saberes locais, uma vez que são elas quem iniciam o processo de cultivo e comercialização de produtos orgânicos¹ e agroecológicos.

Por meio da agroecologia enquanto ciência multidisciplinar, que envolve também o ato de cuidar, colher e comercializar o excedente produzido nas unidades familiares, as agricultoras conquistam espaços na busca por igualdade social, representando uma possibilidade de ir contra o sistema de monocultivo agrícola, pautada na produção de grãos para os mercados internacionais e não para suprir a necessidade de alimentos, se colocando, deste modo como um contra movimento à produção de alimentos convencional.

A agroecologia enquanto conhecimento científico pode permitir o entendimento da relação entre as pessoas e a paisagem, o que implica a construção de uma análise geográfica sob a perspectiva feminista, destacando o papel da mulher na produção de outras paisagens relacionadas á um novo modo de produzir a vida e para a vida, neste sentido, ela “opera” na vida de algumas mulheres a partir da apropriação de técnicas agroecológicas, a partir da produção que gera renda, do fortalecimento dos vínculos afetivos entre os familiares e com a comunidade onde vivem, na valorização da satisfação de ser e do fazer no espaço rural.

Neste tocante, propõe-se construir uma leitura geográfica analisando a transformação da paisagem a partir de uma perspectiva feminista em espaços de aplicação dos conhecimentos agroecológicos, repensando o conceito de paisagem como categoria de análise espacial, considerando-a como uma chave de interpretação das ideias, das ações e da organização política de mulheres, concretizadas

1 Segundo informações do IPEA, 2020, existe uma controvérsia, tanto do ponto de vista acadêmico quanto ideológico e político, em relação às terminologias empregadas para designar os produtos orgânicos ou agroecológicos no Brasil, como destacam Anjos e Caldas (2017). Assim, a agricultura orgânica se baseia em um sistema de produção que objetiva manter a produtividade agrícola sem o uso de insumos químicos industriais (fertilizantes, agrotóxicos etc.) com padrões e sistemas de mercado bem estabelecidos (ben e Nicholls, 2003). Enquanto a agricultura agroecológica, ou melhor, a agroecologia, busca alternativas não somente para os aspectos técnico-agronômicos, mas também abrange dimensões sociais, econômicas e culturais (Niederle, Almeida e Vezzani, 2013; Anjos e Caldas, 2017). Desse modo, propõe um projeto e um manejo sustentável dos agroecossistemas aplicando conceitos e princípios ecológicos vinculados a propostas alternativas de desenvolvimento local de maneira participativa. Isso permite impulsionar formas de produção e comercialização de alimentos e demais produtos agropecuários que contribuam na resposta a atual crise ecológica e social nas áreas rurais e urbanas (Guzmán e Montiel, 2010). De qualquer modo, a legislação brasileira optou pelo termo orgânico, que aglutinou as diferentes agriculturas de base ecológica (biodinâmica, biológica, natural, agroecológica, permacultura, entre outras).

em novas materialidades paisagísticas, apontando uma abordagem diferente para além da vertente da Geografia Física² sobre este conceito.

O conceito de paisagem será abordado dentro de uma perspectiva sociocultural, entendendo-a a partir das construções sociais, ou seja, um vínculo com os elementos da natureza em determinado espaço, para tanto serão utilizadas as pesquisas e trabalhos de autores como Raul Alfredo Schier (2003); Reginado J. Souza (2018, 2019); Denis Cosgrove apud Roberto L. Corrêa (2014); Claudia Cambruzzi e Linda Rubim (2013); Euler Junior (2005); Adriana Serrão (2004, 2013, 2017); Jéssica Silva (2016); Dirce Suertegaray (2005).

Nesta perspectiva, a paisagem, segundo os autores citados, compreende um conceito complexo, uma vez que, exige um detalhamento e abstração do investigador para entender a construção do seu significado no subconsciente de cada ser. Neste sentido, Reginado J. Souza (2019) destaca que a paisagem representa,

[...]uma passagem ao espírito da contemplação. Se tentarmos romper essa janela ou fazer dela uma porta, a paisagem vira outra. A paisagem, inclusive, sempre nos escapa ao toque ou à penetração do nosso corpo nela. Isso só acontece porque ela é um escape da Terra (landscape) para os céus, em um sentido metafórico de elevação da terra observada em nossa contemplação que confere significado humano (de experiência humana no mundo) ao espaço abstrato (SOUZA, 2019, p.28).

Desta maneira, objetiva-se compreender como as paisagens agroecológicas se constroem a partir da atuação das mulheres nas frentes de produção de alimentos pautados na aplicação dos saberes e conhecimentos da agroecologia, bem como, analisar como estas percebem suas ações dentro das unidades familiares ou em espaços públicos.

Pretende-se entender como as relações dentro da unidade familiar interferem na construção social de ser mulher e sua atuação na transformação dos modos de viver, acreditando na agroecologia enquanto possibilidade de ressignificar o papel da mulher enquanto produtora, ou seja, no entendimento da materialização de paisagens carregadas de significados quando por exemplo, começam a se sentir parte integrante do modelo produtivo, quando recebem um retorno financeiro a partir da comercialização dos produtos agroecológicos e quando são reconhecidas pelo seu trabalho dentro da unidade familiar.

A partir disso, relaciona-se a produção de alimentos – produção de paisagens por mulheres ao intuito maior desta pesquisa em recompor uma Geografia de base feminista pautada nas geografici-dades da produção agroecológica.

Neste sentido, metodologia utilizada será a da “pesquisa qualitativa a qual, preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação

2 Ou seja, a paisagem como sistema naturalista (geossistema ou ecossistema), geralmente compreendida como recorte de análise para compreender as interações de matéria e energia entre fatores bióticos, abióticos e impactos humanos. O que, de fato, não deixa de ser uma importante abordagem. No entanto, para os fins desta pesquisa, será valorizada uma perspectiva paisagística centrada em um debate político sobre o ser mulher no trabalho agroecológico.

da dinâmica das relações sociais ” (Gerhardt, 2009, p.32). Para atingir os objetivos propostos, serão utilizados entre os métodos de coleta de informações, materiais videográficos. Neste sentido, a pesquisa será baseada em sete documentários contendo relatos de mulheres produtoras agroecológicas, durante a análise dos documentários considerou-se o tom de voz das agricultoras, onde elas estavam no momento da entrevista, como elas se posicionam quanto ao tema da agroecologia e das lutas feministas no rural.

As motivações deste estudo compreendem a trajetória de vida da pesquisadora, construída no espaço rural, em meio a produção agrícola convencional (monocultura de soja, milho e trigo), onde a negação da função da mulher no espaço da unidade familiar enquanto produtora agrícola persiste, o não reconhecimento da mulher no contexto rural, caracteriza-o como um lugar predominantemente masculino no qual a mulher não é enxergada, em que existe a negação de todo trabalho desenvolvido dentro de casa, ou seja, desde o cuidado dos filhos, da alimentação, o cuidado com os animais (bois, vacas, galinhas, porcos, ovelhas), bem como o plantio de verduras e legumes e a comercialização dos mesmos que muitas vezes não são consideradas como trabalho.

A escolha do conceito de paisagem surgiu, após um diálogo com um colega do curso de Geografia, o qual citou seu trabalho de conclusão de curso baseado no conceito de paisagem, assim, surgiu um interesse em aprofundar os estudos sobre este conceito. Desde então comecei a buscar textos e referências sobre a paisagem, nesta busca encontrei o prof. Dr. Reginaldo José de Souza, o qual, desenvolve uma abordagem filosófica entendendo a paisagem enquanto potencialidade para uma análise crítica da realidade. Além da paisagem, este estudo envolve duas outras temáticas: as mulheres e a agroecologia. A agroecologia foi tomada como temática por trazer uma discussão sobre outra lógica de produção e consumo, e as mulheres foram inseridas neste estudo objetivando entender, ver e valorizar o olhar do “outro” (Beauvoir, 1970).

Segundo Reginaldo J. Souza (2019), [...] “a paisagem começa nos olhos”, afinal sem os olhos, sem a visão a paisagem não tem o mesmo sentido. Por meio da paisagem é possível “voltar” no tempo, repensar situações, conflitos e momentos vivenciados, como admirar o mar com montanhas ao lado, a floresta recobrando os morros, pássaros voando, o vento leve no rosto. Mas, segundo o mesmo autor a paisagem têm também um sentido político de reconhecimento da vida comum, do que deve ser visto no território para que se tenha uma vida distante das imensas desigualdades sociais.

E as mulheres? Por que escolher as mulheres? Entre o início da graduação e a aprovação no mestrado passaram-se nove anos, nesse tempo entendi que as diferenças observadas entre homens e mulheres, seja na unidade familiar ou nos lugares frequentados (trabalho, universidade, restaurantes, bares, eventos), eram na maioria das vezes, desigualdades ocorridas por uma questão de identificação sexual (homem - mulher). O entendimento das diferenças e desigualdades sofridas por mulheres cis

gênero e sobre o que é o feminismo ocorreram por meio de leituras, conversas e palestras, tanto em espaços da universidade ou em eventos do curso de Geografia.

Outra motivação para abordar a questão das mulheres e do feminismo ocorreu após 2018, ao realizar uma especialização em Sociedade, Ambiente e Desenvolvimento, pela UERGS, foi possível perceber durante a pesquisa de campo que ao questionar as famílias sobre assuntos referentes a unidade familiar, em que as mulheres também estavam presentes, raras vezes respondiam alguma questão, a maioria das informações eram dadas pelos homens da casa, mesmo quando havia uma pergunta básica da unidade familiar como por exemplo, há quanto tempo residiam no local, estas foram as motivações para entender a paisagem a partir da perspectiva das mulheres no espaço rural.

As experiências vividas proporcionadas por meio da graduação em Licenciatura - Geografia, possibilitando o contato com autores e pesquisadores que discutem e analisam as relações sociais estabelecidas em diferentes contextos, dentre eles, o contexto da produção orgânica e da permacultura, possibilitando entender como as mulheres buscam a autonomia e se posicionam quanto a questão da produção de alimentos baseados na agroecologia.

Entre os caminhos abertos por meio da graduação em Geografia, foi possível ter acesso ao conhecimento e produção científica de Vandana Shiva, que representa no cenário internacional, uma resistência contra o monocultivo e a invisibilidade das mulheres em frentes de produção de alimentos, esta cientista, trabalha com o conceito de *eco feminismo*, assim como outros autores e autoras que trabalham com o conceito de paisagem e a definição de agroecologia.

A agroecologia se coloca como uma alternativa da agricultura familiar para se manter no rural em meio ao avanço do monocultivo agrícola pautado na produção de *commodities*, possibilitando repensar o futuro da humanidade minimizando as desigualdades sociais e o problema da fome, uma vez que esta técnica serve para ressignificar o uso da terra, a nossa relação com a natureza e reduzir a escassez de alimentos.

Ao participar do Encontro Regional de Agroecologia - ERGA em Maquiné/RS, 2019, foi possível observar quais eram as bandeiras da agroecologia nos três estados da região Sul do Brasil, comecei um trabalho de observação dos lugares ocupados pelas mulheres no evento, se estavam como palestrantes, como ouvintes, quais os espaços de poder eram ocupados por aquelas que estavam na comissão organizadora, neste evento, foi possível observar que na prática o evento ficou centralizado na figura masculina, essas observações e análises pessoais impulsionaram o anseio por entender como as mulheres agricultoras se veem dentro do movimento de produção de alimentos que aplica os conhecimentos da agroecologia enquanto ciência no Brasil e tem como um dos pilares a questão antropológica, ou seja, as relações e atuações dos humanos no agroecossistema.

Após o evento foi possível realizar algumas reflexões, e questionamentos dentre os quais, pensar como é ser mulher e viver no espaço rural sobretudo no contexto de produção agroecológica.

Será que as mulheres se percebem como agentes produtores de outras paisagens na agroecologia? Existem elementos que impeçam as mulheres de se posicionarem como produtoras de paisagens e de saberes através da agroecologia? E se existem quais são esses elementos?

Mesmo as mulheres estando presentes no processo produtivo, que compreende também a reprodução de saberes, ou seja, a aplicação de técnicas e conhecimentos que são passados de geração em geração, no senso comum percebe-se uma resistência destas mulheres em reconhecerem-se enquanto protagonistas desse modelo produtivo representando a perda de identidade com o lugar e com a paisagem, ou seja, estas, não se reconhecem como sujeitos ativos mesmo exercendo diversas atividades dentro da unidade familiar.

A compreensão sobre o empoderamento feminino defendida nesta pesquisa, está apoiada em teóricas como: Maria da Graça Costa (2017), Simone de Beauvoir (1970), Heleith Saffioti (1976), Donna Haraway (1991), entre outras, as quais, o entendem como a definição de força e coragem dada por mulheres e entre mulheres para que estas, se sintam capazes de assumir os papéis e funções que geralmente são ocupados por homens, bem como para que se sintam seguras em assumir funções e papéis que a maioria das pessoas não assume, como, por exemplo, o controle de uma unidade familiar, de produzir alimentos, entre outros.

Destaca-se a esperança da agroecologia servir como ferramenta política para minimizar problemas sociais e da humanidade, como a fome, a miséria e a perda de vínculos sociais. Deste modo, com o intuito de analisar as relações desiguais que se estabelecem no espaço rural a partir da reprodução do patriarcado, a geógrafa Joseli da Silva (2009), foi referenciada para compreender a trajetória dos estudos geográficos feministas desde os anos de 1960 no contexto brasileiro, a autora destaca que o patriarcado, é o sistema que hierarquiza as relações, enfatizando a supremacia da figura masculina sobre a feminina que abrange diversos sistemas, entre eles, sistemas econômicos, jurídicos e até questões sobre o exercício da sexualidade feminina.

Cabe ressaltar que a construção desta pesquisa aconteceu no contexto pandêmico entre os anos de 2020 e 2021, deste modo, a estruturação do conteúdo sofreu algumas adaptações na proposta original para que a pesquisa fosse concluída, assim sendo, foram utilizados documentos videográficos no intuito de selecionar depoimentos e falas de agricultoras que trabalham com o uso da agroecologia como de agricultoras que trabalham no modelo convencional, pacotes tecnológicos da Revolução Verde, e a partir disso tecer considerações sobre a conexão: Paisagem, agroecologia e mulheres.

A estruturação da dissertação se desenhou da seguinte maneira: o capítulo um trata dos aspectos metodológicos da pesquisa, da seleção dos documentários e falas de cada agricultora. O segundo capítulo traz uma análise sobre a definição do conceito de paisagem e agroecologia, pensando

sobre os materiais já produzidos (passado) entendidas como paisagens desoladoras pautadas na produção de commodities, para propor perspectivas futuras paisagens nutridoras constituídas a partir da aplicação da agroecologia por agricultoras que ressignificam os modos de viver e construir suas trajetórias de vida, o terceiro capítulo aborda a questão da relação das mulheres com a natureza questionando o paradigma natureza - trabalho - mulheres tecendo uma reflexão sobre os conceitos de natureza e mulheres bem como refletindo sobre o feminismo e como esse movimento interfere politicamente nas decisões e maneiras como as mulheres irão estabelecer e buscar espaços de atuação dentro e fora das unidades familiares, por fim, no quarto capítulo, são analisados os materiais videográficos explorando e entrelaçando as análises com os conceitos abordados nos capítulos dois e três, para então se falar em Útero-paisagens, aquelas que surgem a partir da inserção das mulheres no espaço, moldando, transformando e propondo outras paisagens.

CAPÍTULO 1

1.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Ao Ar

Buscando esclarecer a questão da desigualdade social que impera sobre as agricultoras no contexto rural do Brasil, serão utilizados os estudos e pesquisas de alguns autores e autoras que fazem essa discussão e análise no âmbito científico, como, os estudos de Emma Siliprandi (2016) e Maria da G. Costa (2017), estas autoras abordam a relação das mulheres com a agroecologia. Foi possível observar a partir dos depoimentos das agricultoras que apesar de estarem participando ativamente na produção de alimentos estas, inicialmente não assumem o papel de transformadoras da realidade rural, que inclui a transformação da paisagem.

Neste sentido, esta pesquisa visa discutir e apresentar informações sobre a atuação das mulheres frente a rede que se estabelece diante da produção de alimentos utilizando a agroecologia como base teórica e metodológica e sua aplicação em paisagens rurais, bem como entender como ocorre o processo de descobrir a paisagem rural como uma possibilidade de nutrir-se dela.

Segundo Rose Marie Muraro (1969), a transformação da sociedade estaria pautada na atuação das mulheres, a autora aponta um “feminismo da fome”, presente em sociedades em que a estrutura de classes está presente, sendo a impulsionadora de um movimento de liberação, o qual, só seria eficaz se, assumido pelas mulheres das camadas menos favorecidas e integrasse um movimento contra a estrutura de Estado e do patriarcado.

Como metodologia, será utilizada a análise documental, Nadja Silva et al, (2014, p.515), destacam que, “[...] a videografia é uma ferramenta muito importante para captura da dinâmica na análise da interação humana. [...] o vídeo dá ênfase ao funcionamento do indivíduo e possibilita o enfoque tanto nas condições sociais da situação quanto nas relações subjetivas”.

Ou seja, a análise dos documentos videográficos permite e possibilita entender além do discurso, perceber detalhes e informações que em uma entrevista presencial podem passar despercebidos, como por exemplo um gesto, uma expressão facial ou a entonação de voz, assim sendo, os autores apontam que,

Nos vídeos, os elementos não verbais desempenham então um papel imprescindível na apreensão do que está sendo dito. A entonação da voz, a velocidade da fala, os gestos, as expressões faciais, entre outros elementos, compõem o ato de expressar um pensamento e se relacionam de várias maneiras com o enunciado verbal, enriquecendo o nível de detalhamento na análise do fenômeno (SILVA et. al. 2014, p. 516).

Nesta perspectiva, para a seleção dos materiais videográficos, utilizou-se os critérios desenvolvidos por Nara Rodrigues (2015, p. 36), a qual, elaborou um estudo sobre as tecnologias virtuais e a análise videográfica utilizando o @youtube como recurso de pesquisa. A autora elaborou 5 categorias “com base nas características dos vídeos selecionados no site YouTube®, compreendendo: 1) Reportagens, 2) Vídeos de imagens e filmes, 3) Propagandas, 4) Entrevistas, 5) “Outros”.

[...] a categoria 1- Reportagens também associada ao conteúdo jornalístico “refere-se ao levantamento de assunto político ou social, na tentativa de explicá-lo. [...] A categoria 2- Vídeos de imagens e filmes: incluídos os vídeos compostos por pequenas dramatizações caseiras, ou teatrais, filmes e vídeos caseiros filmados de modo amador [...]. Na categoria 3 - “Propagandas: foram incluídos os vídeos que promoviam a difusão de ideias, de princípios, a divulgação de produtos e de eventos” [...], categoria 4 – Entrevistas: “contou com vídeos caracterizados por conter a presença de um repórter” [...], -“ Categoria 5) Outros: foram inseridos os vídeos que não se adequaram às demais categorias, sendo assim, ficaram agrupados de modo diferenciado” (RODRIGUES 2015, p.38).

Baseando-se nas categorias desenvolvidas por Nara Rodrigues (2015), foram selecionadas as categorias dois, quatro e cinco por estarem alinhadas com o intuito desta pesquisa. Os documentários selecionados demonstram parte da trajetória de vida das agricultoras incluindo a participação em movimentos das mulheres agricultoras, a criação de grupos de apoio em relação ao uso e aplicação da agroecologia como ciência e ferramenta de ressignificar os modos de viver no campo, promovendo a conquista da autonomia financeira.

Para tanto, realizou-se uma busca na plataforma *google* selecionando materiais videográficos com as seguintes *tags*: agroecologia, mulheres e paisagem. Foram encontrados 218 materiais videográficos, contendo documentários, *lives*, seminários, simpósios, eventos regionais, jornadas, depoimentos e vídeos explicativos.

Os documentos selecionados envolviam o tema da agroecologia e temas complementares como: produção de alimentos, sustentabilidade, soberania alimentar, meio ambiente, feminismo, plantas alimentícias não convencionais, marcha das mulheres, povos indígenas, permacultura, ecologia, preservação, sementes crioulas, agricultura familiar e afins, os resultados compreendem um universo de 12 anos, ou seja, materiais publicados a partir de 2009, entretanto como critério de seleção, utilizamos apenas materiais gravados no território brasileiro e publicados a partir de 2017, em função da atualidade do material pesquisado.

Deste modo, foram selecionados os vídeos que destacavam os relatos de agricultoras que trabalham com a produção de alimentos a partir da aplicação dos saberes agroecológicos enquanto uma possibilidade de transformar o espaço rural e garantir autonomia às agricultoras diante da família, restando sete documentários, elencados no quadro abaixo:

Quadro 1: Lista de documentários selecionados para a análise videográfica.

Nome do documento	Local e data de gravação	Tempo de duração	Link de acesso
As Sementes	2017, Ibi-aça/RS, Camamu/BA; Mossoró/RN e Acai-aca/MG.	30:32 mint	https://www.youtube.com/watch?v=kCbfeqyKEms
Semeadoras: as faces do movimento de mulheres camponesas no oeste de Santa Catarina	2021, Região Oeste de Santa Catarina	39:03 mint	Link: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/222910
Sozinhas – violência contra mulheres que vivem no campo	2017, Região Oeste de Santa Catarina	7:40 mint	< https://www.youtube.com/watch?v=XEuJ9XT2yX8 > acesso em 18 de novembro de 2021.
Feminismo e Agroecologia	2017 Pará.	19:35 mint.	https://www.youtube.com/watch?v=WHZ3bilGJd4&list=PLD-yx2VtIEVyByjot5IP96EI19j71uC9Z&index=4&t=398s
Mulheres agroecologia Documentário	20 dez. 2018. Região de Ivaiporã/PR.	57:24 mint.	https://www.youtube.com/watch?v=S9IinnYa5Pw&list=PLD-yx2VtIEVyByjot5IP96EI19j71uC9Z&index=15 acesso em setembro 2021
Caminhos da autonomia: agroecologia e feminismo no vale do Ribeira	Mai 2018 Vale do Ribeira/SP	23:56 mint	https://www.youtube.com/watch?v=GG52oweD3e0
Sem feminismo não há agroecologia	Abril de 2019, Itapipoca/Ce	4:41 mint	Link de acesso:< https://www.youtube.com/watch?v=6QoBQCJUrTM&list=PLD-yx2VtIEVyByjot5IP96EI19j71uC9Z&index=36 > acesso em dezembro 2021

Organização: Izabela Fagundes, 2022.

A análise dos vídeos tem por intuito, abrir um horizonte de investigação pautado na necessidade de dimensionar uma Geografia amparada na valoração do papel da mulher em espaços que primem pela aplicação da ciência agroecológica e como isso reflete na produção de paisagens que evidenciem a luta pelo reconhecimento feminino no entrecruzamento de dois grandes desafios: a afirmação da importância da mulher em um mundo cuja masculinidade é determinante política e a afirmação da mulher na produção de alimentos e paisagens em contraponto ao modelo imposto a partir das corporações e empresas transnacionais que se baseiam na agricultura industrial ou seja no monocultivo e na tecnificação da produção de grãos, o que de fato não resolve o problema social da fome e das desigualdades sociais.

A seguir serão apresentadas as sínteses de cada um dos documentários elencados acima. O documentário, *As sementes*, gravado em 2015 e publicado em 2017, com duração de 30:32 minutos, o vídeo foi dirigido por Beto Novaes e Cleisson Vidal e o apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário e a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina- EPAGRI, com duração de 30:32 minutos, este documentário traz o relato de quatro mulheres das regiões, Sul, Sudeste, Nordeste e Norte do país, destacando os percursos de vida destas agricultoras sobre suas lutas em busca de uma outra forma de viver no espaço rural a partir da aplicação dos conceitos e saberes propostos pela ciência agroecológica, a qual, serviu como inspiração para resgatar os saberes femininos e a conexão com a terra, ou seja, o empoderamento feminino.

O documentário, *Semeadoras: As faces do movimento de mulheres camponesas no oeste de Santa Catarina*, 2021, demonstra a luta diária de mulheres agricultoras no oeste de Santa Catarina para firmar as bases do movimento feminista. Nos relatos, observa-se uma indignação e revolta das entrevistadas quanto ao descaso da sociedade e dos companheiros com as lutas feministas, as mesmas, alertam para o árduo trabalho de base realizado em parceria com igrejas católicas e com a criação do movimento das mulheres camponesas³ para alcançar o empoderamento e a autonomia, bem como, expandir as pautas e difundir esses saberes à outras mulheres do campo. Este documentário é fruto da conclusão da graduação em jornalismo de Eliza Della Barba e Luiza Monteiro, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2021.

O documentário, *Sozinhas – violência contra mulheres que vivem no campo*, foi produzido pelo Diário Catarinense, publicado em 2017, o documentário tem 7:40 minutos de duração, com a

³ Segundo o dicionário do campo, o modo de produção camponesa, tem como centralidade a reprodução social dos seus trabalhadores diretos, que são os próprios membros da família, apresentam uma racionalidade distinta daquela das empresas capitalistas, que se baseiam no assalariamento para a obtenção de lucro(p.29).

Por sua vez, segundo o dicionário do campo, o termo agricultura familiar corresponde “as formas de organização da produção em que a família é ao mesmo tempo proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas. Essa condição imprime especificidades à forma de gestão do estabelecimento, porque referência racionalidades sociais compatíveis como atendimento de múltiplos objetivos socioeconômicos; interfere na criação de padrões de sociabilidade entre famílias de produtores; e constringe certos modos de inserção no mercado produtor e consumidor (p. 35).

repórter Ângela Bastos, editora: Julia Pitthan editor de vídeo, Chico Duarte, Repórter fotográfico: Felipe Carneiro e designer digital: Mariana Santos, e demonstra a realidade de muitas agricultoras na região oeste de Santa Catarina, a violência e agressão sofrida por muitas mulheres feita pelos próprios companheiros.

O documentário *Feminismo e Agroecologia*, publicado em 2017, duração de 19:35 minutos, aborda a importância da agroecologia para as mulheres, o vídeo mostra a elaboração de croquis das unidades familiares, feito pelas participantes, descrevendo todos os elementos que compõem a paisagem do entorno: árvores frutíferas, como o açaí, os jardins, a casa, o curral, a distância que a unidade familiar está da via de acesso principal, a horta, o acesso aos locais de produção e cultivo de dendê/dendezal.

No documentário são problematizadas as questões da retirada desses campos de cultivo de dendê e a quem interessa a destruição dessas áreas: (Cargil, Monsanto). A agroecologia é vista como uma possibilidade de construção da autonomia, de independência das agricultoras e uma forma de não desistirem diante das atitudes e falas machistas em locais como as associações em que os homens colocam empecilhos na luta das agricultoras.

O documentário, *Mulheres e Agroecologia*, publicado em 2018, é produto de um trabalho de conclusão de curso, intitulado: Mulheres e Agroecologia: O papel das mulheres e suas histórias na construção de unidades familiares agroecológicas na região de Ivaiporã-PR, o material possui 57:24 minutos de duração. O documentário foi produzido por estudantes do Instituto Federal de Ivaiporã – IFPR/ Ivaiporã, PR. O material apresenta a trajetória de vida de três agricultoras que demonstraram ter persistência no início da produção agroecológica quando recordam os desafios superados para transformar a unidade familiar em um espaço de produção 100% agroecológica.

Nos relatos percebe-se a preocupação com as gerações futuras, com a garantia de alimentos saudáveis (sem agrotóxicos), contando com o apoio do curso de agronomia do Instituto Federal de Ivaiporã/PR, destacando a importância do apoio do instituto federal para fortalecer a rede produtiva e cooperar para a construção de uma outra relação ser humano natureza, a partir da agroecologia, infelizmente os nomes completos das entrevistadas não constam no documentário.

O documentário, *Caminhos da autonomia: Agroecologia e Feminismo no Vale do Ribeira*, é um curta-metragem, gravado na região do Vale do Ribeira, localizada no sul do Estado de São Paulo. O documentário é uma síntese do trabalho da Sempre Viva Organização Feminista – SOF, entre os anos de 2015 até 2017, na construção da autonomia a partir da agroecologia e do feminismo com agricultoras da região. O vídeo, com duração de 23:56 minutos, mostra um pouco do cotidiano das mulheres e as mudanças que aconteceram em suas vidas a partir da participação em reuniões e projetos desenvolvidos pela SOF, em associações de moradores quilombolas, levando conhecimento

e saberes para que estas, consigam se empoderar do processo produtivo. O vídeo foi publicado em abril de 2018 na plataforma do *Youtube*, contando com o apoio de: Christian ald, British council newton fund, institut de recherche pour le developpement france, swiss network for international studies. Sobre a produção e direção de : Armazén Memória e Helena Zelic, com roteiro de: Mirian Nobre, Isabelle Hillenkamp e Helena Zelic. Imagens: Helena Zelic, Glaucia Marques, Natália Lobo, Paqué Viola, Carla vitória e Arquivo da SOF. Entrevistadas: Angelica Silva do Carmo, Arlete Pedroso Silva do Carmo. Beth Cardoso, Daniela Gonçalves da Silva, Dilma Rosa de Lima, Glaucia Marques, Jane Aparecida de Souza, Isabelle Hillenkamp Lauriti de Moura, Lucineia Freitas, Maria Izaldite Dias, Mirian Nobre, Nilce Pontes Pereira, Noeli Oliveira de Lima, Noemi Krefta, Sheyla Saori, Vera Lucia Lourenço Costa, Verônica Santana, Zenaide Dias Gonçalves.

O documentário, *Sem feminismo não há agroecologia* (2019), foi produzido pelo Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador – CETRA, possui duração de 4:41 minutos e foi produzido no município de Itapipoca/Ceará. No curta-metragem são apresentados os resultados da atuação da SOF, em parceria com o CETRA, na construção e aplicação de uma política pública específica para as mulheres agricultoras, para tanto, realizaram diversos cursos de formação em agroecologia com as agricultoras, que estão ressignificando o trabalho rural a partir da aplicação dos saberes da agroecologia tendo o apoio de instituições e órgãos parceiros para fortalecer o processo de empoderamento feminino, neste sentido, os depoimentos das agricultoras demonstram que a agroecologia transformou suas vidas para melhor, possibilitando uma mudança na maneira de pensar e viver no espaço rural, acreditando na agroecologia não só enquanto ferramenta para ter qualidade de vida, mas como uma base para adquirir autonomia na produção de alimentos.

Após seleção dos vídeos, as agricultoras serão apresentadas, o tempo e um breve resumo das falas selecionadas, uma vez não foi possível utilizar todas as falas na íntegra, devido aos relatos, em alguns casos serem extensos, ou nem sempre estarem de acordo com a análise desta pesquisa. Assim sendo, considerou-se a relevância dos relatos e a relação das falas com a agroecologia, a paisagem ou natureza e o feminismo. Para tanto, foram elaborados 7 quadros contendo o tempo de fala e uma breve descrição do conteúdo das falas.

Quadro 2: Catalogação das falas e depoimentos do documentário “ As sementes”.

Documentário: As Sementes		
Tempo	Descrição do entrevistado	Descrição da Fala

13:30 – 14:46; 15:16 – 16:24; 18:00 – 18:33; 18:35 – 18:55; 20:34 – 20:56; 21:58 – 23:48; 25:54 – 26:14; 27:40 – 27:57;	Maria Andrelice Silva dos Santos (Deo) Assentamento Dandara dos Palmares, Município de Camumu (BA)	Fala das barreiras sociais cotidianas relacionadas a falta de apoio dos maridos, a quantidade de filhos e a falta de conhecimento (analfabetismo). Evidencia a realidade dos povos tradicionais, e seus saberes, destacando os quilombolas. Destaca a produção de alimentos agroecológicos associado a identificação das mulheres com a questão da preservação da natureza e do lugar da produção: o quintal de casa, a horta.
2:15 – 4:03; 4:07 – 4:42; 5:05 – 5:37; 18:00 – 18:30; 19:57 – 20:18; 21:07 – 21:00; 24:34 – 24:47; 25:31 – 25:53; 26:13 – 26:45;	Neneide Lima Assentamento Mulunguzinho, em Mossoró (RN)	Aponta a importância da agroecologia nas vidas das mulheres, ressaltando o ganho financeiro e a independência diante da família. Porém destaca a resistência dos companheiros em aceitar que elas saiam de casa para participar de mobilizações, de eventos ou então para trabalhar em espaços coletivos de produção agroecológica com outras mulheres.
0:31 – 1:01; 1:39 – 2:01; 5:54 – 8:47; 8:57 – 9:29; 19:30 – 19:50; 20:58 – 21:06; 23:49 – 24:33; 24:48 – 25:30; 27:07 – 27:38; 28:04 – 29:32.	Izanete Colla Comunidade São Francisco do Planalto, em Ibiacá (RS)	Destaca a transformação que ocorreu na sua vida a partir da participação em movimentos de mulheres camponesas, todos os aprendizados e saberes adquiridos, a importância da criação de grupos de mulheres que se fortaleçam na luta pelo empoderamento e autonomia feminina no campo, e ressalta que muitas vezes a família não apoia ou incentiva a participação das mães/ mulheres nos movimentos, ou marchas associadas a agroecologia.
9:34 – 10:13; 11:09 – 13:33; 18:35 – 19:19; 19:47 – 15:47; 21:20 -21:47.	Efigênia Tereza Marco (Fifi) Acaiaca (MG)	Fala do processo de construção de espaços de diálogos sobre o feminismo, a agroecologia e a independência da mulher no núcleo familiar, destaca a vinculação com a igreja católica que motivou e abriu espaços de diálogos a respeito das mulheres e da produção agroecológica, e foi através dos espaços promovidos na igreja católica que ela conseguiu assumir o lugar de liderança dentro dos movimentos que tem como enredo a agroecologia, a luta pela terra e a autonomia feminina.
Publicado em:	2017, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.	

Elaboração: Izabela Fagundes, 2022.

Quadro 3: Catalogação das falas e depoimentos das entrevistadas no documentário: Semeadoras: as faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina.

Documentário: Semeadoras: as faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina		
Tempo	Descrição da entrevistada	Descrição da fala
0:20 – 1:06;	Justina Cima - agricultora	Destaca a importância de participar dos movimentos

2:48 – 4:12; 6:56 – 7:47; 9:26 – 9:40; 10:34 – 11:15; 13:20 – 13:46; 18:28 – 19:11; 21:10 – 22:46; 23:16 – 24:13; 24:39 – 25:10; 25:27 – 26:32; 36:33 – 36:48;	e dirigente estadual do MMC/SC, Quilombo/SC .	de base desde a adolescência, enfatiza a principal luta do movimento: a superação da violência contra as mulheres do campo, a emancipação feminina e o fim da opressão, a partir da mudança na produção de alimentos: utilizando a agroecologia como ferramenta de combate do atual modelo capitalista e patriarcal. Justina participou ativamente como liderança regional e nacional do MMC e também como vereadora do município de Quilombo a partir de 1994.
1:06 – 1:18; 4:41 – 5:53; 11:16 – 12:25; 14:44 – 15:56; 19:36 – 20:25; 30:06 – 30:27; 30:42 – 32:05; 32:21 – 32:47; 33:41 – 34:54; 36:49 – 37:05.	Rosalina Nogueira – Chapecó - MMC/SC	Destaca a ligação com a teologia da libertação, a baixa escolaridade (ensino fundamental incompleto), aponta para a mudança de vida após se inserir no movimento das mulheres apoiados pela teologia da libertação da igreja católica que incentivou-a a seguir estudando e conseguir se formar como homeopata. Ela destaca os diversos tipos de violência que as mulheres agricultoras sofrem, não só a física, mas também a psicológica. Destaca que historicamente as mulheres do campo não eram valorizadas nem reconhecidas pelo trabalho que desenvolviam em suas casas e aponta o movimento das mulheres camponesas como uma base para dar coragem à essas mulheres para mudar a sua realidade.
1:19 – 1:38; 5:53 – 6:34; 13:58 – 14:43; 15:57 – 16:24; 16:39 – 17:50	Marilete Molinari	Destaca a importância do movimento das mulheres camponesas para o empoderamento feminino e engajamento das mulheres agricultoras na luta por melhores condições de vida e trabalho, fala sobre o medo as mulheres expressarem o que estão sentindo e passando ao se relacionar com companheiros que são machistas, pois não sabem a reação deles, ou dos vizinhos e amigos.
1:39 – 2:06; 26:50 – 27:24; 28:10 – 28:23; 29:02 – 30:05; 32:06 – 32:21.	Carmem Munarini – membro do MMC/SC, Chapecó/SC	Ressalta a importância do MMC para a mudança na forma de ver e entender as relações sociais, destaca que adquiriu muito conhecimento participando do MMC, aponta o resgate e valorização dos saberes relacionado ao cultivo das sementes, o cuidado com a terra, e aponta que a luta para a transformação da realidade da agricultora ainda está longe de acabar.
16:24 – 16:38	Ivanete Zambom, Maravilha/SC	Fala da humilhação da mulher dentro de casa, da violência verbal que nem sempre foi entendida como violência.

Elaboração : Izabela Fagundes, 2022.

Quadro 4: Catalogação de falas e depoimentos do documentário “Sozinhas – violência contra mulheres que vivem no campo.

Documentário: “Sozinhas – violência contra mulheres que vivem no campo”

Tempo	Descrição do entrevistado	Descrição da fala
2:09 – 3:52	Eraci Terezinha Eichelberger Seibert. Agricultora	Aponta o esforço e trabalho das mulheres agricultoras e a falta de reconhecimento por parte do marido, a humilhação e a violência física sofrida diversas vezes por motivos não justificados.
0:30 – 0:45; 5:02 – 6:03	Ade*	Destaca a violência física e psicológica feita pelo companheiro, relacionada ao casamento arranjado pela mãe, mesmo sem o total consentimento da entrevistada (vítima)
6:04 – 6:36	Lucimar Roman	Destaca a dificuldade das agricultoras em obterem ajuda caso sejam agredidas e violentadas pelos companheiros, e o medo que muitas tem em expor os maus tratos e as violências por não terem para onde ir caso os maridos às expulsem de casa.
1:15 – 2:00	Joana Fernandes Sebben	Destaca o número de mortes de agricultoras realizado pelos próprios companheiros.
4:02 – 5:01	Tania*	Aponta a violência feita pelos companheiros sem motivo justificável, e a impossibilidade de procurar ajuda médica nos casos de violência física, pois dependem destes para leva-las para a cidade mais próxima.
** algumas das entrevistadas preferiram não se identificar, por este motivo foram inseridos nomes fictícios neste documentário.		
Data e link de acesso	2017, DC Diário Catarinense. https://www.youtube.com/watch?v=XEuJ9XT2yX8	

Elaboração: Izabela Fagundes, 2022.

Quadro 5: Catalogação das falas e depoimentos das entrevistadas do documentário: Feminismo e Agroecologia.

Documentário: “Feminismo e Agroecologia”.		
Tempo	Descrição da entrevistada	Descrição da fala
3:42 – 5:05;	Maria Andrelice Silva dos Santos, primeira entrevistada A	Relata a diversidade de alimentos produzidos a a partir da aplicação dos conhecimentos de agroecologia, ressalta a importância da construção dos grupos de apoio entre as agricultoras, a troca de saberes e fortalecimento das lutas femininas no campo.
5:12 – 5:37; 5:52 – 6:24; 7:00 – 7:09; 17:25 – 18:22.	Segunda entrevistada, B	Destaca a identificação da agricultora com o trabalho prática na roça, no cuidado com as plantas, relata um pouco da rotina da agricultora, das atividades desenvolvidas tanto dentro como fora de casa.
7:49 – 8:30	Terceira entrevistada, C	Aponta as barreiras enfrentadas pelas agricultoras em espaços de poder como por exemplo nas associações de bairro, ou na liderança de grupos de agroecologia, destaca que os membros homens, cisgênero agridem as mulheres verbal e fisicamente para tentar provocar a desistência destas, de cargos de liderança dentro dos movimentos de agroecologia.
<ul style="list-style-type: none"> Neste documentário as entrevistadas não foram identificadas com nome e local de onde estavam falando, a primeira entrevistada aparece em outro documentário apresentado nesta pesquisa, por este motivo seu nome 		

foi inserido, entretanto as demais não tiveram seus nomes divulgados, deste modo, para facilitar a compreensão do leitor, serão utilizadas as letras A, B e C para referir-se as agricultoras.

- Os trechos suprimidos do documentário 10:44 -17:24 referem-se a uma apresentação da dança Carimbó que neste momento não foi considerada pertinente entrar no relato das falas.
- O trecho 18:23 – 19:35, apresenta uma encenação de um teatro/ jornal da TV Agroecologia e Feminismo, em um diálogo com as participantes do grupo de mulheres e agroecologia, por este motivo não foram apresentados aqui, uma vez que a fala não estava sendo diretamente para tratar do assunto em questão.

Elaboração: Izabela Fagundes, 2022.

Quadro 6: Catalogação das falas e depoimentos documentário “Mulheres e Agroecologia”.

Documentário - Mulheres e Agroecologia		
Tempo	Descrição da entrevistada	Descrição da fala
0:55 – 9:44	Nilza dos Santos agricultora. Região de Ivaiporã/PR	Nilza dos Santos conta sua trajetória de vida até chegar na produção de alimentos utilizando os saberes da agroecologia, desde quando era criança e já tinha a consciência de cuidar da natureza, relata que trabalhou no espaço urbano mas que não se identificou e voltou para o espaço rural para trabalhar na agricultura, relata que muitas pessoas não acreditavam no potencial da agroecologia como possibilidade de melhorar a qualidade de vida e de produzir sem usar agrotóxicos, hoje orgulha-se de ser certificada e reconhecida como produtora de alimentos agroecológicos.
9:48 – 29:26	Elenice Terezinha Eich Machado agricultora, Região de Ivaiporã/PR.	Relata que nasceu em outra região do Paraná, e quando se casou passou a residir em Ivaiporã/ PR, onde foram convidados a conhecer o movimento dos Trabalhadores Sem Terra, - MST e com o apoio do Instituto Federal de Educação, iniciou os cultivos com agroecologia, relata a dificuldade que foi iniciar praticamente sozinha uma nova proposta de produzir alimentos e sem uso de agrotóxicos.
29:27 – 46:03	Nilse militante e assentada do MST e agricultora, Região de Ivaiporã/PR.	Relata que participou de outros assentamentos do MST, e ficou acampada durante 4 anos até conseguir ser construída sua casa, comenta das dificuldades iniciais na produção sem usar agrotóxicos, uma vez que estavam lado a lado com grandes produtores do setor agrícola no oeste do Paraná. Entretanto apesar das dificuldades sinaliza a alegria de ter conseguido construir a sua própria casa, ressalta na fala a gratidão por ter vivido esse momento, de trabalhar com outras possibilidades de produzir alimentos além daquelas convencio-

		nais pautadas na aplicação de pacotes da revolução verde.
--	--	---

Elaboração: Izabela Fagundes, 2022.

Quadro 7: Catalogação das falas e depoimentos das entrevistadas do documentário: “Caminhos da autonomia: Agroecologia e Feminismo no Vale do Ribeira”.

Caminhos da autonomia: Agroecologia e Feminismo no Vale do Ribeira.		
Tempo	Descrição das entrevistadas	Descrição das falas
0:01 0 0:26 segundos	Lauriti de Moura Município da Barra do Turvo/SP.	Enfatiza a importância da agroecologia, associando ao cuidado com a natureza e com a terra.
0:39 - 2:02 mint.	Mirian Nobre (SOF)	Aborda os projetos e parcerias feitos pela SOF, com mulheres das comunidades Caiçaras, destacando o desenvolvimento de políticas públicas e a produção de alimentos sem uso de agrotóxicos.
2:36 – 2:47	Daniela Gonçalves da Silva	Relata que deixou de utilizar agrotóxicos após participar dos grupos de formação propostos pela SOF.
2:48 – 3:39; 21:08 – 21:33	Zenaide Dias Gonçalves	Relata como cuida da terra para os plantios seguintes. Comenta sobre os mutirões de plantio ou colheita que acontecem semanalmente em diferentes propriedades, e além do trabalho são abertas rodas de conversa para que as integrantes tenham um momento de socializar o que está acontecendo em suas vidas.
3:40 – 3:58; 22:10 – 22:25	Nilse Pontes Pereira, associação dos Remanescentes de Quilombos dos bairros Ribeirão Grande e Terra Seca (Barra do Turvo).	Relata sobre a importância de participar dos grupos da SOF, onde apreendem sobre empoderamento, e soberania em relação as sementes e autonomia diante da família em relação a questão econômica.
3:59 – 4:51	Angélica Silva do Carmo, associação dos Moradores e Agricultores Familiares do Bairro Rio Vermelho e adjacências/ Barra do Turvo.	Relata o uso da caderneta agroecológica, ferramenta usada para mapear os gastos, colheitas e produções das agricultoras referente a produção agroecológica, e possibilita que as mesmas reconheçam a diversidade de alimentos presente nos quintais de casa, a luta por incluir o nome das agricultoras nas notas fiscais dos produtores rurais que serve de comprovante da profissão de agricultora, situação que poucas agricultoras sabiam da importância e necessidade de ter seu nome inserido neste sistema.
4:52 – 5:20	Arlete Pedroso Silva do	Relata a importância da caderneta agroecológica para a comprovação e garantia dos direitos das

	Carmo, Associação dos Moradores, Bairro Rio Vermelho, Barra do Turvo/SP.	agricultoras quanto solicitam a aposentadoria. Relata a importância do reconhecimento das mulheres com a produção de alimentos ressignificando a lógica de trabalho no rural.
10:27 – 10:57	Eliana Gomes Diniz, Colônia de pescadores de Peruíbe	Relata que a participação da SOF enquanto organização que mobilizou as agricultoras da comunidade dos pescadores foi importante uma vez que as agricultoras por conta não estavam conseguindo organizar-se como grupo e discutir sobre questões da produção de alimentos e da autonomia feminina no espaço rural.
12:20 – 12:55; 16:13 – 16:31	Noeli Krefta - MMC	Relata que a economia feminista é cara para as mulheres, uma vez que as técnicas empregadas e a relação com a terra é outra, ou seja, é uma relação baseada em preservar e não na exploração e uso indiscriminado dos recursos disponíveis, enfatiza que a agroecologia não pode ser vista apenas como uma técnica, mas sim aplicada como ciência que aborda diferentes aspectos incluindo as relações sociais que se estabelecem entre agricultores e grupos de consumo destes alimentos. Diferencia a agricultura orgânica de agroecologia.
2:56 – 13:24; 15:00 – 15:28; 17:55 – 18:17; 20:07 – 20:42; 22:25 – 22:47	Verônica Santana, Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste MMTR - NE	Relata sobre a sua compreensão sobre o feminismo e a agroecologia, ambos são práticas cotidianas, que auxiliam na produção do protagonismo feminino no espaço rural, alertando para questões de violência contra as mulheres e da divisão sexual do trabalho.
13:25 – 14:00	Lucinéia Freitas, Movimento dos trabalhadores rurais sem Terra – MST.	Ressalta a importância de entender a agroecologia enquanto ciência e não apenas como técnica, pois pode se tornar rapidamente passível de reprodução dentro dos moldes de agronegócio pautado no monocultivo e produção em larga escala que é o que ocorre com a produção de alimentos orgânicos.
14:01 – 14:59 15:28 – 16:13	Beth Cardoso -Grupo de trabalho de mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia – ANA	Relata o trabalho com grupos de agricultoras de todo o Brasil, coletando experiências com o uso da agroecologia, e que a violência doméstica é algo presente e latente no contexto rural brasileiro que acaba bloqueando muitas mulheres a participarem de grupos de trabalho e agroecologia ou de migrarem para a produção de alimentos com base na agroecologia, destaca que o entorno das casas

		<p>é um espaço de protagonismo das mulheres e são nesses espaços que as agricultoras vão fazendo seus cultivos, suas experiências, atitudes que não são consideradas como trabalho pelos companheiros, não existia o reconhecimento.</p>
18:37 – 19:30	Mirian Pontes Pereira	<p>Relata a insegurança de algumas mulheres em assumirem o papel de produtoras rurais utilizando a agroecologia, por não terem o apoio dos companheiros, e a partir da participação em grupos de mulheres, movimentos e marchas feministas, essas agricultoras conseguem assumir cargos de lideranças dentro das comunidades, e organizações que carregam as bandeiras agroecológicas, bem como conseguem defender suas falas para que nenhum homem se aproprie e reproduza afirmando ter sido um pensamento dele.</p>
19:30 – 20:07	Noeli Oliveira de Lima e Dilma Rosa de Lima, grupo Rosas do Vale, Barra do Turvo/SP	<p>Relata a importância das agricultoras estarem se articulando com redes de outras cidades e estados, para fortalecer a luta feminista no campo, porém destaca que muitas agricultoras tem medo de sair de casa, ou são impedidas de participar por pressão do marido, bem como o fato de muitas nunca terem saído da localidade onde nasceram, faz com que estas criem certo receio e medo de ir para lugares desconhecidos. Ressalta a importância dos encontros de mulheres agricultoras, o fato de reunir-se com realidades distintas mas com um mesmo propósito: produzir a partir de uma outra lógica que foge do modelo capitalista, motiva e inspira as agricultoras a lutarem e resistirem quando a família vai contra ou não tem o apoio imediato dos mesmos.</p>
20:43 – 21:06	Izaldite Dias, Grupo Esperança, Barra do Turvo/SP	<p>Relata o fim da “cegueira produtiva”, ou seja, a partir da inserção das agricultoras em grupos de mulheres e agroecologia as agricultoras começam a perceber que ao redor das casas existe muita diversidade de alimentos, no momento em que passam a usar a caderneta agroecológica e anotar tudo o que colhem o olhar sobre o entorno muda.</p>
21:34 – 21:54	Rubia Fonseca, União das Mulheres do Peruíbe	<p>Destaca a libertação das mulheres da dependência masculina, a tal ponto que muitas vezes são elas as provedoras do lar, mesmo com um companheiro junto, esse processo faz com que as agricultoras se empoderem cada vez mais do processo</p>

		produtivo e passem a se fortalecer como produtoras rurais agroecológicas (a partir da aplicação do conceito de agroecologia no seu dia a dia).
22:48 – 23:18	Arlete Pedroso Silva do Carmo, Associação de Moradores e agricultores familiares do Bairro Rio Vermelho/ Barra do Turvo/SP.	Relata que após a participação no grupo de apoio criado pela SOF, até as filhas adolescentes se motivaram a permanecer no espaço rural, pois passaram a ter esperança no modelo de vida e de produção de alimentos baseado nos saberes agroecológicos bem como passaram a perceber a importância que as agricultoras tem para preservação das sementes, e de saberes que são negados e esquecidos dentro da lógica capitalista de produção agrícola.

Elaboração: Izabela Fagundes, 2022.

Quadro 8: Catalogação das falas e depoimentos das entrevistadas do documentário: “Sem feminismo não há Agroecologia”.

Documentário: Sem feminismo não há Agroecologia		
Tempo	Descrição da entrevistada	Descrição das Falas
0:22 – 0:52	Saete Félix, assentamento Maceió, Itapipoca/CE.	Relata o reconhecimento da agroecologia como possibilidade de ressignificar a produção de alimentos, e a importância de redes de apoio e políticas públicas nessa perspectiva para que as agricultoras assumam a autonomia no processo produtivo.
1:00 – 1:17	Fatima dos Santos (Fafá), Jenipapo, Itapipoca/CE	Relata que apesar de ter entendido o conceito de agroecologia a partir da participação nos grupos de mulheres propostos pelo CETRA, já praticava a agroecologia em sua casa a muito tempo, a partir do cuidado da terra, evitando queimadas, e uso de agrotóxicos.
1:18 – 1:43	Lucivânia Ferreira, assentamento Maceió, Itapipoca/CE	Relata que a agroecologia está muito presente na vida das agricultoras, na forma como preocupam-se com a preservação da natureza, do cuidado com o outro, e as mulheres estão receptivas a tentar outras possibilidades de produzir alimentos e viver no espaço rural
1:56 – 2:26	Maria Irismar Vieira, Lagoa do Juá	Destaca os aprendizados adquiridos a partir das formações e grupos propostos pela SOF e pelo CETRA, destacando o uso das folhas secas como adubo, para os plantios de milho e feijão, algo que até então era simplesmente deixado em alguma área não utilizada para produção de alimentos.

3:03 – 3:22; 4:09- 4:27	Juliana dos Anjos, Assentamento Maceió, Itapipoca/CE.	Relata sua definição de feminismo: a mulher ser o que ela quiser ser”, sem ter que se moldar as perspectivas do outro.
-------------------------	---	--

Elaboração: Izabela Fagundes, 2022.

CAPÍTULO 2 – PAISAGENS DA AGROECOLOGIA

2.1 AFINAL, O QUE É PAISAGEM?

À Água

Buscando definir a dimensão da existência do ser mulher e das paisagens construídas em contextos agroecológicos, indaga-se como a paisagem pode contribuir para que a mulher entenda e compreenda sua condição no mundo enquanto agricultora e produtora de paisagens, bem como, para quem e para que importaria saber se mulheres produzem paisagens?

A partir do estudo da paisagem surge a possibilidade de aplicar este conceito à perspectiva da Geografia cultural, a partir de percepções e análises que ocorrem no campo do social. Pretende-se por meio da paisagem coletar elementos e informações que dificilmente se mensuram em gráficos ou tabelas quantitativas, mas que podem ser extraídos através de material videográfico.

Nesta premissa, o conceito de paisagem, foi definido, considerando a perspectiva humanista e cultural. Visando apresentar brevemente por quais caminhos teóricos pretendemos seguir até o final da pesquisa, apoiamo-nos nas ideias de Raul A. Schier (2003), Roberto Lobato Corrêa (2014), Reginaldo J. de Souza (2019), entre outros autores, evidenciando o conceito de paisagem, relacionando-o não somente à Geografia ambiental, mas também à Geografia cultural.

A paisagem enquanto conceito abrange a dialética entre as características físicas e as ações do ser humano sobre a natureza criando assim uma relação entre o natural e o socialmente transformado, “a paisagem não se resume apenas na dimensão visível, mas também uma dimensão subjetiva criada a partir da imagem mental dos observadores da paisagem” (CAMBRUZZI E RUBIM, 2013, p. 3). Perceber uma paisagem exige levar em consideração as dimensões olfativas, táteis, auditivas, o consciente e inconsciente, considerar a subjetividade e o simbólico, neste caso, dentro do imaginário das mulheres.

A paisagem sendo um conceito flexível e social altera-se conforme os fatores que a compõem (cheiros, sons, composições de árvores, campos, rochas, céu, sol, nuvens, humanos), os quais são criados no consciente e subconsciente, sofrendo interferência do meio externo, das relações sociais que se estabelecem, dos momentos vividos, da trajetória de vida de cada ser humano. A paisagem é criada unicamente pela mente e reproduzida em palavras numa concepção individual. Neste sentido, é necessário considerar a subjetividade destas mulheres para realizar a análise da transformação e

criação de outras paisagens, considerando que por vezes estas não se veem dentro deste processo, ou seja, não se identificam como produtoras de paisagens.

O conceito de paisagem na Geografia surge ligado ao positivismo, na escola alemã, associada a ideia de paisagem estática, “onde se focalizam os fatores geográficos agrupados em unidades espaciais e, numa forma mais dinâmica, na Geografia francesa, no qual, o caráter processual é importante” (SCHIER 2003, p.80). Percebem-se diferenças na definição deste conceito, em que os aspectos sociais não eram considerados.

Nesta perspectiva, Dennis Cosgrove (1979) citado por Roberto L. Corrêa (2014, p.41), defende que, “A paisagem não é apenas morfologia, mas insere-se também no mundo dos significados, estando impregnada de simbolismo”. Concordando com o pensamento de Dennis Cosgrove (1979), este estudo pretende demonstrar como a paisagem enquanto conceito se insere no cotidiano e no simbólico das mulheres agricultoras agroecológicas.

Neste tocante, Raul A. Schier (2003), aponta que,

“Hoje, a ideia da paisagem merece mais atenção pela avaliação ambiental e estética. Neste sentido, depende muito da cultura das pessoas que a percebem e a constroem. Ela é, assim, um produto cultural resultado do meio ambiente sob ação da atividade humana [...] Desta forma, a transformação da paisagem pelo homem⁴ representa um dos elementos principais na sua formação (SCHIER, 2003, p.80).

O autor, destaca a construção da paisagem a partir de elementos culturais, ou seja, a paisagem aqui abordada é também uma construção social, podendo ser (re) modelada a partir dos atores sociais que se apresentam ou usufruem destas paisagens e ambientes. Desta maneira pretende-se abordar o conceito de paisagem a partir de uma perspectiva sociocultural, mais especificamente, das mulheres na agroecologia, deste modo, Raul A. Schier (2003), destaca que:

A paisagem natural refere-se aos elementos combinados de terreno, vegetação, solo, rios e lagos, enquanto a paisagem cultural, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem⁵, como nos espaços urbanos e rurais. De modo geral, o estudo da paisagem exige um enfoque, do qual se pretende fazer uma avaliação definindo o conjunto dos elementos envolvidos, a escala a ser considerada e a temporalidade na paisagem (SCHIER, 2003, p.80).

Pretende-se elaborar uma análise teórico conceitual e cultural da paisagem a partir da perspectiva das mulheres no campo da agroecologia, objetivando tecer uma “rede” de observações, percepções e compreensões acerca do conceito de paisagem em que os aspectos físicos e culturais sejam contemplados.

Sobre as características culturais e sociais que compõem uma paisagem, Simmel (2009), aponta que, quando se consegue realmente ver uma paisagem temos uma obra de arte surgindo, o

4 O homem enquanto ser, percebe-se na linguagem escrita, a referência ao humano associada a figura masculina, como uma associação padrão em que ser humano é homem, ser pensante, do sexo masculino. Esta discussão será melhor apresentada no segundo capítulo.

5 Homem mais uma vez apresentado como ser humano, Beauvoir(1970), traz a discussão sobre a relação ser humano e ser homem enquanto que as mulheres não são consideradas na escrita, justamente pela construção social e política que permeia as relações sociais e cotidianas.

autor foge do apego de definição de natureza estática, ou seja, sem alterações, sem atores sociais intervindo e construindo coletivamente o seu significado.

Do mesmo modo, Georg Simmel (2009), entende a paisagem como unidade particular, ou seja, cada paisagem é composta por elementos naturais associados às relações sociais subjetivas nela inseridas. Toda e qualquer paisagem possui elementos naturais, entretanto, o que faz este conceito ter uma perspectiva sócio cultural são os elementos elegidos pelos humanos como necessários para a definição de uma paisagem.

O “fazer ver” (Simmel, 2009), nesta pesquisa, será utilizado para evidenciar a função das mulheres na agroecologia e seus desafios diários em paisagens rurais, propõe-se fazer ver o trabalho e o modo de viver, para compreender suas lutas em busca de igualdade de direitos na sociedade e no contexto familiar.

Sendo um conceito socialmente construído, a paisagem é carregada de sentido político como destaca Reginaldo J. Souza (2018),

A politização da paisagem e do lugar segue o percurso da compreensão sobre as relações de identidade (lugar) e de alteridade (paisagem). Então, nesse sentido, retoma-se a ideia anteriormente defendida de que os lugares todos são conteúdos paisagísticos encerrados e abertos pela própria paisagem, concomitantemente. Nesse sentido, a paisagem funciona como uma fronteira fluída entre o meu lugar e o lugar do outro, entre projeções diversas de consciências sobre o mundo (SOUZA, 2018, p. 390).

Neste sentido, a paisagem enquanto parte da natureza, representa a porção que conseguimos dominar. Ao fragmentarmos a natureza a partir das nossas atividades econômicas, por meio das concepções de mundo, buscamos recompor esta, por meio da concepção de paisagem, em uma dada porção dominável ao nosso olhar.

Em uma perspectiva naturalista, Georges Bertrand apud Messias Passos (2016), elabora uma leitura da paisagem associada ao sistema Geossistema, o Território e a Paisagem – GTP, no qual, o Ecossistema representa os elementos naturais, assim sendo, a fonte, a apropriação da natureza pelos humanos transforma-se em recurso, ou seja, território (de dominação, disputas, a agricultura entendida como técnica de dominação e apropriação da fonte), e por fim, a paisagem, entendida como o provisãoamento simbólico daquele processo de transformação das fontes naturais em recursos, ou seja, quando a agricultura é entendida como um modo de produção de alimentos para o consumo e qualidade de vida estando além de uma fonte de renda e recurso financeiro unicamente.

A proposta deste estudo é tecer uma leitura e definição da paisagem a partir de aspectos sociais, neste sentido, Euler Junior (2005) aponta que,

[...] para um conceito válido de paisagem, além dos aspectos visuais e perceptivos, precisamos incluir o sentido de lugar e de territorialidade, da vida (considerada como experiência e não apenas como sistema) no território. O que torna a paisagem um fato cultural e social: “A paisagem, portanto, deve ser considerada como objeto de apropriação estética, sensorial. Consequentemente, não se pode negar que ela tenha uma natureza objetiva, que seja um objeto. É, sem dúvida, uma forma, mas não se define por esse caminho (JUNIOR, 2005, p. 56).

A partir da concepção de Euler Junior (2005), abrange elementos sensoriais e estéticos e está associada as territorialidades, ou seja, as relações sociais que se estabelecem sobre um território, imerso em uma paisagem cujo conteúdo é político, uma vez que o fato de algumas classes e grupos sociais conseguirem usufruir de determinadas paisagens enquanto que uma parcela da população não consegue usufruir e experienciar este conceito, por diversos motivos, dentre eles por viver em locais desprovidos de paisagens, como, por exemplo, em espaços de produção convencional.

Segundo Ângelo Serpa (2007, p. 15), afirma que a paisagem é resultante de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é uma sem ser totalizante, é compósita, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. Neste sentido a paisagem compõe um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos “visíveis”, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, que é, em princípio, “invisível” e resulta sempre do casamento da paisagem com a sociedade.

O conceito de paisagem, não é apenas a soma de elementos físicos, naturais e sociais, mas sim, uma composição destes com os momentos vividos por cada indivíduo, a paisagem se transforma a partir das vivências, dos sentimentos despertados e a cada segundo ela se transforma, como destaca Adriana Serrão (2013), ao afirmar que a paisagem é sempre local e irreptível.

Analisando o conjunto de referências expostas, é possível a partir da paisagem entendermos a infinitude da natureza. O ser humano age em relação à natureza buscando se proteger para tanto, compartimentamo-la em fragmentos, denominando-a – paisagem. Fazemos isso, segundo Georg Simmel, com o intento de em alguma medida rever a unidade da natureza.

Reginaldo J. Souza (2018, p. 390) afirma que paisagem e lugar possuem uma carga de conteúdo político que motiva a reflexão e não o conflito, diferente do que ocorre com o conceito de território, neste sentido, o autor defende que:

A politização da paisagem e do lugar segue o percurso da compreensão sobre as relações de identidade (lugar) e de alteridade (paisagem). Então, nesse momento, retoma-se a ideia anteriormente defendida de que os lugares todos são conteúdos paisagísticos encerrados e abertos pela própria paisagem, concomitantemente. Nesse sentido, a paisagem funciona como uma fronteira fluída entre o meu lugar e o lugar do outro, entre projeções diversas de consciências sobre o mundo (SOUZA,2018, p.390).

Nesta perspectiva, a presença humana é fundamental para a existência da paisagem, construída a partir da vivências e experiências de cada ser, assim a paisagem se torna uma construção individual e estruturada a partir da trajetória de vida de cada sujeito, da leitura e compreensão de mundo que este faz sobre si e sobre o outro, manifestando seus desejos e vontades sobre a natureza tocada, ou seja, o lugar que é conteúdo constituinte da paisagem.

A paisagem, segundo Jéssica Silva (2016) compreende:

[...] simultaneamente o concreto, o pensado, o subjetivo, a estrutura e a superestrutura. A paisagem é o racional, é o sensorial, é o sentimental; é o que conseguimos estruturar pelos sentidos e pela razão, é o que dá significado para os indivíduos socialmente construídos, ao

mesmo tempo em que os indivíduos constroem, desconstróem e reconstróem as paisagens conforme suas (inter) subjetividades (SILVA, 2016, p.54).

Neste sentido, percebe-se a fluidez do conceito e também as diversas entradas para compreensão do mesmo, pode-se ver a paisagem pelas sensações, sentimentos, pela razão de ser e existir tal forma, e o mais importante a paisagem dá sentidos, é um conceito capaz de provocar expressões e pensamentos instantâneos e diversos conforme a trajetória de vida de cada ser humano.

Para Dirce Suertegaray (2005), a paisagem pode ser concebida

[...] enquanto forma (formação) e funcionalidade (organização). Não necessariamente entendendo forma-funcionalidade como uma relação de causa e efeito, mas percebendo-a como um processo de constituição/reconstituição de formas na sua conjugação com a dinâmica social. Neste sentido, a paisagem pode ser analisada como a materialização das condições sociais de existência diacrônica e sincronicamente. Nela poderão persistir elementos naturais, embora já transfigurados (ou natureza artificializada). O conceito de paisagem privilegia a coexistência de objetos e ações sociais na sua face econômica e cultural manifestam-se (SU-ERTEGARAY, 2005, p. 51).

Como exposto por Dirce Suertegaray (2005), a paisagem compreende a coexistência de formas naturais associadas e interligadas a relações sociais, neste caso, a paisagem constitui um elo entre a natureza e o ser humano, quando cria-se um vínculo sentimental a partir da coexistência de objetos (natureza), com a ação humana, a partir da construção do conceito de belo, associada ao estético, ao visível gerando um apego, um afeto a dado lugar, que para aqueles que buscam a contemplação e prazer torna-se paisagem, passível de exploração e transformada em mercadoria, como é o caso das paisagens que permeiam o litoral brasileiro e também as paisagens agroecológicas, uma vez que a forma - a disposição dos elementos cria uma organização visual que permite a contemplação e a exploração.

A partir da compilação das definições dos diversos autores consultados, surge o resultado do que se compreende por paisagem. Assim sendo, tem-se como paisagem a presença de **elementos físicos** visíveis e **concretos** (montanhas, vales, rios, sol, céu) delimitados por uma **escala** que abrange o alcance do olhar no **horizonte**, portanto é sempre externa assim sendo constitui-se pela presença de um **conteúdo físico** o qual é parte de um todo - **a natureza** (o caos), o humano tem a necessidade de dominar e ter o controle tanto de situações sociais quanto do concreto para tanto, tenta controlar a natureza fragmentando-a e denominando-a de paisagem (a razão do **pensamento**), passível de controle das **formas** (construções rurais, intervenções plantio alinhado de árvores ou o cultivo de um único produto – soja, milho, dando sentido de organização) e **funções**, ou seja, dada a partir das relações sociais com a natureza, expressadas **cotidiano** a partir do simbólico sobre pertencer uma dada paisagem.

Quadro 9: Definição do conceito de Paisagem



- | | |
|--|---|
| 1 - Dardel (2011); Serrão (2013); | 14 - Sauer (1998); Serrão (2017); |
| 2- Cisotto (2013); | 15 - Simmel (2009); |
| 3- Souza (2019); | 16 - Junior (2005); Schier (2003); |
| 4 - Corrêa (2014); | 17 - Souza (2018); |
| 5 - Suertegaray (2005); Silva (2016); Serrão (2013); | 18 - Souza (2019); |
| 6 e 7 - Silva (2016); | 19 - Simmel (2009); Serrão (2014); |
| 8 - Souza (2018); | 20 - Sauer (1998); |
| 9- Suertegaray (2005); Júnior (2005); Santos (2006); | 21 - Souza (2018); |
| Silva (2016); | 22 - Serrão (2017); |
| 10 - Souza (2019); | 23 - Schier (2003); |
| 11 - Serrão (2013); | 24 - Souza (2018); Junior (2005); Cisotto (2013); |
| 12 - Schier (2003); Humboldt | 25 e 26 - Junior (2005); |
| 13 - Souza (2018); Júnior (2005); | 27 -Bertrand (2016); Cosgrove (1979); Coelho (2009) |

Elaboração: autora, 2022.

O ser humano constrói no **simbólico** uma relação de amizade e **alteridade** com a paisagem, ou seja, reduz a natureza em uma porção controlável passível de compreensão a partir das **territorialidades**. Neste sentido, a paisagem enquanto fração da natureza permite a contemplação, criando a relação de topofilia a partir da soma de **momentos vividos**, das **experiências de vida**, da **cultura** e dos movimentos **cotidianos** que se manifestam na paisagem impulsionados por uma **razão** de ser e estar que surge por meio da **memória afetiva** e dos **vínculos sociais** com o **lugar**.

O conteúdo da paisagem constrói-se no exercício de **alteridade** para analisar **as experiências vividas** a partir da **abstração** dos objetos concretos, do real e racional neste caso é necessário considerar a **fronteira fluída** dos pensamentos, das **emoções, sentimentos**, sensações e **afinidades** despertadas por dadas paisagens. Nesta perspectiva defende-se que a paisagem enquanto ente único seja construída a partir da coexistência de todos os fatores citados.

2.2 PAISAGEM: OLHAR PARA O PASSADO E O PRESENTE E PENSAR O FUTURO.

Para Erick Dardel (1952/2011), a paisagem é entendida como a exposição de um momento vivido, sendo assim compreendida também como presença afetiva, ou seja, nós, humanos estamos

imersos e imbricados com a dinâmica terrestre embora cotidianamente nos esqueçamos destas informações, como se estivéssemos vivendo em uma bolha social a parte da constituição física da Terra.

Segundo Letícia Coelho (2009, p.10) a definição do conceito de paisagem, sofre alterações a partir dos anos de 1980 dentro da abordagem proposta pela nova Geografia cultural, a qual, contribuiu para a construção de uma definição do conceito pautada na valorização do simbólico, ampliando as bases epistemológicas desenvolvidas por Carl Sauer (1998), o qual abordava a paisagem por uma única perspectiva, enquanto que a nova Geografia cultural aborda a grande diversidade temática e metodológica propondo-se contemplar a diversidade de opções em que o conceito de paisagem pode ser analisado.

Para Lowenthal (1968, p.61), “as paisagens são formadas pelas preferências paisagísticas, ” ou seja, as pessoas veem seu entorno por meio de suas preferências e dos costumes culturais desenvolvendo assim a tendência a moldar o mundo conforme o que veem, sendo que, o que enxergam está associado a uma ideia de mundo criada no próprio subconsciente do indivíduo e não apenas do que possa estar verdadeiramente em sua volta.

Nesta perspectiva Corrêa (2014), seguindo as discussões de Cosgrove (1984), afirma que a paisagem seria uma construção social, ou seja, uma composição deste mundo ou um modo de vê-lo, não se atendo apenas aos elementos físicos dispostos em um determinado espaço em que céu e Terra se encontram.

A paisagem para Carl Sauer (1998), compreenderia a soma de elementos naturais e culturais, pensado a partir de constituintes presentes no espaço rural, incluindo a estrutura física das moradias e das pessoas que ali vivem, os quais, associados a morfologia do relevo, resultariam em uma dada paisagem, concordo com esta perspectiva, porém a paisagem está além da soma destes elementos, ela constrói-se e se define enquanto tal, a partir dos sentimentos e pensamentos que a soma dos elementos naturais e culturais despertam em cada indivíduo que está vivenciando ou contemplando-a.

Carl Sauer (1998, p. 42) afirmava que a definição do conceito de paisagem só poderia ser construída a partir das suas relações associadas ao tempo e espaço, destacando a fluidez da paisagem em um processo constante de dissolução e substituição. Nesta perspectiva, analisando a fluidez e sua constante transformação a paisagem é uma construção humana. Sem o pensamento, a construção social e cultural de paisagem não existe, o que existe é a natureza, um conjunto de elementos naturais que formam ecossistemas, biomas e abrigam diversas formas de vida além da humana vivendo em sintonia, a paisagem só tem valor emocional e pode ser entendida enquanto tal, para humanos.

Para Adriana Serrão (2004, p. 91), a paisagem difere da natureza por representar uma porção desta, ou seja, uma unidade diferenciada contendo os elementos naturais, preservando a estrutura de um conjunto, como de um ecossistema, integrando neste espaço o enquadramento vital, um conjunto real, presente e em constante metamorfose, sendo também visível e sensível, ou seja, para Adriana

Serrão a paisagem é uma realidade composta por elementos naturais associados a intervenção humana a partir da sua percepção que transforma e cria outras paisagens a partir do uso de suas técnicas.

Adriana Serrão (2017), afirma que a paisagem, compreende uma fração da natureza, sendo assim, variável, ou seja, sem limites fixos, “provida de uma autossuficiência sempre relativa. (...) [assim sendo], só pode dar-se na relação a um acto de apreensão por parte de um sujeito, observador ou participante” (SERRÃO, 2017, p. 44).

Neste sentido a paisagem do amanhã não existe e a paisagem do passado é uma memória, permitindo ao indivíduo apenas repensar a paisagem atual na qual está inserido, mas não possibilita transformar uma paisagem do passado no momento atual, tampouco permite transformá-la em uma paisagem do futuro.

A paisagem não é sempre percebida ou dimensionada na própria consciência. Por exemplo, um camponês, que retira da terra o essencial para sua sobrevivência, pode valorizar muito mais a fertilidade do solo do que um gozo estético paisagístico. O modo de (não) ver a paisagem é moldado pelo contexto social de cada um. Daí, talvez, emerge o grande impasse paisagístico da contemporaneidade: para a economia, a natureza é anestésica (porque a natureza enquanto matéria-prima não é arte) e o que tem importância são os recursos para geração de mercadorias (SOUZA, 2019, p. 82).

O autor, expõe a complexidade deste conceito, uma vez que é dimensionado na consciência, destacando o caso do camponês, o qual, sem a consciência do valor estético da paisagem, entende-a como o recurso ou *ressource* (Bertrand citado por Passos 2016, p. 37), do qual ele tem a posse e valoriza principalmente a capacidade de gerar lucro, ou seja, a entrada socioeconômica.

Reginaldo J. Souza (2019) defende que,

A paisagem não existe completamente no infinito ou no finito fechado, porque não é possível vê-la na opacidade. O chão no qual pisamos (finito) e o céu diurno ou noturno (infinitos) são opacos. Sozinhos, os olhos jamais são capazes de ver além da Terra e do Céu sem o auxílio de algum instrumento para cavar ou capturar imagens (SOUZA, 2019, p.77).

Segundo o autor, a construção da paisagem abarca não só o olhar, mas a capacidade de desconstrução do pensamento e de abstração para que a soma de elementos, formas, cores e horizontes se transformem em uma paisagem vista pelos olhos, porém construída no subjetivo de cada ser humano.

Deste modo, a paisagem é um conceito complexo e variável, definido a partir de um conjunto de elementos naturais externos (terra, ar, fogo e água, interagindo entre si transformando-se em outras matérias ex: árvores, movimento das ondas, sol, o calor do dia, o frescor da noite, o solo, o vento, a chuva, as nuvens, a atmosfera, os animais) associados a fatores culturais e a realidade e contexto de vida de cada indivíduo que constrói no seu imaginário a sua definição particular da paisagem.

Neste sentido, Rafael B. Ferreira (2017, p. 71) afirma que a paisagem desperta “uma espiritualidade” magnetizante do ser humano por meio da compreensão e não compreensão em que a intuição ganha papel central nesse processo, correspondendo ao ver e contemplar, “é uma passagem

direta para o fenômeno visado, um conhecimento imediato. Com efeito, a paisagem não tem sua pura aparição sem qualquer relação com o que é rebatido sobre nós, isto é, a apercepção”.

Para Milton Santos (2006, p.67), paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem compreenderia um conjunto de formas que, em um certo momento exprimem as heranças da constante relação dos seres humanos e a natureza. Este autor entendia a paisagem como trans temporal uma vez que, concentra objetos passados e presentes em uma construção atual transversal.

Deste modo, cada paisagem se caracterizaria por uma dada distribuição de formas objetos carregados com um conteúdo técnico específico. Milton Santos (2006), afirmava que a paisagem por ser um sistema material seria relativamente imutável e o espaço por ser um sistema de valores se transformaria permanentemente. Discordo dessa afirmação, uma vez que a paisagem é composta por objetos materiais e sociais conjuntamente, só existe porque nós existimos, nossa mente processa cada detalhe individualmente a partir dos saberes criando uma definição de paisagem particular, o espaço em que a paisagem ocorre pode ser sempre presente como afirmava Milton Santos (2006), entretanto não se pode afirmar que a paisagem seja algo imutável.

Apesar de Milton Santos (2006, p.92), entender a paisagem como uma rugosidade do tempo, representando uma marca do passado impressa em um tempo e formas atuais, este autor concentra sua atenção no conceito de espaço, para este, o espaço é o limite em que a vida, as representações e manifestações de tempos passados, presentes e futuros se manifestam, no qual, somente o conhecimento pode trazer a “visão”, do que ocorreu em uma dada paisagem para estar de tal maneira no momento presente. Em partes corrobora-se com esta análise, porém é necessário analisar as diferentes perspectivas a fim de entendermos a complexidade da vida humana e das relações que se materializam no espaço transformando e recriando outras paisagens.

Humboldt no século XIX pensava a paisagem a partir da descrição e com uma riqueza de detalhes a ponto de permitir ao leitor perceber as interações sociais que se estabeleciam embora seu foco era apresentar os aspectos físicos ressaltando a beleza cênica da paisagem. No século XIX, os geógrafos pensavam a paisagem a partir dos aspectos físicos não considerando declaradamente a ação e as relações sociais. Ao associar a paisagem a dimensão estética, a definição do que é belo interliga-se a trajetória de vida e contexto no qual se insere, sendo assim é variável e mutável conforme a concepção de cada ser.

O conceito de paisagem sofre alterações ao longo dos séculos, inicialmente associada a algo imutável, o que criou no subconsciente a noção de paisagem associada a uma imagem estática. Entretanto a memória da paisagem é permeada de sensações, cores, cheiros, pessoas e olhares, dando movimento e vida se transformando em uma lembrança dinâmica, passando a ser entendida como um momento, assim sendo é formada por um tempo cronológico, capturado na memória permeada e registrada a partir de emoções e sensações boas e nunca associada a momentos tristes.

Do mesmo modo, a transição de cultivos agrícolas convencionais para o modo de produção agroecológico, permite associar a paisagem atual como uma representação de ascensão financeira e de independência diante do núcleo familiar, uma vez que, majoritariamente são as mulheres que incentivam a transição agrícola do convencional para o modelo agroecológico e percebem os resultados positivos da mudança logo nos primeiros anos, esses resultados compreendem aspectos como a melhora na qualidade de vida, a saúde de todos os integrantes da família (os alimentos consumidos e produzidos passam a ser livres de agrotóxicos e adubos químicos) e o fortalecimento das relações afetivas e sociais entre os produtores agroecológicos (os mutirões de plantio e colheita, a conferência do uso das técnicas e cuidados agroecológicos feitas pelos próprios produtores certificados).

O tempo de produção e plantio voltado ao tempo natural, aos ciclos da lua e as estações do ano, o trabalho torna-se menos oneroso, uma vez que passa-se a produzir diversidade de alimentos (batatas, aipim, feijão, arroz, legumes, verduras, frutas), diferente da produção agrícola convencional baseada apenas na produção de commodities (milho, soja, trigo, café) a qual, para o agricultor familiar, que não consegue acompanhar o avanço tecnológico torna-se uma alternativa pouco rentável e desgastante.

Nesta perspectiva olhar para o passado e presente e pensar o futuro a partir de paisagens agroecológicas sob um olhar feminino compreende uma relação de conexão e presença entre o ser humano e a parte da natureza na qual está inserido, ou seja, é olhar para um lugar e ao refletir sobre ele ser capaz de perceber a transformação da paisagem física, dos elementos que a compõem, resignificando e construindo uma outra paisagem que contempla e proporciona de fato a sensação de bem estar ou seja, a sensação de topofilia, termo desenvolvido por Yi-Fu-Tuan em 1974, que expressa as relações afetivas, neste sentido,

Topofilia” como relação amorosa com a terra, abre uma série de estudos que levavam em consideração a observação da paisagem, manifestações afetivas, elementos da cognição, percepção e mesmo comportamento do homem diante de seu meio. Nesse sentido, este neologismo exprime a filiação do ser humano para com o ambiente que o cerca, da associação da pessoa ao lugar de vida (CISOTTO, 2013, p.95)

Apesar do autor relacionar a relação do lugar com o neologismo topofilia, é possível associá-lo as leituras e interpretações da paisagem, a relação de pertencer e estar imerso em uma paisagem que gera sensação de bem estar, deste modo, pensar o futuro da paisagem agroecológica é pensar em mulheres (independente do gênero), porém relacionado a uma resignificação sobre como se percebem os fragmentos da natureza, - paisagem, em que o propósito maior é a harmonia entre os seres humanos, sendo que para tal, acredita-se que é necessário prezar e cuidar da vida humana para que enquanto humanidade possamos passar pela vida sem passar fome, frio, medo, ou sofrer danos morais e mentais decorrentes das desigualdades sociais, econômicas e culturais.

Olhar para o passado e pensar o futuro, significa entender que para além da manutenção dos “recursos naturais” = natureza transformada em fonte - (geossistema de Bertrand) e recurso – apropriação da natureza pelo homem, é entender a paisagem como nosso campo de existência e atuação.

A paisagem presente existe porque no passado alguém decidiu ousar e ir além do padrão, retomando os seus saberes, neste caso, as mulheres, que aceitaram a proposta de mudança, superando a barreira do medo, o qual é uma construção social, uma imposição e dominação mental do modelo patriarcal sobre os corpos femininos.

Superando essa primeira barreira não física, no passado, algumas mulheres iniciaram o processo de cultivos a partir da aplicação dos conhecimentos agroecológicos, perceberam a reconexão entre ciclos da natureza e ciclos das mulheres. Perceberam que apesar de não dominarmos a natureza, estamos a todo instante sendo colocados em prova, ou seja, numa relação de confiar no futuro e viver o presente sem medo do desconhecido em relação a produção de alimentos pautados nas técnicas agroecológicas.

Pensar o futuro a partir de ações do passado exigiu e exige das agricultoras o processo de empoderamento fortalecendo as redes construídas em espaços de diálogos motivando outras mulheres a conquistar a autonomia no processo produtivo e dos modos de viver no rural, a partir da tomada de decisões, sem temer falar diante da família, principalmente do marido, conseguir se expressar e ser ouvida, sem serem coagidas ou influenciadas por meios externos a ponto de mudarem seus planos e desejos por um mundo mais justo e solidário.

Pensar o futuro e a paisagem, é uma tarefa pretensiosa, a paisagem do futuro não existe, mas pode ser idealizada no pensamento. Então a indagação, porque nos preocupar com o futuro se no momento atual já desfrutarmos do gozo maior, que é estar em harmonia com a parte que nos cabe da natureza, a paisagem?! Porque justamente não desfrutamos integralmente da paisagem, ela ainda precisa ser firmada e reconstituída no ideal de vida de muitas pessoas, trazendo a sensação de bem-estar, de pertencer a uma dada paisagem e também de ver a paisagem viva, presente e existente.

Ao mudar o padrão de produção de alimentos para o modelo agroecológico, o medo criado no contexto passado pelas famílias de agricultores familiares de produzir uma única variedade de alimento é dissolvido, não pertence as agricultoras agroecológicas, estas carregam a certeza que ao plantar diversidade sempre terão diversidade de alimentos para colher, resgatando valores sociais e culturais como acolher, doar, compartilhar para gerar a prosperidade financeira coletiva.

A agroecologia enquanto conhecimento científico incentiva a busca pela autonomia no processo produtivo, ressignificando os modos de viver no espaço rural. Esse modelo produtivo incentiva as trocas de saberes entre as agricultoras, que no modelo convencional ficam “isoladas”, uma vez que a troca de saberes não é relevante no sentido de garantir a produção agrícola, afinal a

técnica já está programada para produzir e gerar lucro e conseqüentemente esgotar as paisagens rurais, transformando em espaços e territórios de produção de commodities (soja, milho, trigo, bovinos).

Neste sentido, a paisagem da produção de commodities revela o que Silva (2016) entende como uma representação de um padrão ou imposições sociais, moldadas por meio das interações, assim sendo,

[...]visual, mistifica, oculta, distorce, oblitera, camufla a realidade, funciona como uma cortina onde por trás ocorrem as relações de lutas, tensões, conflitos, afinidades, realizações, os fenômenos. É exatamente por isso que se torna imprescindível desconfiar da paisagem, buscar interpretá-la, estudá-la, decodificá-la à luz das relações forma e conteúdo, aparência e essência (SILVA, 2016, p. 35).

É importante observar que a paisagem abriga conflitos, e distorce a realidade, como é o caso dos agricultores familiares que mantêm a produção agrícola pautada no monocultivo e, dentre os problemas ocasionados encontram-se os endividamentos, as incertezas quanto ao futuro da produção, uma vez que o valor é definido pelo mercado global, pelas grandes potências mundiais, o combo que envolve o setor produtivo é cruel e não permite esse crescimento financeiro.

Nesta perspectiva, a paisagem pode induzir a um modo de pensar particular que é vendido por meio das propagandas, mídias e pelas empresas que fazem o processo de venda dos insumos agrícolas para os agricultores familiares do sistema convencional criando uma falsa ideia de crescimento econômico a partir do uso e da compra dos pacotes de sementes modificadas e dos insumos para a produção incluindo os “defensivos agrícolas”.

2.3 AFINAL, O QUE É AGROECOLOGIA?

Esta pesquisa propõe-se a olhar para quem são as mulheres que utilizam a agroecologia e produzem outras paisagens. Para tanto, lançamos a seguinte pergunta: para quem e para que serve a agroecologia dentro da análise e compreensão da produção de paisagens socioculturais?

A agroecologia enquanto técnica objetiva promover benefícios sociais, culturais e financeiros, assim como a autonomia no modo de produção agrícola. Está além do ato de cultivar a terra com técnicas específicas, a agroecologia pode ser entendida enquanto uma maneira de resgatar a conexão do ser humano com a natureza, com os saberes ancestrais, com os conhecimentos sobre técnicas de plantio, entre outros. Nesta pesquisa, serão utilizados os estudos de Francisco R. Caporal e José A. Costabeber (2004, 2009), Adriano Ariel Saquet (2008), Emma Siliprandi (2016), Vandana Shiva (2016), entre outros.

Antes de iniciarmos a discussão sobre a definição de agroecologia, cabe fazer ressalva ao termo cegueira botânica, proposto por Wanderse e Schussler (1999) apud Amanda Neves, et al(2019), que inclui em sua definição,

(a) a incapacidade de reconhecer a importância das plantas na biosfera e no cotidiano; (b) a dificuldade em perceber os aspectos estéticos e biológicos exclusivos das plantas; e, (c) a ideia de que as plantas sejam seres inferiores aos animais, portanto, não merecedoras de atenção equivalente (NEVES; BÜNDCHEN e LISBOA, 2019, p.746).

A partir da citação, entende-se por cegueira botânica a incapacidade de reconhecer a biodiversidade e potencial de determinadas plantas, principalmente quando estas são do tipo não convencional, ou seja, que não são caracterizadas enquanto potencial de geração de lucro para o produtor rural, assim, boa parte dos saberes sobre as plantas locais foram sendo esquecidos e ignorados após a inserção forçada da cultura padrão de consumo de alimentos criada pelas indústrias de produtos químicos e sementes que dominam os mercados globais da produção de alimentos como a Monsanto, a Bayer e a Bunge.

Para o agricultor familiar este modelo produtivo não permite ganhos econômicos expressivos mas sim, o torna refém do sistema produtivo a partir da aquisição de pacotes produtivos da revolução verde. Segundo Emanuelle Costa, Rafaela Duarte e José Gama (2019), o termo cegueira botânica refere-se a dificuldade de perceber as plantas cotidianamente e,

[...] de compreender as necessidades vitais das plantas, de conhecer a importância das plantas nas atividades diárias, não sabendo explicar aspectos básicos sobre elas e por fim, não percebendo a importância das mesmas nos ciclos biogeoquímicos, causando uma visão equivocada das plantas e tratando-as como seres inferiores aos demais seres vivos (COSTA, DUARTE E GAMA, 2019, p. 81).

A cegueira botânica refere-se ao estranhamento da natureza, por parte dos humanos, quando ignoram ou não reconhecem a importância de determinadas plantas para os micro ecossistemas, ou para outras espécies nativas, quando determinadas espécies não trazem um retorno financeiro para os agricultores, neste sentido, as mulheres agricultoras desenvolvem uma função essencial uma vez que são elas quem iniciam os processos de cuidado e atenção com as plantas e a terra, no entorno das casas e começam a enxergar a diversidade de plantas com potencial para a alimentação e geração de renda que até então eram simplesmente invisibilizadas, entre outros fatores pela imposição do sistema de monocultivo agrícola.

Dialogando com a questão da cegueira botânica, a agroecologia incorpora a discussão sobre a invisibilidades no espaço rural referente a produção de alimentos e das minorias, e as transformações e movimentos que iniciam no espaço rural.

O termo agroecologia foi criado por volta de 1930, segundo Rodrigo Moreira e Maristela Carmo, 2004, identificam-se duas correntes dedicando-se aos estudos e pesquisas referente a agroecologia, a primeira, norte americana, com destaque para a Califórnia e a segunda corrente é a europeia, com destaque para a Espanha.

Segundo os autores, a corrente norte americana, voltava-se para os estudos da agricultura tradicional mexicana, entendendo a fusão entre a agronomia e a ecologia, que é quando, na década de

1930, alguns ecologistas propõem o termo agroecologia voltado para a aplicação da ecologia na agricultura. “Pelo histórico apresentado, observa-se que a agroecologia recebe contribuições valiosas da ecologia, da qual utiliza conhecimentos e métodos modernos construídos sobre os aspectos de conservação dos recursos da agricultura tradicional local” (MOREIRA E CARMO, 2004, p.45).

Segundo Rodrigo Moreira e Maristela Carmo (2004, p. 46), a corrente europeia definiu o termo agroecologia a partir da interação entre disciplinas científicas e as comunidades rurais baseando-se nos exemplos da América Latina, deste modo, a inserção da agroecologia na Europa, inicia pelas áreas menos desenvolvidas quanto a modernização agrária, como por exemplo, a Espanha, fomentando os primeiros estudos sobre agroecologia na Europa, no final da década de 1980. Deste modo, segundo Casado, Sevilla-Guzmán e Molina (2000), a agroecologia surge como um produto da confluência entre o movimento ecologista, o movimento camponês em favor dos estudos sobre a nova tradição de estudos camponeses, na qual se insere uma caracterização agroecológica do campesinato.

Nesta perspectiva, para Rodrigo Moreira e Maristela Carmo (2004, p.46) a agroecologia envolve uma compreensão desde os níveis ecológicos e sociais da co-evolução da estrutura e do funcionamento dos agro ecossistemas, incentivando os pesquisadores a perceber as habilidades e saberes dos agricultores, reconhecendo o potencial crescente ao congregarem biodiversidade aos sistemas produtivos a fim de criar sinergismos úteis que concedam aos agro ecossistemas a capacidade de manterem-se ou alcançarem um estado de estabilidade natural.

É comum encontrar uma confusão conceitual entre agricultura orgânica e agroecologia, estes termos não devem ser vistos como sinônimos. A agroecologia, segundo Moura (2016) é uma ciência, com limites teóricos definidos, a qual inter-relaciona o saber de diferentes áreas do conhecimento, no entanto, a agricultura orgânica, compreende uma prática agrícola, com o intuito de estabelecer sistemas de produção baseados em procedimentos que envolvem desde a planta, o solo e as condições climáticas, visando a produção de alimentos saudáveis sem agrotóxicos ou quaisquer outros produtos químicos (MOURA, 2016, p. 26).

Segundo Francisco Caporal et. al, (2006), apud Reiniger (2017, p.13), agroecologia define-se como um campo de conhecimentos, com enfoque multidisciplinar, visando contribuir para a “construção de estilos de agricultura de base ecológica e na elaboração de estratégias de desenvolvimento rural a partir de ideais pautados na sustentabilidade e em uma perspectiva multidimensional de longo prazo”. Não se limitando a abordar apenas os aspectos meramente ecológicos ou agrônômicos da produção, justamente por considerar desde os “ciclos dos minerais, os processos biológicos, as transformações energéticas e as relações socioeconômicas são investigadas e analisadas em seu conjunto” (REINIGER, 2017, p. 17).

Nesta perspectiva, Francisco Caporal e Azevedo (2011, p. 88), destacam que a agroecologia visa integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diversas ciências, possibilitando compreender, analisar e criticar o atual modelo do desenvolvimento e de agricultura, bem como permitindo pensar novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis envolvendo desde uma análise transdisciplinar até a holística.

Deste modo, Francisco Caporal e Azevedo (2011, p. 93), apontam que a agroecologia visa entender a atividade agrária a partir de uma perspectiva ecológica e enfoque sistêmico, utilizando o agroecossistema para realizar as análises, visando promover as bases científicas para a implementação de agriculturas de fato sustentáveis. Sendo assim, define-se enquanto um campo do conhecimento que envolve diversas reflexões teóricas e avanços científicos de diferentes disciplinas, que contribuem para construção do seu atual corpo teórico e metodológico.

Contrapondo a concepção de Francisco Caporal, Gliessman (2000), aponta que o foco agroecológico pode ser entendido como a aplicação dos princípios e conceitos da Ecologia no manejo e desenho de agroecossistemas mais sustentáveis, ou seja, este autor não agrega a visão holística e social na construção do conceito de agroecologia, como propõe Francisco Caporal.

Segundo Dirceu Benincá e Leticia Bonatti (2020), a agroecologia compreende um novo paradigma produtivo, como uma mescla entre a ciência, técnicas e práticas, visando a produção ecologicamente sustentável no campo do mesmo modo que pode ser entendida como uma forma de resistência aos modelos agrícolas destruidores, uma vez que, se coloca como um novo campo de saberes práticos, visando a construção de uma agricultura mais sustentável e para o bem comum e equilíbrio ecológico da terra, bem como viabilizando a segurança alimentar das comunidades rurais, como também exposto por Henrique Leff.

Para Altieri e Nicholls (2000, p. 16-17), a agroecologia pode ser definida como uma engenharia ecológica, reunindo os componentes do agro ecossistema, ou seja, os cultivos, os animais, as árvores, os solos, entre outros, em que as interações temporais e espaciais entre estes componentes possam ser traduzidas em rendimentos derivando de fontes internas, da reciclagem de nutrientes e matéria orgânica e de relações tróficas entre plantas, insetos, patógenos entre outros, ressaltando a cooperação com os mecanismos de controle biológico.

Neste sentido, a agroecologia se apresenta como uma possibilidade real de resgatar a conexão natureza - seres humanos, como define Adriano Saquet (2008),

A agroecologia, tem sido reafirmada como uma ciência ou disciplina científica, ou seja, um campo do conhecimento de caráter multidisciplinar que apresenta uma série de princípios conceitos e metodologias que nos permitem estudar, analisar dirigir, desenhar e avaliar agro ecossistemas (CAPORAL; COSTABEBER, 2002), que são considerados como unidades

fundamentais para o estudo e planejamento das intervenções humanas em favor do desenvolvimento rural sustentável. O pensamento agroecológico corresponde à aplicação de conceitos e princípios da Ecologia, da Agronomia, da Zootecnia, da Veterinária, da Sociologia, da Antropologia, da Ciência da Comunicação e outras áreas de conhecimento na reestruturação e manejo de agro ecossistemas que desejamos que sejam mais sustentáveis ao longo do tempo (SAQUET, 2008 p. 143).

A agroecologia, segundo Adriano Saquet (2008), compreende um saber científico multidisciplinar, que abrange diversas áreas do conhecimento desde a agronomia e técnicas de cultivo até a antropologia, caracterizando-se como uma ciência que condensa as relações sociais e suas espacialidades dentro dos agroecossistemas.

A partir da aplicação da agroecologia enquanto conhecimento científico que abrange também a esfera holística, os agricultores familiares ao apropriarem-se desta ciência para transformar seus modos de vida e de produção de alimentos, constrói-se uma identidade cultural que valoriza a produção agrícola, transformando-se em um fator positivo para a permanência das famílias no espaço rural.

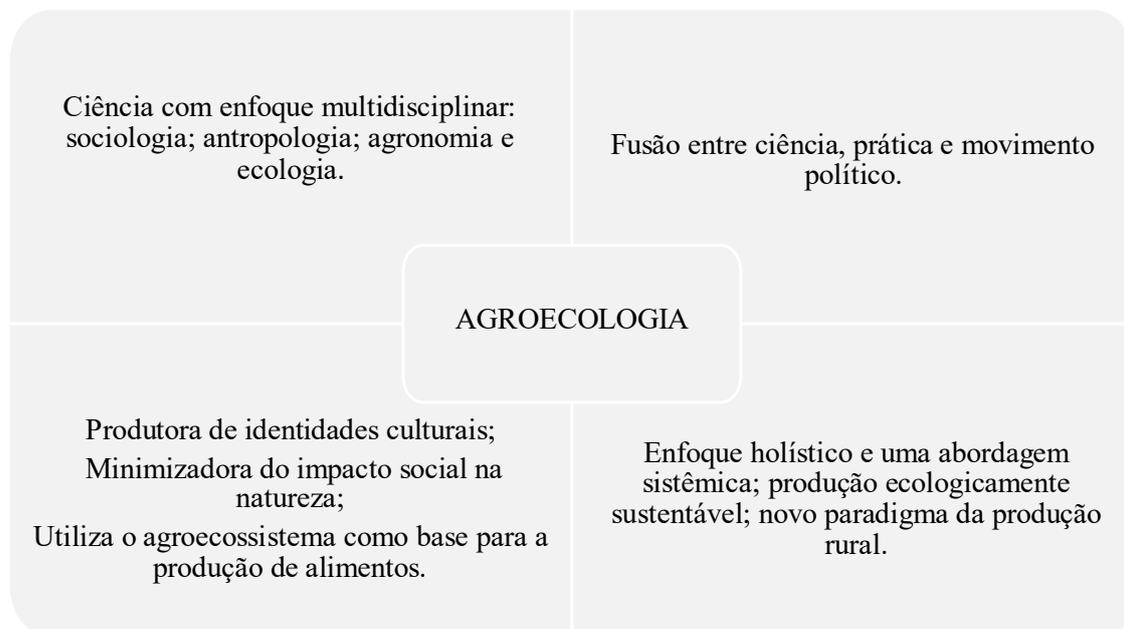
A agroecologia pode ser entendida como um fator minimizador do impacto social na natureza, devido ao enfoque holístico, definido por Fritjof Capra (2006), como um enfoque sistêmico no meio científico, envolvendo um todo integrado cujas propriedades essenciais surgem das relações entre as partes e tendo como premissa a produção de alimentos, ressignificando a relação ser humano – natureza.

Segundo Francisco Caporal (2009), a agroecologia desenvolve laços conceituais, metodológicos e estratégicos capazes de orientar projetos de desenvolvimento rural sustentável fortalecendo a relação horizontal e sintrópica⁶ entre sociedade e natureza. Desta maneira é entendida enquanto contra movimento diante dos desafios mundiais sobre a questão da fome, representando uma possibilidade de entender a paisagem sociocultural e seus desdobramentos a partir do olhar feminino.

Assim sendo, o quadro abaixo sintetiza a definição de agroecologia entendida e aplicada nesta pesquisa.

⁶ O termo sintropia foi desenvolvido pelo suíço Ernest Gotsch (O Renascer da Agricultura, 1995), resumidamente, este termo compreende a produção de alimentos dentro de um ecossistema auto sustentável, criado a partir do cultivo consorciado de hortaliças, verduras, frutas, ervas junto a árvores, criando um equilíbrio e assimilando a regeneração natural de florestas.

Organograma 2: Agroecologia uma ciência multidisciplinar em construção.



Elaborado pela autora, 2022, com base em Saquet (2008), Benincá e Bonatti (2020), Caporal (2006), apud Reinger (2017), Moura (2016),

A agroecologia com seu enfoque multidisciplinar, possibilita ressignificar a vida dos agricultores e agricultoras promovendo bem-estar, transformando a relação destas pessoas com o meio ambiente e as questões ambientais (preservação da biodiversidade da fauna e flora) e a produção de alimentos.

Essa ciência inspira e manifesta o desejo de mudança que cresce e floresce dentro de cada mulher agricultora, sentimentos expressos por meio de falas e atitudes, neste sentido, a imagem registrada por Igor Dalla Rosa, durante uma entrevista sobre como a agroecologia influenciou e mudou os rumos da vida de Cleonice Farikoski do município de Três Arroios/RS. A fotografia, demonstra como a agroecologia se torna uma ferramenta de construção da autonomia, observa-se nas expressões faciais o sentimento de alegria a partir de um ato – plantar o próprio alimento e re-unir a família no processo, uma mudança que transformou os padrões e modos de viver no espaço rural.

Fotografia 1: Mulheres na paisagem da agroecologia.



Fonte: Igor Dalla Rosa Muller (Jornal BOM DIA 09/04/2021 disponível em: <https://www.jornalbomdia.com.br/noticia/45063/-transformei-a-agroecologia-num-projeto-de-vida>).

Na fotografia 1, é possível observar a diversidade de alimentos (bananeiras, mandioca, frutas cítricas, alface entre outros legumes), representando a possibilidade de viver no espaço rural sem temer a fome, a pobreza financeira e o isolamento social. O sorriso da agricultora permite pensar sobre o empoderamento da unidade familiar frente a lógica de consumo unicamente por meio de supermercados, mas, associado à ressignificação dos modos de viver e construir outras paisagens.

Neste sentido Shaiane Gaboardi (2017, p. 71), destaca que a agroecologia se refere,

[...] as fusões entre a ciência, prática e movimento político. Primeiramente, uma ciência que estuda a estrutura e função dos agro ecossistemas do ponto de vista ecológico e cultural. Isto articulado à prática dos agricultores que tendem a conservar os recursos naturais e garantir a qualidade dos alimentos produzidos e, ao movimento político, apoiando os postulados filosóficos e éticos da agroecologia em relação ao respeito à vida (GABOARDI, 2017, p.71).

Shaiane Gaboardi (2017), aponta os valores da agroecologia e a conexão com os aspectos culturais e o respeito a vida humana, ao propor a preservação da vida, tem-se um resgate de saberes e uma valorização da cultura local, ressignificando a relação com a parte da natureza passível de dominação, ou seja, o lugar imerso na paisagem, que é construído a partir de um impulso gerando uma ação, esta cria outras possibilidades diante do processo de produção de alimentos, tendo como uma das consequências a promoção do bem-estar.

Fotografia 2: Contextos de produção agroecológica



Fonte: CAPA, 17 maio, 2021. (<https://www.capa.org.br/2021/05/capa-completa-43-anos/>).

A segunda fotografia permite observar sentimentos (alegria/felicidade), o fortalecimento dos laços familiares, associado ao lugar em que vivem e as escolhas quanto aos meios produtivos e fonte de renda. O fato de a família estar envolvida no cultivo de alimentos, representa o empoderamento sobre o modo de viver e sobre a natureza. Os sorrisos representam a autonomia, as crianças representam a continuação da família, ou seja, subjetivamente representando a continuação da espécie humana e de um retorno à natureza, expressando um estado de harmonia entre humanos e natureza na porção passível de controle – a paisagem, agora moldada por meio da aplicação das técnicas agroecológicas. A caixa de verduras expressa a possibilidade de produzir alimentos sem sobrecarregar o corpo, indicando uma atividade incumbida de certa leveza, se comparada ao modelo convencional (*commodities*).

Por outro lado, ao pesquisar sobre agronegócio, latifúndio, monocultivo as imagens encontradas no *google* seguem um padrão: uma monotonia dada a partir de um único cultivo que se estende por muitos quilômetros, até encontrar o horizonte. Neste caso, torna-se abstrato o exercício de tentar imaginar uma paisagem do passado, é como olhar para o mar, mesmo vendo a linha do horizonte, não é possível dizer que é uma paisagem, mas sim, o encontro de dois elementos em grande quantidade: ar e água.

Ao observar uma lavoura de produção de *commodities*, tem-se um “mar” de uma única espécie vegetal, anulando outras espécies, (os agrotóxicos acabam com a diversidade da fauna – insetos e

pequenos animais e da flora, espécies nativas – PANCS), o observador quando consciente do processo produtivo tende a não associar o que vê a definição de paisagem, tem-se um “mar de incertezas”, de inseguranças e medos quanto ao futuro e em relação a natureza (fenômenos como *la nina* e *el nino* que interferem diretamente na quantidade de chuvas, principalmente na região sul do Brasil).

Neste sentido, as paisagens desoladoras podem ser associadas ao conceito de território na Geografia, representando o poder, dominação e controle, neste caso, das multinacionais, que fomentam o discurso utópico do aumento da produtividade e do lucro, quando se refere aos agricultores familiares.

Fotografia 3: Latifúndio no Brasil.



Fonte: Marcelo Camargo/Agência Brasil (26 julho 2018).

As três fotografias trazem elementos diferentes, as fotografias 1 e 2 estão retratando o contexto de produção de alimentos a partir do uso da ciência agroecológica, nas quais estão inseridas as mulheres, permitindo associar a análise a uma relação topofílica (Yi – Fu Tuan, 2005) com o lugar, e consequentemente com a manifestação da paisagem.

A terceira fotografia mostra o oposto, apesar de para alguns olhares representar uma paisagem as áreas de produção voltadas para produção de commodities, da produção em larga escala, demonstra um vazio social, nessas áreas existe uma relação direta de poucas pessoas que visam apenas o lucro e o aumento da produtividade, tampouco a atuação de mulheres é reconhecida, há uma redução da diversidade da fauna e flora local, pelo contrário, devido a estruturação do processo produtivo, os agricultores familiares ficam à mercê do tempo e das oscilações das bolsas de valores internacionais que controlam os preços das commodities e sendo assim, pode-se associar essas paisagens a um cenário de temor ou medo permanente, gerando uma relação topofóbica (Tuan, 2005).

Nos processos produtivos pautados no monocultivo, surgem as agriculturas ciborgues, tendo como discurso persuasivo a necessidade de produzir para evitar um colapso econômico pela falta de produção de lucro e não necessariamente em evitar um colapso sociopolítico pela fome “as máquinas do final do século XX tornaram a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo entre aquilo que se autocria e que é externamente criado” (Donna Haraway, 2009, p.42).

Deste modo, a agricultura familiar agroecológica, pode ser entendida como uma alternativa aos modos de produção convencionais, ao possibilitar a reconstrução de ambientes em que o ser humano consiga além de produzir alimentos para minimizar o problema da fome, da desnutrição, da subnutrição e da pobreza econômica e também fortalecer os laços sociais entre as pessoas que vivem no rural.

2.4 PAISAGENS DA AGROECOLOGIA: OLHAR PARA O PASSADO E O PRESENTE E PENSAR O FUTURO.

A agroecologia enquanto ciência permite ao ser humano repensar sua relação com a natureza, utilizando técnicas que consideram todo o agro ecossistema, isto é, um sistema de produção agrícola que compreende a aplicação de técnicas de cultivos e manejo do solo, mão de obra humana e condições do relevo (Feiden, 2005).

Essa ciência tem como objetivo propor uma ação integrada entre conhecimento científico, saberes tradicionais, um enfoque holístico e uma análise ecológica para as áreas de produção de alimentos, e justamente por considerar o ser humano como parte ativa do processo de produção de alimentos, que se torna importante superar a divisão sexual do trabalho bem como dar visibilidade as lutas femininas em espaços que se utilizam desta ciência para produzir alimentos.

“Na agroecologia, os agroecossistemas constituem unidade fundamental de estudo, em que os ciclos minerais, as transformações energéticas, os processos biológicos e as relações socioeconômicas são investigadas e analisadas em seu conjunto” (Reiniger et. al, 2017, p.17).

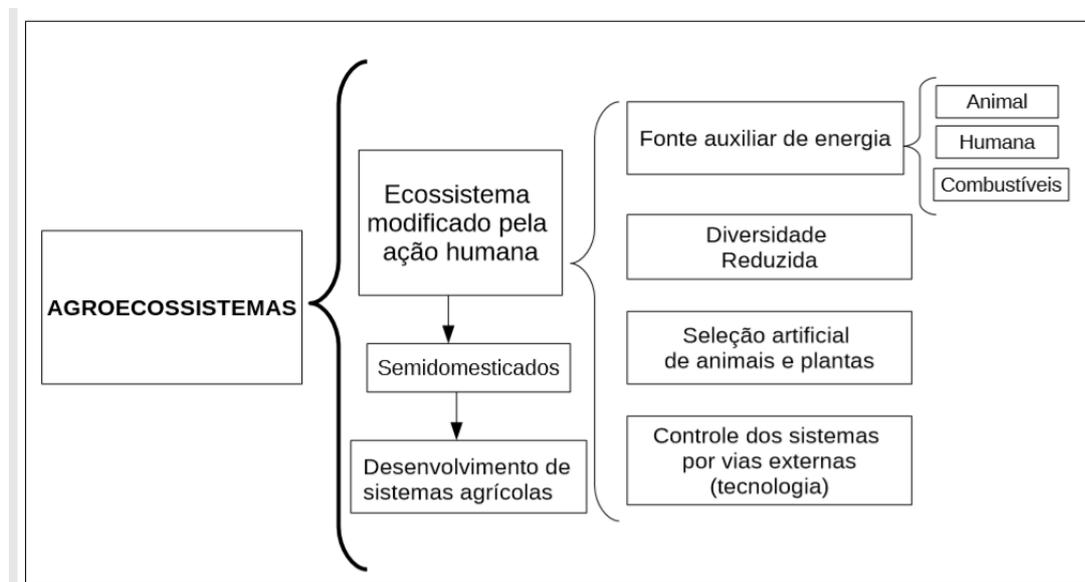
Buscando justificar os motivos para o uso da ciência agroecológica como complemento desta pesquisa sobre paisagem, o quadro a seguir, apresenta uma síntese sobre aspectos motivadores da pesquisa e como a agroecologia é parte integrante do processo de compreensão e reconhecimento da construção da autonomia feminina em seus modos de viver e ver a paisagem, mesmo que para estes sujeitos nem sempre ocorra a total consciência de que estão aplicando e utilizando das bases teóricas da agroecologia no seu cotidiano.

Quadro 10: Motivações para usar a agroecologia como um pilar na promoção do empoderamento feminino no espaço rural.

Exemplos de questões feministas no campo da agroecologia	Hipóteses explicativas	Caminhos teóricos para desenvolver as análises dos problemas
Exclusão da mulher das decisões gerais que permeiam uma unidade familiar	Embora a agroecologia represente um contra movimento ao monocultivo agrícola, esta técnica não envolve de início a luta das mulheres em busca do respeito e empoderamento feminino.	Para fazer esta discussão será traçado um diálogo com pensadoras como Emma Siliprandi (2016), que aborda a igualdade entre mulheres e homens na agroecologia. Haraway (1991), a qual aponta que para a mulher se tornar sujeito, é necessário que ela consiga enfrentar as relações de dominação que impedem sua autonomia e empoderamento.
Divisão sexual do trabalho	A hipótese é que a agroecologia enquanto técnica agrícola é uma ferramenta contra o monocultivo, porém a discussão sobre quem faz agroecologia e como estas pessoas se posicionam são pouco discutidas. Creio que ao se apropriar da agroecologia para compreensão da paisagem na Geografia, seja um caminho possível para descobrir esta resposta, uma vez que a Geografia compreende as relações sociais e a materialização destas também sobre as paisagens.	Beauvoir (1970), a autora, na obra o Segundo Sexo, faz apontamentos sobre como a mulher é tratada nas esperas públicas e privadas, alertando para um problema social relacionado ao gênero feminino.
Divisão dos lucros da unidade familiar	Compreender os processos históricos que levaram a divisão sexual do trabalho, e a remuneração desigual entre homens e mulheres que seguem sendo pontuadas e reavaliadas dentro da produção agroecológica.	Kergoat(2009) aborda a divisão sexual do trabalho relacionada a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; a qual é historicamente adaptada a cada sociedade, enfatizando a relação dos homens à produção e das mulheres à reprodução. Apfelbaum(2009), aponta a dominação sexual sobre as atividades desenvolvidas e a naturalização da sobrecarga de trabalho feminina em diferentes contextos, os quais podem ser aplicados para entendermos as relações de trabalho dentro do contexto familiar de produção agroecológica.
Ser mulher – gênero feminino	Ser mulher é um problema dentro das sociedades machistas e capitalistas que vivemos. A agroecologia apesar de ressignificar a relação ser humano - natureza, ainda não avançou na prática para uma transformação real das relações sociais entre homens e mulheres na luta por igualdade social.	Partiremos da discussão sobre a violência de gênero focando na discussão sobre o empoderamento feminino analisando as transformações e ações construídas a partir dos espaços de produção agroecológicas a partir de autoras como Saffioti (1976), Sarti (2004) Silva (2009).

Por meio da agroecologia tem-se uma possibilidade de produção de alimentos, baseada em dinâmicas de controle de processos naturais, sem o intento de desvirtuá-los como no caso dos cultivos mecanizados, tratando-se de um campo de atuação socioecológica produtor de outras perspectivas de

ção da natureza e da sociedade. Conseqüentemente, há uma transformação nas paisagens, em que os novos significados podem ser compreendidos sob os olhares das mulheres na produção agroecológica.



Fonte: Adaptado de ODUM,1984, autora, 2020.

Um agroecossistema compreende a aplicação de técnicas e tecnologias que interferem no ecossistema envolvendo a produção de alimentos com o mínimo de impacto, evitando o uso de técnicas e ferramentas totalmente desconectadas da realidade local.

Considerando que a agroecologia enquanto ciência propõe a utilização dos recursos locais para adubar o solo, priorizando a diversidade de espécies, permite que agricultores e agricultoras revisem sua compreensão sobre o medo da natureza, o medo da fome e da pobreza (TUAN, 2005), uma vez que, as pessoas envolvidas estão conscientes da diversidade produtiva alcançada através das bases da agroecologia, criando uma nova organização social e uma nova relação ser humano – natureza, pautada no uso consciente do solo e tendo como resultado a construção de outras paisagens, as quais são produzidas também pelas mulheres.

O desperdício e a má distribuição de alimentos no mundo intensificam o problema da fome. Segundo estimativas da ONU (2022), no Brasil aproximadamente dezenove milhões de pessoas passam fome diariamente, neste sentido, produzir maior variedade de alimentos a partir do modelo de sistemas agroflorestais-SAF's (florestas e hortas consorciadas), possibilita ressignificar a relação do ser humano com a natureza transformando-a de maneira positiva, ou seja, reduzindo as paisagens desoladoras da fome ao mesmo tempo em que permite o surgimento de paisagens “nutridoras”.

Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, “de 2000 a 2017, a área agricultável mundial destinada a cultivos orgânicos aumentou 365%, quase 10% ao ano. Em termos

absolutos, a agricultura orgânica saltou de 15 milhões de hectares de terras para 69,8 milhões de hectares nesse período” (IPEA, 2020, p. 10).

No Brasil, as raízes do movimento orgânico e/ou agroecológico remontam ao final da década de 1970, quando um conjunto de iniciativas locais buscando uma agricultura alternativa ao modelo da modernização conservadora começou a florescer em diferentes regiões brasileiras a partir da iniciativa de diversas organizações não governamentais (ONGs) em parceria com movimentos sociais e organizações de agricultores familiares (IPEA, 2020, p.24).

Nota-se que o movimento agroecológico no Brasil surge logo após a intensificação dos pacotes da revolução verde na década de 1960, entretanto, é somente nos anos 2000 que este movimento ganha corpo e visibilidade no contexto produtivo nacional a partir do uso e aplicação da ciência agroecológica. Em termos de Brasil não existem dados separados entre produção orgânica e produção agroecológica, neste sentido toda a produção de alimentos que não utiliza agrotóxicos é contabilizada como orgânica.

Segundo a base de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE – SIDRA, no senso agropecuário de 2017, foram registrados um total de 5.073.324 estabelecimentos agropecuários no Brasil, destes, 68.716 estabelecimentos agropecuários certificados com produção orgânica, ou seja, (verduras, legumes, cítricos). A partir dos dados do IBGE, percebe-se que a porcentagem de estabelecimentos voltados para a produção agrícola orgânica é reduzida se comparada com o total de estabelecimentos do país, necessitando de investimentos e redes de apoio para que, cada vez mais, o número de estabelecimentos rurais que utilizem as práticas e metodologias da agroecologia aumentem, implicando no crescimento da população rural, transformando e criando outras paisagens, bem como ressignificando os modos de conviver, produzir e compartilhar.

Apesar dos incentivos na produção com base agroecológica nota-se que apenas 1,3% dos estabelecimentos agrícolas possuem certificação de produção orgânica, tem-se praticamente 98% de toda a produção nacional baseada na produção convencional ou de *commodities*.

Quando referimo-nos as paisagens compostas pela monocultura, associamos à ideia de desolação, uma vez que neste modelo produtivo, os componentes da agricultura familiar tentam insistentemente aumentar a renda familiar, porém o que se manifesta é um sentimento de frustração e incapacidade diante das alterações na produção devido a ação de fenômenos naturais, que podem devastar as lavouras em poucos segundos ou dias, a depender da interferência natural (ciclones, tempestades, granizo, estiagem).

As paisagens desoladoras, entendidas como paisagens do medo, da incerteza, da dor, da miséria financeira reduz a qualidade de vida e da alimentação das famílias, uma vez que todos os espaços passíveis do uso de máquinas são utilizados para a produção de *commodities* na esperança de aumentar o lucro, entretanto para o agricultor familiar este modelo agrícola torna –se insustentável,

uma vez que intensifica o processo de êxodo rural, a alternativa é migrar para os centros urbanos em busca de uma oportunidade de trabalho.

Por outro lado, as paisagens nutridoras, representam aquelas baseadas na aplicação das técnicas desenvolvidas pela ciência agroecológica, valorizando a relação direta e constante do ser humano com o ato de plantar, cuidar e colher, valorizando a diversidade nos cultivos, respeitando as sazonalidades e as regiões geográficas e principalmente valorizando as relações sociais, as trocas de saberes, fortalecendo os vínculos afetivos entre os membros da família e também entre vizinhos, ressignificando a lógica até então imposta de produção agrícola pautada no monocultivo.

Ao abordar a construção de outras paisagens pautadas na agroecologia envolvendo uma análise holística se faz necessário ter consciência das lacunas sobre as relações de gênero que se materializam no espaço rural e se manifestam nos espaços de produção de alimentos como aponta Vivian Motta (2020),

As pesquisas no universo da Agroecologia pecam quando não desvelam aspectos de gênero e raça, pois, em muitos de nós e de nossos conhecimentos, somos os corpos matáveis, somos sobreviventes diários da necropolítica! A Agroecologia deve colaborar com a destruição dos estereótipos que criminalizam as pessoas e as fixam nos espaços de marginalidade, precisa ser um espaço de enunciação com sujeitos e “sujeitas” falantes, precisa elucidar os processos de invisibilidade que dão a falsa sensação de ausência das (os) marginalizadas (os) (MOTTA, 2020, p. 47).

Deste modo, pensar o futuro da agricultura a partir da aplicação da agroecologia enquanto ciência, envolve, superar a dicotomia entre os sexos e as atividades desempenhadas, uma vez que tais práticas seguem invisibilizando as lutas e trabalhos desenvolvidos pelas agricultoras, esta é uma das provocações desta pesquisa, discutir e analisar como a agroecologia pode ser utilizada enquanto um movimento que supera a divisão sexual do trabalho e reconhece as lutas feministas no campo.

Assim sendo, precisa de indivíduos para a aplicação e comprovação dos resultados obtidos sobre a produção de alimentos, em detrimento do monocultivo agrícola. Neste tocante, Emma Siliprandi (2016) enfatiza que,

[...] O fato de o protagonismo feminino alcançar tantas dimensões dentro da agroecologia não significa que se atingiu a igualdade entre homens e mulheres. Como indica Elizabeth Cardoso, “isso não é uma unanimidade. Ainda tem muitas lideranças e movimentos que não consideram a questão [do empoderamento das mulheres] (grifo do autor) como prioridade para a agroecologia (SILIPRANDI, 2016).

Como exposto, algumas lideranças dos movimentos agroecológicos não têm como pauta a luta pelo empoderamento feminino, pelo contrário, nota-se que nestes espaços também ocorre a negação dos direitos de expressão das mulheres, como é observado no relato de Mirian Pontes Pereira, no quadro 11.

Quadro 11: Mulheres assumindo espaços de liderança em movimentos agroecológicos.

18:37 – 19:30 (Mirian Pontes Pereira) muitas mulheres produziam mas não se sentia apropriada do trabalho que elas executavam né, e hoje eu me sinto orgulhosa de vê que temos hoje atualmente

são quatro mulheres presidente de associação né, aqui nos quilombos, que sempre foi dominado pelos homens né, quando eu comecei aqui eram quatro presidente e uma mulher né, então o embate o enfrentamento era muito grande, que tudo que eu falava eles diziam não tá certo, mas depois eles pegavam a minha fala e apresentava como se fosse deles, então chegou um momento que eu falei: chega! A minha fala é minha né, fui eu que falei isso, então cria opinião própria e comece a fala por si só e é desse jeito que eu falo pras mulheres, ó tem que fala meu, fala!(CAMINHOS DA AUTONOMIA: AGROECOLOGIA E FEMINISMO NO VALE DO RIBEIRA).

Neste sentido, a luta das mulheres dentro de movimentos, marchas e congressos sobre a agroecologia visam fortalecer os espaços conquistados, esta informação pode ser observada por meio de vídeos e documentários como “A Marcha pela vida das mulheres e pela agroecologia” dos anos de 2016⁷ e 2020⁸, destacam a transformação nos modos de viver iniciada pelos cultivos agroecológicos que fomentaram o empoderamento feminino, entretanto destacam a necessidade e importância das redes de apoio e políticas públicas na produção de alimentos e no combate à violência em relação as agricultoras.

Fotografia 4: Marcha das margaridas



Trecho do documentário: VII Marcha Pela Vida das Mulheres e Pela Agroecologia Areial PB 8 de março de 2016, no quadro 12.

Quadro 12: Transformação da relação familiar após a participação feminina na Marcha das Mulheres.

“meu marido bibia e sempre surtava e hoje depois da Marcha graças a deus eu consegui combate porque hoje a gente até consegui passeia junto a gente consegue passeia a gente consegue cunversa

7 VII Marcha pela vida das mulheres e pela agroecologia <<https://www.youtube.com/watch?v=wD7IK-MmMuHI&t=123s>> acesso em jun. 2020.

8 XI Marcha pela vida das mulheres e pela agroecologia <<https://www.youtube.com/watch?v=z8pK1kn8n-I>> acesso em jun. 2020

e coisa que a gente num tinha isso aqui,[...], num tinha voz ativa nenhuma num tinha força nenhuma de fala nada e graças a deus hoje eu tenho eu falo sério e ele obedece, ele pode tá morto de bebado mas eu enfrento e ele fica na dele quieto quando ele ve co enfrento mesmo que eu nun tenho mais aquele medo é assim que funciona aqui hoje”(VII MARCHA PELA VIDA DAS MULHERES E PELA AGROECOLOGIA AREIAL PB, tempo: 5:05 – 5:38).

A agroecologia enquanto ciência múltipla, transforma a vida das agricultoras , uma vez que envolve conhecimentos antropológicos, de ecologia, agronomia e o enfoque holístico, deste modo, as relações sociais ganham destaque e criam oportunidades para evidenciar o empoderamento no processo produtivo, dentro desta perspectiva, pode-se destacar o conceito de ecofeminismo uma vertente do feminismo relacionado com a agroecologia, uma vez que a luta feminina tem função central na construção do movimento agroecológico como destaca Maria G. da Costa (2017, p.2),

O debate feminista vai ter um lugar central na construção do movimento agroecológico a partir do momento em que as mulheres, principalmente as mulheres do campo, indígenas, negras e de populações tradicionais começam a trazer suas pautas, demandas e a necessidade de reconhecimento dentro do movimento, partindo da ideia de que “sem feminismo, não há agroecologia”, construindo assim uma nova agenda para o movimento ambiental no Brasil e em toda a América Latina (COSTA, 2017, p.2).

A autora ressalta que o movimento agroecológico ganha visibilidade na luta para a produção de alimentos de maneira ética e reflexiva a partir da inserção do movimento feminista na causa, o qual, amplia a atuação desta ciência, uma vez que além da aplicação dos conceitos agroecológicos associa a atuação das agricultoras no manejo do solo, no cultivo das plantas desenvolvendo um outro olhar sobre o tema em toda a América Latina.

Nesta premissa, compreender a atuação e lugar de fala das mulheres em espaços de produção e organizações que se utilizam da agroecologia enquanto ciência para guiar o processo produtivo, é necessário para que as questões femininas sejam visibilizadas e incentivem a criação de movimentos para propor e pensar outras possibilidades sobre as relações sociais, incluindo a produção de alimentos e o fortalecimento dos vínculos entre humanos e a terra.

CAPÍTULO 3 – CONTESTANDO PARADIGMAS: NATUREZA, TRABALHO E MULHER

À Terra

A natureza é mutável, ou seja, possui uma dinâmica independentemente da existência humana. Muitas vezes o ser humano busca discutir sobre os impactos na natureza, esquecendo-se dos problemas cotidianos e reais que envolvem as sociedades.

Durante a discussão sobre os paradigmas entre natureza, trabalho e mulher, tentarei por meio dos pesquisadores já citados apontar caminhos que a ciência geográfica traz para superarmos a falsa compreensão que temos de natureza, ou seja, da natureza enquanto recurso associado a compreensão

de como a teia social do trabalho feminino se desenha e se materializa sobre as paisagens, (muitas vezes frágil e em processo de construção).

3.1 AFINAL, O QUE É NATUREZA?

Dentre os autores utilizados para dialogar sobre o que também é natureza e paisagem, pode-se citar Edgar Morin(1977), Alfred Whitehead(1993), Milton Santos(2006), entre outros. Em relação ao conceito de natureza, Edgar Morin (1977), no livro *Introdução ao Método*, aponta que,

“O universo auto-suficiente auto mantém-se perpetuamente. A ordem soberana das leis da natureza é absoluta e imutável. Elas excluem a desordem desde sempre e para sempre. Apenas a fraqueza do nosso entendimento nos impede de conceber, na sua plenitude, o universal, impecável, inalterável e irrevogável determinismo (MORIN, 1977, p. 38).

Para este autor, a natureza é imutável enquanto essência, no sentido de que ela é cíclica, se regenera, se transforma, se molda (em relação às formas e eventos que a compõem: árvores, animais, água, terra, ar e fogo, ciclones, tsunamis, erupções vulcânicas, geleiras), independente da vida humana.

Para Alfred Whitehead (1993), a natureza,

[...] é o que observamos pela percepção obtida através dos sentidos. Nessa percepção sensível, estamos cômicos de algo que não é pensamento e que é contido em si mesmo com relação ao pensamento (...). Significa que a natureza pode ser concebida como um sistema fechado cujas relações mutuas prescindem da expressão do fato de que se pensa acerca das mesmas (WHITEHEAD,1993, p.7).

A natureza é imperceptível? Pode ser previsível? Segundo Alfred Whitehead (1993), natureza difere de pensamento, pois para ser pensamento precisa estar dentro da percepção do sensível, para tanto seria necessário contemplá-la, ou observá-la, como a natureza é mutável e imprevisível ficamos impossibilitados de reduzi-la a nossa compreensão e tampouco podemos dar alguma certeza sobre o que um dado movimento da natureza pode causar ou gerar sobre as paisagens, só depois que o fenômeno ocorre surgem outras paisagens.

Alfred Whitehead (1993, p.9), expressa a contenção da natureza em si mesma, quando afirma que a natureza está fechada para a mente. Por sua vez, esse fechamento da natureza expressa que, “na percepção sensível, a natureza é revelada como um complexo de entidades cujas relações mutuas são passíveis de expressão no pensamento sem referência a mente, ou seja, sem referência quer a apreensão sensível quer ao pensamento”.

Milton Santos (2006, p.62), em *a Natureza do Espaço* aponta que:

A história da humanidade parte de um mundo de coisas em conflito para um mundo de ações em conflito. No início, as ações se instalavam nos interstícios das forças naturais, enquanto hoje é o natural que ocupa tais interstícios. Antes, a sociedade se instalava sobre lugares naturais, pouco modificados pelo homem, hoje, os eventos naturais se dão em lugares cada

vez mais artificiais, que alteram o valor, a significação dos acontecimentos naturais. Os eventos históricos supõem a ação humana (SANTOS, 2006, p. 62).

Milton Santos(2006), demonstra que no desenvolvimento das sociedades, os fenômenos naturais demandavam uma preocupação maior, existia uma relação mais próxima entre humanos e a natureza, tudo era colhido diretamente da fonte, alimentos, ou matéria prima para a construção de moradias, utensílios e afins, com o desenvolvimento das indústrias, o surgimento do meio técnico-científico- informacional (SANTOS), o uso das tecnologias tanto no setor produtivo quanto comercial e social acabaram reduzindo o contato direto de milhões de pessoas com a natureza, um exemplo são os agricultores, com o desenvolvimento das máquinas agrícolas o sistema produtivo transformou-se em uma técnica praticada que não demanda o envolvimento de muitas pessoas, cabendo ao ser humano apenas ter uma moeda de troca para adquiri-lo.

A fome é um desafio que a humanidade precisa superar. Como superar um problema que atravessou séculos e segue sendo colocado em segundo plano pelos representantes e órgãos públicos? O problema da fome, desnutrição ou subnutrição é contemporâneo, se estende e avança junto com a modernidade, um fato é que 13,8 milhões de brasileiros estavam em situação de miséria no final de 2019 e esses números só crescem se analisarmos os dados mundiais. Josué de Castro (1984), já alertava que a fome é um problema social histórico associado ao fato de “os grupos humanos estarem sempre em luta e nunca em harmonia com os quadros naturais” (p. 280).

O problema da fome, segundo Josué Castro (1984), seria uma consequência da inaptidão do Estado Político em equilibrar os interesses privados com o interesse coletivo enfatizando o favorecimento de interesses estrangeiros na exploração de tipo colonial, neste sentido, o autor destaca que:

Foram os interesses alienígenas que predominaram, orientando a nossa economia para a exploração primária da terra e para a exportação das matérias primas assim obtidas. Desenvolveu desta forma o Brasil a sua vocação oceânica, exportando toda sua riqueza potencial - a riqueza do seu solo e de sua mão de obra por preços irrisórios. E não sobrando recursos para atender as necessidades internas do país: bens de consumo para o seu povo e equipamentos para o seu progresso (CASTRO, 1984, p. 281).

Os interesses alienígenas, referem-se as empresas multinacionais que dominam os mercados globais a partir da expansão das áreas de atuação e vendas e da possibilidade de compra de matéria prima a preços reduzidos. Ao entrar em contato com a obra de Josué de Castro (1984), um leigo no assunto pode pensar que o problema da fome tenha sido superado, entretanto, no Brasil os indicadores de miséria e pobreza só aumentam.

O medo da fome provocada e intensificada por um grupo de humanos, manifestada nos indivíduos que se encontram na linha da miséria e pobreza, transforma-se em medo da natureza, expressando a vulnerabilidade humana diante da natureza uma vez que resolver essa necessidade básica é, neste momento uma utopia, neste sentido o trabalho enquanto ferramenta de superação e

dominação é visto pelo homem como a maneira de sobreviver diante da natureza. Entretanto, sua aplicação para tratar o básico da vida: alimentação não ocorre quando falamos em monocultivo, pelo contrário, percebe-se a cada crise no setor econômico um aumento dos números de pessoas passando fome ou em situação de miséria.

3.2 O TRABALHO COMO DOMÍNIO DA NATUREZA

Qual a finalidade do trabalho? Por que e quem de fato tem a necessidade de dominar a natureza? A natureza flui independentemente da existência humana, como por exemplo, o “fenômeno da ressaca do mar” (Bitencourt et al, 2002), um tsunami, um ciclone, períodos de estiagem ou enchentes, tempestades, todos estes fenômenos naturais interferem na transformação e criação de diferentes paisagens e independem da intervenção humana para acontecer, ao longo dos períodos geológicos a natureza se transformou e recriou, sem necessariamente a natureza humana ter consciência disso.

A partir da institucionalização do patriarcado e do capitalismo a relação humano natureza teve seu percurso transformado, em que o trabalho passou a ser uma alienação não só do homem com a natureza mas deste com a própria natureza, uma vez que dentro do sistema capitalista somos induzidos a viver para trabalhar e trabalhar para sobreviver, desconectados da nossa essência (ter tempo de viver o presente, aproveitar os momentos e esperar a natureza prover os alimentos conforme as estações, o clima, a região geográfica, e outros elementos).

A relação da vida humana com o trabalho associa-se a busca por suprir as demandas por alimentos quando os grupos sociais passaram a viver de forma sedentária e o trabalho agrícola foi imprescindível para garantir alimento aos grupos. “A partir deste momento, o trabalho passou a fazer parte indissociável da vida dos seres humanos. Nessa situação, não resta dúvida, o trabalho tem a função de satisfazer uma necessidade humana não proporcionada diretamente pela natureza” (LUZ, 2008, p. 16).

Nesta perspectiva, Ana Maria Oliveira (2002), destaca que, a partir do desenvolvimento da ciência e da técnica no século XIX, a natureza passou a ser entendida como um objeto de apropriação e dominação do ser humano, deste modo,

[...]qualquer tentativa de pensar o homem e a natureza orgânica e integradamente se tornou falha, pois a separação não se efetuava apenas no nível do pensamento, mas também da ‘realidade objetiva’ construída pelo homem. A divisão social e técnica do trabalho contribuiu para que houvesse o processo de fragmentação e dicotomização do fazer e do pensar da sociedade capitalista industrial (OLIVEIRA, 2002, p. 8).

Segundo Ana Maria Oliveira (2002), a partir do desenvolvimento da ciência, a leitura de mundo em que ser humano e natureza se aproximam e mantêm relação harmônica foi deixada de lado, uma vez que a partir do trabalho o ser humano passou a controlar e dominar a natureza, ou seja,

passou a controlar os tipos de alimentos que seriam cultivados, quais espécies, e quais seriam as que não contribuíam para a alimentação humana. Entretanto, com a evolução do capitalismo e da industrialização, tem-se uma reconfiguração na relação ser humano – trabalho, quando este passa a ser usado não para o benefício geral da sociedade, mas para favorecer grupos e indivíduos em detrimento de outros, tem-se a escravização do ser humano para e pelo trabalho, neste sentido, Luz (2008), aponta que,

[...] em sociedades, nas quais o trabalho de alguns é, tão-somente, um meio para satisfazer as necessidades ou caprichos de outros, ele, ao invés de proporcionar o desenvolvimento das capacidades do trabalhador, passa a atuar no sentido de desumanizá-lo. Essa situação é particularmente visível em sociedades escravocratas, nas quais o trabalho se torna algo forçado e penoso (LUZ, 2008, p. 21).

Como exposto por Ricardo Luz (2008), o trabalho quando aplicado para atender os desejos de outros, em que o autor cita o modelo de sociedades escravocratas, referindo-se ao trabalho como penoso e forçado pode-se pensar que, uma vez que a escravidão foi abolida em 1888, não existe mais essa relação do ser humano com o trabalho, entretanto, ao aplicarmos essa reflexão sobre o trabalho agrícola e pensando na relação imposta pelo patriarcado, em que as mulheres são vistas como as provedoras e cuidadoras do lar, do marido e dos filhos, temos aí a reprodução do trabalho basicamente para atender as demandas do outro.

A mulher é educada e induzida à pensar que o trabalho doméstico é uma prova de amor e doação para a família, aceitando duplas jornadas de trabalho, se sobrecarregando no cuidado da casa, dos filhos e marido além de contribuir nos trabalhos manuais referente a produção de alimentos e cuidado dos animais, essas atividades entretanto, podem e devem ser divididas entre os demais membros da família, mas na prática isso não acontece ou ocorre de forma pontual quando trata-se do trabalho agrícola.

Quadro 13: Transformar o paradigma do trabalho na agricultura deve ser um movimento iniciado pelas mulheres.

discuti a agroecologia venha ao encontro disso tudo sabe, da gente refletir, e pensar o que a gente pode fazer para que mudem essas relações. Que é uma mudança cultural que tem que acontecer porque a cultura é algo que se constrói. E foi construída toda uma cultura de exploração. De explorar as mulheres né, i de explorar a terra, explorar a natureza. Tirar tudo, sugar tudo, tudo tem que virar lucro e as mulheres da mesma forma porque a gente deu sustentação pra esse modelo capitalista, machista que está aí, né a gente deu sustentação. A gente produziu os filhos pra trabalhar, pra ser mão de obra barata, a gente educou os filhos pra isso, ou nos educaram pra que a gente educasse os filhos pra obedecer né, i aceita toda dominação então nós acreditamos que só nós podemos mudar isso, nós temos que mudar dentro de nós essa concepção de obediência que tá cravada dentro de nós que foi construída dentro de nós. Então nós temos que desconstruir toda essa cultura. I isso as vezes poderá ir gerações né (AS SEMENTES, 2017, Izanete Colla, agricultora agroecológica, Ibiaça/RS).

Na fala da agricultora Izanete, constata-se que existe uma consciência da situação de dominação e controle quanto ao trabalho desenvolvido pelas mulheres, bem como que este problema é algo imposto culturalmente devido ao modelo patriarcal que ainda impera nos relacionamentos e associa-se ao capitalismo. Deste modo, a luta das agricultoras é pela libertação do trabalho enquanto força alienante e para a construção de um movimento em que o trabalho seja utilizado como ferramenta para a autonomia feminina, tanto na cidade quanto no espaço rural.

Historicamente a relação das mulheres com a terra e a produção de alimentos estava pautada em uma produção harmônica ou seja, respeitando os ciclos da natureza, o tempo de regeneração da terra, a preocupação com as sementes, entretanto com a imposição do capitalismo e conseqüentemente da alienação do trabalho temos a escravização da força de trabalho feminina para servir a família ou aceitando condições de trabalho, carga horária e remuneração mais baixas do que aquelas recebidas pelos homens ao desenvolverem as mesmas atividades. A conexão das mulheres com a natureza é evidenciada por Simone de Beauvoir (1970), a autora aponta que,

[...] Pode-se, assim, considerar que, misticamente, a terra pertence às mulheres; elas têm um domínio a um tempo religioso e legal sobre a gleba e seus frutos. O laço que os une é mais estreito ainda do que uma pertinência; **o regime de direito materno caracteriza-se por uma verdadeira assimilação da mulher à terra; em ambas se cumpre, através dos avatares, a permanência da vida, a vida que é essencialmente geração.** Entre os nômades, a procriação parece ser apenas um acidente e as riquezas do solo continuam desconhecidas; mas o agricultor admira o mistério da fecundidade que desabrocha nos sulcos dos arados e no ventre materno; sabe que foi engendrado como a rês e as colheitas, deseja que seu clã engendre outros homens perpetuando a fertilidade dos campos. A Natureza na sua totalidade apresenta-se a ele como uma mãe; **a terra é mulher, e a mulher é habitada pelas mesmas forças obscuras que habitam a terra** (BEAUVOIR, 1970, p. 88, grifo autora).

A autora aponta o trabalho e a relação das mulheres com a terra tanto no sentido de serem as fontes de toda a vida, vegetal, animal ou humana, apontando a necessidade de preservar a vida das mulheres, assim como são defendidos os direitos ambientais e a preservação da natureza, pensando na superação do paradigma do trabalho para além do modelo capitalista.

Deste modo, ao analisar a relação das mulheres com o trabalho agrícola, nota-se que as mulheres sendo também natureza não tem a necessidade de dominá-la, já os homens, por não serem capazes de gerar outra vida, e então não poderem ser comparados literalmente com a natureza, sentem a necessidade de dominá-la, conseqüentemente buscam o domínio sobre o sexo feminino, executam a dominação a partir do patriarcado.

Neste sentido, Daniele Kergoat (2009), ressalta que,

[...] as relações sociais de sexo e a divisão sexual do trabalho são expressões indissociáveis que, epistemologicamente, formam um sistema; a divisão sexual do trabalho tem o status de *enjeu* (disputa), das relações sociais de sexo. Estas últimas são caracterizadas pelas seguintes dimensões: – a relação entre os grupos assim definidos é antagonica; – **as diferenças constatadas entre as atividades dos homens e das mulheres são construções sociais** (grifo autora), e não provenientes de uma causalidade biológica; – essa construção social tem uma base material e não é unicamente ideológica; em outros termos, a “mudança de mentalidades”

jamais acontecerá de forma espontânea, se estiver desconectada da divisão de trabalho concreta; podemos fazer uma abordagem histórica e periodizá-la; – essas relações sociais se baseiam antes de tudo numa relação hierárquica entre os sexos; trata-se de uma relação de poder, de dominação. Essa relação social tem, além disso, características singulares: como já vimos, ela se encontra em todas as sociedades conhecidas; além disso, é estruturante para o conjunto do campo social e transversal à totalidade desse campo, o que não é o caso do conjunto das relações sociais. Podemos então considerá-la um paradigma das relações de dominação (KERGOAT, 2009, p.71).

A dominação sexual, deste modo está associada ao estabelecimento de hierarquias de trabalho, ou seja, construções sociais que precisam ser desconstruídas dentro do contexto social em que as mulheres estão inseridas, para que estas, consigam reconhecer as atividades desenvolvidas no âmbito familiar enquanto trabalho, ou seja, enquanto não ocorrer um empoderamento feminino sobre as funções que desenvolvem na unidade familiar, libertando-se da alienação do trabalho para o empoderamento e autonomia a partir do seu trabalho, o processo de superação da dominação sexual e reconhecimento das lutas femininas não acontecerá no âmbito da produção de alimentos, mesmo que em espaços que se apliquem as técnicas e conceitos desenvolvidos dentro da ciência agroecológica.

Nesta perspectiva, Erika Apfelbaum (2009), aponta a necessidade de desconstrução da naturalização entre a divisão dos trabalhos e remunerações por sexo feminino ou masculino, assim sendo, destaca que:

A análise da construção histórica, social e ideológica da dominação de gênero desestabiliza de modo radical os pressupostos naturalistas que prevalecem nas teorizações das Ciências Sociais e tendem a naturalizar as “diferenças” entre homens e mulheres; ela questiona os fundamentos de uma metodologia que trata de modo socialmente homogêneo as duas categorias, homens e mulheres (APFELBAUM, 2009, p. 77).

Deste modo, tem-se que para rever a questão da dominação masculina sobre a feminina dentro do patriarcado, é necessário revermos as chaves de leitura e compreensão dessa realidade, superando o trabalho enquanto alienação e desconstruindo as ideologias impostas para que as lutas sejam reconhecidas alcançando a autonomia a partir de uma ressignificação dos modos de ver e viver no espaço rural desempenhado, neste caso pelas agricultoras.

O ser humano a partir do trabalho transforma a natureza em recurso - *ressource*⁹, para suprir suas necessidades, embora esse ato não resolva o problema maior da humanidade: a fome e a miséria financeira. A natureza em sua totalidade jamais se esgota, no entanto está em constante transformação.

Nesta perspectiva, a agroecologia enquanto ciência multidisciplinar permite ressignificar a relação trabalho humano x dominação da natureza, a partir da adoção dos ideias e propostas definidos por esta ciência que busca transformar a lógica de produção de alimentos e os modos de viver no

9 Ressource – Representa o espaço-tempo das sociedades, aquele da organização política, jurídica, administrativa e aquela da exploração econômica. É o "recurso" (ressource) no tempo curto e instável do mercado. proposto por Bertrand (2002), o qual faz parte do Sistema GTP – o Geossistema, o Território e a Paisagem (PASSOS, 2016, p. 37).

rural. A harmonização com a natureza segundo Bruna Meira e Henrique Duval (2018), ocorre a partir da valorização das mulheres e do trabalho como uma ferramenta emancipatória, colocando estas como o centro da produção de alimentos, neste sentido, os autores afirmam que,

A valorização das mulheres como elemento central no modelo de produção agroecológico acaba por fomentar sua importância em tais sistemas (destacando às atividades tradicionalmente desenvolvidas por elas dentro do escopo de produção familiar: hortas, pomares, pequenos animais, agregação de valor da produção), além de proporcionar a mudança do comportamento na dimensão produtiva e junto às pessoas (numa perspectiva colaborativa e de valorização de conhecimentos e práticas); a possibilidade da maior participação em atividades para além das relacionadas às domésticas (cursos, feiras, oficinais) e o aumento da renda obtida pelas mulheres com sua produção/comercialização (MEIRA E DUVAL, 2018, p. 4).

Neste sentido, a aplicação da agroecologia enquanto um conjunto de técnicas, conhecimentos e saberes para superação do paradigma do trabalho enquanto alienação ou dominação como é entendido pelo patriarcado, permite as agricultoras ter autonomia diante da natureza sem perder a conexão com esta, ou seja, sem explorar até o esgotamento total dos recursos. Do mesmo modo, Ariana Oliveira et al, (2018) destaca que,

[...] para que ocorra a autonomia econômica da mulher, que diz respeito à sua capacidade de ser provedora, ou seja, de através do seu trabalho se tornar independente, decidir com o que gastar seu dinheiro e utiliza-lo da forma como achar mais pertinente, é preciso que estejam inseridas dentro de um sistema que não se baseiam na exploração das pessoas ou dos recursos naturais (OLIVIEIRA et al., 2018, p. 5).

Segundo Ariana Oliveira et. al (2018), a autonomia feminina ocorrerá a partir da quebra do paradigma da dominação da natureza pelo trabalho referente a lógica produtiva baseada no capitalismo para a construção de outras bases referente ao empoderamento feminino a partir do trabalho tendo como alicerce a ciência agroecológica, ou seja, considerando os aspectos sociais, a diversidade regional, a cultura local, e mesclando técnicas e saberes da agronomia com a ecologia que visam reduzir os impactos negativos e o esgotamento da terra, entendida enquanto recursos pela lógica capitalista.

Neste sentido o trabalho associado à ciência agroecológica cria uma relação harmônica entre natureza e humanos, fornecendo elementos para produção de alimentos para a subsistência da família, promovendo a autonomia feminina e reduzindo o desgaste físico bem como a sobrecarga de trabalho em uma única pessoa da família. Neste sentido, segundo Ariana Oliveira et al (2018),

A construção da autonomia da mulher no meio rural se dá através do seu empoderamento. É através das atividades realizadas muitas vezes em grupos com outras mulheres, que lhe permite ser uma mulher atuante e conhecedora de seu potencial e do mundo exterior. A Agroecologia contribui com o fortalecimento de grupos de mulheres que se unem em associações ou movimentos, mostrando que através da aplicação de seus princípios e de uma relação de cuidado com o próximo e com a natureza todos ganham (OLIVEIRA et. al. 2018, p.7).

Nota-se que o trabalho feminino na agricultura utilizando as metodologias propostas pela ciência agroecológica valoriza as atividades desempenhadas pelas agricultoras e a superação do

paradigma do trabalho enquanto exploração e dominação, passando a ser entendido enquanto uma ferramenta que facilita o reencontro com a natureza, tanto humana quanto da natureza (fonte), Terra, como pode ser observado no relato a seguir, extraído do documentário: Semeadoras: na fala de Carmem Munarini, agricultora, residente em Chapecó/SC e membro do MMC/SC.

Quadro 14: Autonomia a partir da participação no Movimento das Mulheres camponesas –MMC.

“que eu participei do movimento camponesa foi aonde que eu aprendi muita coisa né, a gente teve, a faculdade que eu num tive a oportunidade de fazê no movimento a gente aprendeu muita coisa, inclusive essa questão da agroecologia, de produzi os alimentos sadios, natural bem, bem assim, limpo né de, de qualquer tipo de veneno í produtos transgênicos essas coisa. [...] A nossa luta do movimento já né o, o fortalecer o quanto o feliz da vida. Então quando a gente fala em defesa da vida, a gente já tá falando da natureza, já tá falando de um alimento saudável essas coisa todas.(SEMEADORAS: AS FACES DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS NO OESTE DE SANTA CATARINA).

As agricultoras entendem a importância do reconhecimento do seu trabalho para que de fato alcancem a autonomia diante da família, para tanto, os grupos e movimentos de agricultoras são fundamentais, para sustentar e nutrir os alicerces desta luta, pelos relatos das agricultoras, o trabalho já é entendido enquanto uma ferramenta de domínio da natureza humana, ou seja de quebra do paradigma do trabalho alienante, como expõe Marx (1964).

3.3 AFINAL, O QUE É SER MULHER?

Frutos da terra? Sementes da terra? Parte da natureza (humana?), o que pode ser definido entendido como mulher? Quais padrões e ideologias seguir para elaborar a melhor definição? Descrever é o suficiente? Estas indagações, iniciais servem de base para desenvolver este subcapítulo referente a discussão sobre o que é ser mulher, para tanto, a discussão sobre teorias feministas, o que é feminismo serão fundamentais neste processo, uma vez que envolvem um universo de trabalhos, pesquisas e estudos referente ao assunto. A mulher distingue-se do homem tanto na forma física, quanto na relação que estabelece diante do trabalho, dos filhos e do lar, para iniciar esta discussão, Simone de Beauvoir e sua obra, O segundo Sexo, volumes I e II, serão utilizadas para dar corpo a análise. A autora questiona a construção social do “*ser mulher*”

"Onde estão as mulheres?", indagava há pouco uma revista intermitente. Mas antes de mais nada: que é uma mulher? "Tota mulier in utero: é uma matriz", diz alguém. Entretanto, falando de certas mulheres, os conhecedores declaram: "Não são mulheres", embora tenham um útero como as outras. Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem, hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e, contudo, dizem-nos que a feminilidade "corre perigo"; e exortam-nos: "Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres". Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? (BEAUVOIR, 1970).

Segundo a citação, a definição de mulher é imposta pela sociedade, voltada a um padrão construído com base em um modelo específico e aquelas que não se encaixam nesse padrão são criticadas ou então insultadas como não sendo de fato mulheres, mesmo que estas assim se autodeclarem.

Neste tocante, questiona-se o que é ser mulher e agricultora no século XXI? Beauvoir (1970, p. 57) apontou que somente “a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana.”

Nesta perspectiva, Joseli Silva (2009, p.85) aponta que,

As mulheres são seres múltiplos e constituem identidades complexas que vão além da fisiologia. [...] Gênero, nesse sentido, não é uma categoria fixa e pré-discursiva; ele se constrói por meio de atos repetidos e estilizados pelo sujeito generificado, constituindo uma complexidade aberta, jamais plenamente exibida em qualquer situação. Utilizando os termos de Butler, o gênero seria um aparato, ou uma matriz de inteligibilidade cultural (SILVA, 2009, p. 85).

Tomando como premissa que gênero compreende uma matriz de inteligibilidade cultural, ou seja, não se pode mensurar quantos tipos de gênero existem, e o foco desta pesquisa não se atem a realizar esta discussão, justamente por propor centrar a discussão na transformação da paisagem por um grupo específico: agricultoras, justificando a inserção de correntes feministas e suas lutas, condizendo com a construção deste estudo.

Deste modo, o discurso de Sojourner Truth (1851), apresentado por Donna Haraway (1993), expressa o julgamento e a padronização do corpo e dos modos de ser mulher,

Mas qui é essa cunversa toda aí? Aquele home acolá diz qui as mulé precisa ser ajudada a subi nas carruage, e levantada pra passá na vala, e ficá cum os mió lugá - e eu num sô mulé? Oia pra mim! oia pru meu braço!... Eu arei e plantei e ajuntei as safra dentro dos celêro, e home nium num mi passava na frente - e eu num sê mulé? Eu pudia trabaiaá qui nem quarqué home (quando tinha trabaío), e puxá a corrêa qui nem ele - e eu num sô mulé? (HARAWAY, 1993, p. 282).

A partir do discurso de Sojourner Truth, percebe-se que não basta um órgão sexual para definir uma mulher, esse padrão é imposto socialmente, como observado na frase: “Oia pra mim! oia pru meu braço!... eu arei e plantei e ajuntei as safra dentro dos celêro, e home nium num mi passava na frente” Sojourner(1851).

Desta maneira, surgem as seguintes provocações: qual é a tua natureza? Qual é a tua essência? Como te defines? És mulher? Que mulher? Por que mulher? Quando te viu mulher? Desde quando se vê e se sente mulher? Você sabe o que é ser mulher? E se sabe, quem te disse? Quem te enxerga mulher?

Donna Haraway (1993) aponta que,

[...] A face da humanidade tem sido a do homem. A humanidade feminista precisa ter outra forma, outros gestos; mas, creio, precisamos ter figuras feministas de humanidade. [...] A humanidade feminista deve, de algum modo, resistir à representação, à figuração literal, e também explodir em poderosos novos tropos, novas figuras de discurso, novas viradas de possibilidade histórica (HARAWAY, 1993, p.277).

Nesta perspectiva existe uma necessidade latente em reconhecer outras formas de corpos femininos para além da padronização do corpo imposto e reproduzido pelas mídias e veículos televisivos que tentam impor a hetero normatividade nos corpos femininos. Deste modo, as lutas feministas compreendem o reconhecimento, a aceitação social e o respeito sobre as diferenças dentro do universo feminino.

Nesta perspectiva, Michel Carrouges, citado por Simone de Beauvoir (1970, p. 180), defendia a importância do ser mulher na sociedade, segundo este,

A mulher não é a repetição inútil do homem, mas sim o lugar encantado em que se realiza a aliança viva do homem com a Natureza. Se desaparecer, os homens ficarão sós, estrangeiros sem passaporte em um mundo glacial. Ela é a própria terra elevada ao cimo da vida, e a terra tornada sensível e alegre; e, sem ela, a terra é para o homem muda e morta", escreve Michel Carrouges ("Les pouvoirs de la femme", Cahiers du Sud, n.º 292).

Os preconceitos de uma pessoa do sexo feminino cisgênero são únicos, afinal uma pessoa do sexo masculino que se entende e se define enquanto mulher, por mais que o faça, não consegue perceber ou provar da mesma cobrança ou dos mesmos preconceitos sofridos pela figura fêmea. Refletir sobre o que é ser mulher compreende uma busca por entender uma dada condição social ligada inicialmente a um órgão sexual, ou seja, dentro de um “padrão que separa e dimensiona o mundo em dois polos: feminino e masculino em detrimento da divisão biológica dos seres” (Beauvoir, 1970).

Donna Haraway (1991) destaca que por mais que as bases científicas possam ser incoerentes em determinadas situações (desigualdade salarial, esferas de poder nas quais a figura masculina é preponderante, entre outros), as mulheres precisam manter essa relação para que a luta pela igualdade social e de gênero tenha legitimidade e reconhecimento.

[...] así como el feminismo no puede desentenderse de la práctica científica, por ser ésta el principal ingrediente de la actual biopolítica, tampoco llude partir de la inocencia: no puede olvidar su propio ejerciere del poder, ni puede dejar de referirse a las organizaciones e instituciones que, aunque se quieran desechar, son reforzadas por el discurso. Al feminismo no le queda otro remedio que entrar en la re-escritura de lo científico-técnico con la conciencia ácida de entrar en un juego mortal de re/deconstrucción constante del discurso y de la (propia) identidad (HARAWAY, 1991, p. 28).

A autora aponta os meios institucionais como uma maneira de contato e divulgação de informações importantes no caminho de ressignificação da concepção do ser mulher a qual, permite a expressão dos desafios e desigualdades enfrentadas por determinado grupo humano em função da sua autodefinição: cisgênero.

Beauvoir defende que a biologia não define a orientação sexual, ou seja, somos educadas para responder a um padrão socialmente imposto, o qual não corresponde a realidade de milhares de mulheres que se entendem como tal, neste sentido, Jéssica Silva (2016, p. 45), destaca que,

[...] gênero é uma categoria que vai assumir diversos empregos, com as seguintes substituições, sexo por gênero e depois de gênero por mulher, sendo obrigatório enfatizar a complexidade da discussão e do entendimento da categoria. É nesse sentido que se entende a mulher neste presente trabalho, não enquanto uma noção cristalizada, enquadrada, fechada, pelo contrário, entende-se por mulher, o plural, o diverso, o conflitante no feminino (SILVA, 2016, p. 45).

Nesta perspectiva, o uso do termo mulher nesta dissertação representa o plural, o diverso, correspondendo a relação da construção de paisagens agroecológicas, de paisagens plurais, diversas e conflitantes pois trazem os desafios de ser mulher no rural, destacando o processo de empoderamento diante do núcleo familiar ao expressar o desejo por mudança, de aplicar técnicas e incentivar recomeços a partir das práticas agroecológicas e dos modos de viver, ressignificando e reconstruindo outras paisagens rurais.

As lutas feministas iniciaram na Inglaterra, a partir da reivindicação de direitos para as mulheres, iniciando com a luta pela inserção no mundo político, a partir da conquista do direito ao voto, reconhecido no final do século XIX. Segundo, Celi Pinto (2010, p. 16), no Brasil, o movimento feminista iniciou em 1910, com Bertha Lutz, lutando pelo direito ao voto, com essa bandeira somaram-se muitas mulheres trabalhadoras em busca por melhores condições de trabalho, entretanto este movimento durou até 1930, perdendo força e sendo retomado a partir de 1960, com influência dos movimentos que surgiram na Europa e nos Estados Unidos, como destaca Cynthia Sarti (2004),

[...] Em 1975, a ONU declara o Ano Internacional da Mulher, pelo impacto que já se fazia sentir do feminismo europeu e norte-americano, favorecendo a discussão da condição feminina no cenário internacional. Essas circunstâncias se somavam às mudanças efetivas na situação da mulher no Brasil a partir dos anos 1960, propiciadas pela modernização por que vinha passando o país, pondo em questão a tradicional hierarquia de gênero (SARTI, 2004, p.36).

Segundo Cynthia Sarti (2004), o movimento feminista no mundo já estava bem definido quando as lutas são retomadas no Brasil, tendo como prioridade a busca por direitos iguais entre homens e mulheres, que perpassa à superação de preconceitos e da banalização das atividades desenvolvidas por corpos femininos, como os exemplos a seguir:

“Mulher não serve para dirigir”, “o carro está andando devagar por que é uma mulher dirigindo”, “você é louca por querer mudar o modo de produção da unidade familiar”, “este dinheiro é meu, mulher não precisa de dinheiro!”, “esta roupa não é boa pra você, pra que se maquiara?” “Tira este vestido”, “teu lugar é cuidando das panelas, na roça quem manda sou eu,” “se você sair da roça vai passar fome”. Estes exemplos de frases que as mulheres rurais escutam ou já escutaram em algum momento das suas vidas, e que muitas vezes são normalizados culturalmente, sendo reproduzidos

pelas próprias mulheres. Na obra *O segundo Sexo*, Simone de Beauvoir (1970), critica a ideia de dominação da figura masculina para referir-se a seres humanos,

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade (BEAUVOIR, 1970, p.9).

Ao longo da obra *O Segundo sexo*, Beauvoir (1970), descreve inúmeros exemplos do machismo imposto diariamente sobre as mulheres, ‘a mulher é um homem incompleto, um ser ‘ocasional’’, essas e outras afirmações apresentadas tem por intuito alertar a necessidade de revermos nossos modos de estar na sociedade, bem como buscar o reconhecimento dos nossos corpos como merecedores do direito de ser livre assim como os masculinos são.

Deste modo, buscamos refletir sobre as imposições e invisibilidades femininas que ocorrem na agricultura mesmo em locais onde a multidisciplinariedade da agroecologia é utilizada, bem como verificar quais os fatores, elementos e relações sociais influenciam na construção da percepção do ser e se fazer mulher.

Por fim, a mulher, segundo Beauvoir, era responsável pela magia da terra, por promover a liberdade dos seres, pelo respeito aos ciclos da natureza, saberes que foram sendo invisibilizados com o avanço e constituição do patriarcado e da criação das sociedades de classes, onde o homem passa a controlar os ganhos, e investimentos da produção, e controlar a família a qual se torna propriedade privada do marido, ou seja, filhos e esposas devem obedecer e servir ao seu “senhor” com respeito, amor e lealdade.

O culto dos deuses domésticos superpõe-se à constituição da propriedade privada e a função de herdeiro é econômica e mística a um tempo. Assim, a partir do dia em que a agricultura deixa de ser uma operação essencialmente mágica e se torna antes de mais nada um trabalho criador, o homem descobre-se como força geradora; reivindica os filhos ao mesmo tempo que as colheitas (BEAUVOIR 1970, p.99).

Ao falar da condição da mágica da natureza e da produção, Beauvoir está se referindo aos saberes ancestrais em que o plantio das sementes se baseava nos ciclos da lua e das mulheres (ciclo menstrual), as mudanças ocorridas na agricultura indicam o caminho para entendermos as alterações sociais e a desvalorização das mulheres em relação aos homens.

Analisando a síntese sobre a definição de paisagem elaborada no capítulo 2, p.20, com a reflexão sobre as mulheres e suas trajetórias na agricultura, para além dos aspectos físicos e biológicos, tem-se uma série de elementos que se repetem, neste sentido, será apresentado uma síntese dessas palavras para construir uma definição própria sobre o que se compreende como ser mulher para além dos papéis de gênero. Deste modo, as mulheres podem ser compreendidas como construções múlti-

Quadro 15: Sínteses sobre mulheres.

plas, moldadas a partir das influências culturais, pelas memórias que permitiram pensar outros horizontes para viver da agricultura baseando-se na agroecologia como possibilidade de ressignificar o espaço rural. Cada ser é único e irreptível, assim cada uma insere suas impressões na terra através da construção de outras paisagens.



Elaboração: autora, 2022, com base em: Haraway (1993), Junior (2005), Silva (2016), Correa (2014), Silva (2009), Sili-prandi (2016), Souza (2018), Simmel (2009), Sauer (1998), Beauvoir (1970), Serrão (2013, 2014 e 2017), Cisotto (2013).

Toda mulher é uma matriz, passível de gerar outras vidas, bem como ideias, ideais e pensamentos, que surgem a partir da sua percepção, são representadas por uma pluralidade de formas, cores e tons físicos que se confluem com as características de cada lugar interferindo na construção das experiências vividas, que marcam o espaço concreto a partir da manifestação de seus sentimentos reproduzidos nas territorialidades materializadas sobre diferentes paisagens. O conflitante na mulher se expressa a partir da luta para conter a pressão social para que estes corpos respondam a um padrão.

Esta síntese sobre ser mulher compreende um conteúdo político, tendo em vista que, historicamente nossos corpos são normatizados, e julgados por outros seres que não sentem ou percebem o mundo tal como percebemos.

3.4 O TRABALHO FEMININO COMO EMPODERAMENTO DIANTE DA NATUREZA

Obra 2: Colheita



Fonte: BRASIL, Lia. Colheita, 2022.

Ser mulher

*Ser mulher é ter vontades e desejos realizados e realizáveis,
é se sentir segura para carregar sua verdade estampada no peito,
na entonação de voz,
no sorriso e na crença de que através do amor se transforma o mundo,
através da luta pacífica, se conquistam direitos, se ganha o respeito.
Ser mulher é não desistir nunca,*

*é se sentir motivada pela conquista de uma companheira,
É vibrar a cada pequeno passo,
É ter coragem para enfrentar o patriarcado, o machismo e o capitalismo,
Propondo outras formas de ver e viver a vida, de forma harmônica,
respeitando os ciclos da natureza,
dando tempo ao tempo e
tendo tempo de viver cada momento no presente,
sem o medo da incerteza que o futuro revela nos espaços de produção de commodities.
As agricultoras, passinho por passinho transformam o espaço agrário brasileiro,
implantam no entorno das casas, hortas, quintais e pequenas lavouras aplicando a agroecologia como conhecimento,
juntas se fortalecem e seguem.
#Juntas somos mais fortes, #nenhuma a menos. #semfeminismonãoháagroecologia #mmcbrasil.
Izabela Fagundes, 2022*

Ao pensar sobre a relação do trabalho feminino na agricultura é importante ressaltar a relação das mulheres com a natureza, que ao cultivarem alimentos buscam reconectarem se com os ciclos da terra, buscando medidas que não agriçam o solo ou que se transformam em ferramentas de autodestruição de vidas humanas a partir da aplicação de agrotóxicos, dos desmatamentos, da expropriação de famílias do espaço rural, para tanto, serão utilizadas algumas referências como: Simone de Beauvoir (1970), Jordana Georgin et.al (2015), Ariana Oliveira et.al (2018), as quais discutem sobre a relação trabalho e mulheres tanto em contextos urbanos quanto rurais.

Neste sentido, Simone de Beauvoir (1970, p.124), aponta que as famílias patriarcais são a fonte da dominação feminina, deste modo as mulheres precisam se apoiar na luta pelo reconhecimento do seu trabalho, para conquistar a independência e libertação da dominação masculina sobre seus corpos e vidas, nesta perspectiva, o trabalho passa a representar a libertação deste sistema bem como demonstra o potencial de modificar os hábitos alimentares e de aumentar a diversidade de alimentos a partir da resignificação da atuação das mulheres na aplicação das práticas agroecológicas.

Ainda hoje é entre os ricos proprietários fundiários que subsiste a família patriarcal; quanto mais poderoso se sente o homem, social e economicamente, mais se vale da autoridade do *pater familias*. Ao contrário, uma miséria comum faz do laço conjugal um laço recíproco. Não foram nem o feudalismo nem a Igreja que emanciparam a mulher. É antes a partir da condição de servo que se processa a passagem da família patriarcal à família autenticamente conjugal. O servo e sua esposa não possuíam nada, tinham somente o gozo comum da casa, dos móveis, dos utensílios: o homem não tinha nenhuma razão para procurar tornar-se senhor da mulher que nada possuía; pelo contrário, os laços de trabalho e de interesses que os uniam elevavam a esposa ao nível de companheira. A pobreza continua quando a servidão é abolida; é nas pequenas comunidades rurais e entre os artífices que se vêem os esposos viver em pé de igualdade (BEAUVOIR, 1970, p. 125).

A citação acima demonstra que a relação de igualdade entre homens e mulheres estão associadas a condição financeira e que somente em contextos em que não ocorrem a sobreposição de hierarquias masculinas, as mulheres conseguem ter autonomia.

Deste modo, trazendo a discussão para o momento atual, Jordana Georgin et. al. (2015), elaboram um estudo sobre a participação feminina em contextos agroecológicos na região norte do Rio Grande do Sul, em que descrevem alguns relatos de mulheres agricultoras falando sobre o processo e os benefícios que a agroecologia trouxe para suas vidas.

As mulheres adquiriram historicamente um vasto saber sobre os agroecossistemas que manejam. Desempenham importante papel como administradoras do fluxo de biomassa, conservação da biodiversidade e domesticação de plantas, demonstrando em muitas regiões do mundo um significativo conhecimento sobre as espécies de recursos genéticos e filogenéticos e assegurando por meio de sua atividade produtiva as bases para a segurança alimentar (SEMA, 1997). Esse papel é tão mais importante quando considerarmos que a conservação e o uso da biodiversidade constituem-se como ponto chave para a defesa da agricultura familiar com base agroecológica e também se considerarmos que a biodiversidade é protegida pela diversidade cultural (GEORGIN et. al., 2015, p.2).

Os autores destacam a importância das mulheres na produção de alimentos e na manutenção da biodiversidade e diversidade cultural, enfatizando os saberes femininos enquanto mantenedoras de vida e da diversidade ambiental, bem como destacando a importância destas para a continuação da agricultura familiar.

Nesta perspectiva, Jordana GeorGIN et. al (2015), citam trechos de relatos de mulheres agricultoras da região Norte do Rio Grande do Sul em que as mesmas enfatizam a importância do trabalho com a produção de alimentos agroecológicos para o processo de empoderamento e de visibilidade das atividades desenvolvidas.

Participar da agroecologia proporcionou a estas mulheres um espaço para mostrar à sociedade que elas também são capazes. O projeto foi levado também para a sociedade como um todo, como forma de incentivar o consumo dos produtos oriundos da agroecologia, no qual estas mulheres passaram a ser vistas pela sociedade e reconhecidas. **E isso é notado claramente por elas, como podemos ver no depoimento da agricultora 5 (56 anos, Rondinha), e 6 (38 anos, Rondinha):** Agricultora 5: Depois que a gente começou a trabalhar nisso, e a produzir pra cooperativa, toda a vez que eu vou ao mercado encontro as outras mulheres vindo me mostrar que estão comprando o produto e gostando, muitas eu nem conheço, mas daí acaba fazendo mais amizade. Antes eu conhecia mais as vizinhas aqui de perto agora têm amigas na cidade, elas vêm me visitar, eu me senti até mais importante (risos). (6) Agricultora 6: Eu vou pra cidade com o meu marido sempre encontro uma conhecida, antes eu nem ia muito porque ficava sozinha enquanto ele fazia as coisas dele, agora sempre tenho um lugar pra ir e tomar um mate e botar o assunto em dia, até porque a atividade deixa a gente ter um tempo mais livre, antes quando a gente tinha vaca de leite, eu nunca podia sair, a tardinha sempre tinha que ir tirar leite, e era cansativo principalmente no inverno. Agora mudou da água pro vinho, eu saio mais e não me sinto mais sozinha aqui (GEORGIN et. al., 2015, p.7)

O projeto do qual estas mulheres fazem parte é “Agroecologia em prol da agricultura familiar”, uma parceria entre a EMATER e uma cooperativa local não citada no artigo, nota-se que a partir dos cultivos agroecológicos foi possível ressignificar a relação com o lugar onde vivem, transformando a paisagem desoladora da produção de *commodities*, em que não tinham funções extras além do cuidado com a casa, para se tornarem protagonistas no processo produtivo e de comercialização de alimentos como é possível observar nos relatos acima.

Nesta perspectiva, Ariana Oliveira et. al. (2018, p.5) destaca a importância do trabalho agrícola no processo de empoderamento das mulheres,

[...] para que ocorra a autonomia econômica da mulher, que diz respeito à sua capacidade de ser provedora, ou seja, de através seu trabalho se tornar independente, decidir com o que gastar seu dinheiro e utiliza-lo da forma como achar mais pertinente, é preciso que estejam inseridas dentro de um sistema que não se baseiam na exploração das pessoas ou dos recursos naturais (Oliveira et. al., 2018, p.5).

Ariana Oliveira et. al (2018), destacam a importância do trabalho das agricultoras e que este não seja pautado por uma lógica de exploração, mas sim que promova a autonomia, a qual acontece por meio do ganho financeiro, pela possibilidade de assumir o controle dos cultivos, envolvendo todo o processo desde o plantio até a colheita, relembrando os contextos de produção agrícola convencional e traçando uma análise com a produção agroecológica. Relembrando a citação de Jordana Georjgin et. al (2015), fica evidente que a agroecologia enquanto prática agrícola ressignifica e transforma a atuação das mulheres no rural.

Do mesmo modo, Daniele Kergoat (2009), destaca que, a divisão sexual do trabalho é uma construção histórica, deste modo, a partir do momento em que as agricultoras adquirem autonomia diante da família ocorre uma transformação nos modos de viver, em que as mulheres também começam a assumir posições de liderança e ocupar espaços públicos, passando a dar visibilidade as injustiças e as opressões sofridas no âmbito familiar.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.) (KERGOAT,2009, p. 67).

Assim sendo, a agroecologia também é uma ferramenta para o processo de construção da autonomia feminina em paisagens rurais, como apontam Ariana Oliveira et. al (2018),

A agroecologia contribui no fortalecimento da construção da autonomia da mulher no meio rural através do fortalecimento de atividades que busquem melhorar as relações entre a família e a comunidade. Entre essas atividades destaca-se a busca pela valorização das atividades desenvolvidas pelas mulheres, que como destacado, são desvalorizadas exatamente por muitas vezes não gerar “dinheiro”, embora contribua para o fortalecimento das relações afetivas entre comunidade e a natureza (OLIVEIRA, et. al., 2018).

A partir do momento em que as agricultoras se apropriam das técnicas agroecológicas e passam a produzir e receber o retorno financeiro dos produtos comercializados, tem-se um fortalecimento dos vínculos afetivos tanto familiar quanto das comunidades onde vivem. Essas mulheres acabam sendo produtoras de satisfações, tanto pessoais como do coletivo, a partir dos grupos de amizades e trabalho que surgem por meio da agroecologia entre outros elementos que já foram destacados no texto.

CAPÍTULO 4 - RE-EXISTIR: UM OLHAR FEMININO SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM EM ESPAÇOS DE PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA.

Ao fogo

Somos a reexistência!!!!!!

Reexistir é fazer com que a vida tenha outro sentido além da simples existência, é ressignificar e mudar os rumos da história, nutrindo-se diariamente da natureza – fonte, que envolve e nos

deixamos envolver, tentando ilusoriamente dominá-la, fazendo pequenos recortes e moldando conforme nossa mente e ilusão nos ditam: criamos uma outra paisagem – a útero-paisagem que será explicada no final desta pesquisa.

Reexistir significa tornar a existir¹⁰, ter existência real, ser. A palavra (re)existir, está associada as agricultoras da agroecologia e como constroem suas trajetórias de vida buscando (re) afirmar suas existências diante dos olhares dos companheiros, buscando respeito diante da sociedade, e garantia do lugar de fala dos lugares e paisagens que se inserem.

Pretende-se entender e elaborar uma análise sobre as perspectivas das agricultoras em relação ao ato de (re) existir no contexto rural em que a agroecologia se apresenta como a ciência que dispõe de ferramentas para ressignificar os modos de vida em paisagens de produção de alimentos agroecológicas.

4.1 A casa (confinamento) e a paisagem.

Hablar del despertar femenino¹¹
Por miles y miles de años la mujer era considerada
Igualito que el hombre
Y mientras que la mujer fue tomada así en cuenta
Nunca se envenenó la tierra
Nunca
Por miles y miles de años
Y cantaré mientras me quede voz
No dejaré un rincón sin mi canción
Y cantaré como una bendición
La libertad de ser lo que soy..
Amparo Sánchez - "Alma de Cantaora" (2012)

Qual é o preço para as agricultoras assumirem o protagonismo do modo de produção baseado na ciência agroecológica?

Essa indagação serve de impulso para o capítulo final. O trecho da música – Alma de Cantaora, da cantora e escritora, Amparo Sanchez (Espanha), faz menção ao cuidado da terra feito pelas mulheres no espaço rural, e a preocupação em reduzir o problema da fome e das desigualdades sociais e de gênero. Pretende-se compreender como os saberes ancestrais das agricultoras está conectado com a construção de sujeitos ativos na transformação das paisagens rurais.

10 Reexistir e existir, o significado das palavras foi consultado segundo informações do dicionário online – DICIO revisado em 2017 <<https://www.dicio.com.br/existir/> > acesso em jun. 2020.

11 Tradução: falar de despertar feminino, por milhares e milhares de anos a mulher era considerada igual ao homem e enquanto a mulher foi levada assim em consideração nunca se envenenou a terra, nunca por milhares e milhares de anos e cantarei ate que tenha voz não deixarei nenhum recanto sem minha canção e cantarei como uma benção a liberdade de ser o que sou (...).

Inicialmente na história e evolução das sociedades, a relação das mulheres com a terra e a produção de alimentos baseava-se no respeito e valorização da figura feminina, afinal elas exerciam uma função fundamental: alimentar o grupo, responsabilizando-se pela coleta, o plantio e o preparo dos alimentos. Entretanto com o avanço do patriarcado a mulher passou a ser um anexo da figura masculina, trazendo transformações no modo como as sociedades e famílias passaram a se estruturar.

Friedrich Engels, em *A Origem da Família (1984)*, aponta que a família individual monogâmica é a causa das desigualdades entre os sexos, quando o homem assume a figura de líder da família ocorre uma supervalorização da figura masculina sobre a figura feminina, em que a mulher/esposa é obrigada a assumir uma única função: cuidar do lar e não receber reconhecimento, como exposto na citação a seguir:

A desigualdade legal, que herdamos de condições sociais anteriores, não é causa e sim efeito da opressão econômica da mulher. No antigo lar comunista, que compreendia numerosos casais com seus filhos, a direção do lar, confiada às mulheres, era uma indústria socialmente tão necessária quanto a busca de víveres, de que ficavam encarregados os homens. As coisas mudaram com a família patriarcal e, ainda mais, com a família individual monogâmica. [...] O governo do lar se transformou em serviço privado; a mulher converteu-se em primeira criada, sem mais tomar parte na produção social. Só a grande indústria de nossos dias lhe abriu de novo – embora apenas para a proletária – o caminho da produção social. Mas isso se fez de maneira tal que, se a mulher cumpre os seus deveres no serviço privado da família, fica excluída do trabalho social e nada pode ganhar; e, se quer tomar parte na indústria social e ganhar sua vida de maneira independente, lhe é impossível cumprir com as obrigações domésticas. Da mesma forma que na fábrica, é isso que acontece à mulher em todos os setores profissionais, inclusive na medicina e na advocacia. A família individual moderna baseia-se na escravidão doméstica, franca ou dissimulada, da mulher, e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são as famílias individuais (ENGELS, 1984, p. 80).

Engels aponta a construção da família como uma prisão para as mulheres, neste sentido, a unidade familiar transforma-se em um lugar de opressão a partir da imposição da figura masculina sobre os demais membros. Nesta perspectiva, Gerda Lerner (2019, p.22), aponta que,

A negação das mulheres à própria história reforça sua aceitação à ideologia do patriarcado e destrói a autoestima individual da mulher. Tal como vivenciamos no nosso dia a dia, o patriarcado desvaloriza as experiências das mulheres. Nosso conhecimento não passa de “intuição”, nossas conversas são meras “fofocas” (LERNER, 2019, p. 22).

Segundo Gerda Lerner (2019), a família é o núcleo da construção da opressão feminina que se reflete na perda de autonomia e autoestima da agricultora quando não é reconhecida e valorizada pelos esforços feitos para cuidar da família (cuidar da casa, preparar o alimento, cuidar dos filhos e do marido, ajudar na manutenção das lavouras, participar do plantio e colheita dos produtos entre outras atividades). Neste tocante, Marcela Lagarde (1999), ressalta que a falta de autonomia das mulheres ou o não reconhecimento do seu trabalho enquanto tal, associa-se a um padrão construído a partir de um ideal da sociedade tradicional, ou seja, do patriarcado.

El status y prestigio son fundamentales en la construcción del poder y sobre todo del poder de género. Em la sociedade tradicional, lo prestigioso para las mujeres es hacer todo por nada

sin esperar nada; se trata de trabajar grátis, voluntariamente y además com humildad y com modéstia. Esta ética fortalece en las mujeres la incapacidad de la autonomia. Em este sentido, la contradicción más grande en nosotras está entre ser tradicional y ser de outra manera. (LAGARDE 1999, p. 40).

A perda de autonomia e reconhecimento do trabalho feminino, é um problema atual, quando nos reportamos ao espaço rural, essa compreensão pode ser observada nas falas das agricultoras quando manifestam a indignação de não serem inseridas nos blocos dos produtores rurais, documento que comprova perante a lei o tempo de vida e trabalho no espaço rural e é uma garantia para a previdência social, a indignação das agricultoras quanto ao fato, é explícita no relato de Rosalina Nogueira, MMC/SC

Quadro 16: Relato sobre o descaso com a produção de alimentos realizada pelas mulheres.

Segundo Rosalina Nogueira, MMC/SC, “A mulher num tem direito a nada a ta co nome no bloco de nota porque isso é pro home!! Dai não consegui nem prova que tá é, tá produzindo que tá, tá trabalhando,!! Isso é uma violência !!! (indignação, fala com tom de revolta), dá os pelhores lugares de terras pra mulher pranta!!(indignada), “há, já que você qué pranta, o teus alimento essas miudeza essas coisa né, essa área mais feia da terra vai pra você pranta, teus remédio i tuas pranta, isso é violência contra a mulher” (SEMEADORAS: AS FACES DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS NO OESTE DE SANTA CATARINA, 2021).

Nota-se que a mulher não tem poder de escolha dentro do núcleo familiar, a prova é expressa na fala: “- *A mulher num tem direito a nada, a tá co nome no bloco de nota porque isso é pro home!! Dai não consegue nem prova que tá é, tá produzindo que tá, tá trabalhando.*”(SEMEADORAS: AS FACES DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS NO OESTE DE SANTA CATARINA, 2021).

A ideia imposta sobre a mulher enquanto figura de apoio dentro do contexto familiar, é uma realidade que permeia a vida das agricultoras brasileiras.

Quadro 17: Relato da violência contra as mulheres agricultoras na região oeste de Santa Catarina.

Segundo relato, de uma das entrevistadas (sem identificação), “- porque eu trabalhava o dia a dia enquanto ele ia no bar beber, eu tava cuidando dos filhos, trabalhando, cuidando da propriedade”(SOZINHAS: VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES QUE VIVEM NO CAMPO, 2017).

Na região oeste de Santa Catarina, no documentário: “Sozinhas: violência contra mulheres que vivem no campo, 2017”, a fala da terceira entrevistada expõe a realidade local, sobre a opressão feminina e a não valorização do trabalho desenvolvido por elas. Nota-se que a sobrecarga na jornada de trabalho da mulher é decorrente da reprodução do patriarcado no núcleo familiar, como exposto por Gerda Lerner (2019), Ângela Davis (2016) e Friedrich Engels (1984).

Neste sentido, observa-se que ao mesmo tempo em que a agricultura se (des)envolveu¹² com a instituição do patriarcado, as mulheres passaram a ser induzidas a pensar que são figurantes no processo produtivo de alimentos, como expresso por Engels (1984, p. 80), traz reflexos negativos para as agricultoras que tentam retomar o processo de produção de alimentos a partir da aplicação das técnicas e práticas agroecológicas e da comercialização dos produtos.

Deste modo, a luta para a retomada da autonomia das agricultoras no espaço rural brasileiro tem início na década de 1980, com a criação do Movimento das Mulheres Camponesas – MMC, objetivando a igualdade entre os sexos e o reconhecimento das atividades desenvolvidas no âmbito da unidade familiar pelas agricultoras. Esse processo é reforçado quando a agroecologia passa a ser uma possibilidade de resgate dos saberes ancestrais e também se apresenta como um contra movimento ao processo de produção de alimentos pautada na produção de *commodities*, sistema induzido e introduzido no Brasil entre 1960 – 1970, por representantes políticos e acordos de mercado internacional com transnacionais como a Monsanto e a BAYER.

A família enquanto instituição social, constituída a partir do patriarcado, tem a figura masculina como o centro de controle e poder, é formada por hierarquias em que a mulher é a camada mais baixa, a serve de toda a família. Geralmente seus desejos e vontades não são respeitados, assim como não possui autonomia diante da família, “[...] desde que sua sexualidade, um aspecto dos seus corpos, foi controlado por outros, mulheres não apenas estavam em desvantagens, mas psicologicamente restringidas” (LERNER, 2019, p. 3).

Friedrich Engels (1984), afirma que o termo família, criado pelos romanos, designa uma outra organização social pautada na relação de dominação do chefe sobre a esposa, os filhos e escravos, com poder total sobre eles, neste sentido, trazendo para o presente, é possível observar no quadro 18, o relato da violência sofrida pelas agricultoras, neste caso, na região oeste do Estado de Santa Catarina.

Quadro 18: Relato sobre a violência e morte de agricultoras cometidas pelos cônjuges.

Segundo Joana Fernandes Sebben, agricultora, “ Na nossa região aqui oeste, nesse ano de 2017, foram, tanto no mês de maio agora, i de janeiro pra cá foram sete mulheres violentadas e mortas pelos companheiros, dentro da própria casa né. Isso é muito forte, mas até chegar nesse dia da morte elas sofreram todos tipos de violência possíveis pro ser humano. Porque não foi a primeira discussão, primeira briga que ele matou né. Então já sofreu violência financeira, violência física, violência moral, de oprimir de rebaixar e coisa né, foi muito forte né, não é primeira violência né a morte né, então isso foi, é, é o fim né, tudo que ela suportou e conseguiu chegar, ela passou essa mulher” (SOZINHAS – VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES QUE VIVEM NO CAMPO, 2017).

12 (Des)envolver : no sentido de não envolver mais a vida das mulheres, os saberes ancestrais femininos deixaram de ser relevantes para o processo de produção agrícola, associada ao momento em que a figura masculina assume a produção de alimentos, assim, ocorre um não envolvimento das mulheres na produção agrícola pautada na produção de *commodities*, esta falta de envolvimento é dada pela imposição da figura masculina pautada no patriarcado.

Um exemplo da reprodução da família patriarcal no espaço rural, é destacada no relato do quadro 18, a entrevistada aponta a violência física proferida pelo marido, ou seja, tem-se comprovação do patriarcado tal qual sua constituição: opressão dos corpos femininos, a ideia de posse e a leitura da figura feminina como objeto pertencente ao homem faz parte do cotidiano das agricultoras, principalmente aquelas localizadas distante dos espaços urbanos, onde a comunicação e o apoio de assistência social ou técnica nem sempre chega a tempo de conter tal atrocidade.

Friedrich Engels (1984), aponta sobre o início da institucionalização da família, em que o homem se sentia no direito de controlar inteiramente a vida da esposa, “para assegurar a fidelidade da mulher e, por conseguinte, a paternidade dos filhos, aquela é entregue, sem reservas, ao poder do homem: quando este a mata, não faz mais do que exercer o seu direito” (ENGELS, 1984, p. 62). Observando o trecho do documentário “Sozinhas: violência contra mulheres que vivem no campo”, na fala da entrevistada do quadro 18, a violência recorrente no espaço rural é desencadeada pelo companheiro, que se sente no direito de controlar sua vida, bem como em usá-la como válvula de escape para o estresse do dia a dia, descontando sua raiva em forma de agressões físicas ou psicológicas.

A opressão sofrida pelas agricultoras é fortalecida e endossada pelo sistema capitalista, como observa-se na fala de Maria dos Santos, (Deo), no documentário As Sementes (2017), (município de Camamu – Bahia), a entrevistada relata o esforço das mulheres agricultoras para conquistar autonomia diante dos companheiros e assumirem o papel de protagonistas no cuidado com a terra e o cultivo de alimentos:

Quadro 19: Relato sobre as barreiras do cotidiano das agricultoras.

Maria dos Santos (Deo), agricultora, “temos muitas companheiras que elas tem força, tem vontade, mas se encontram com as barreiras muito recentes no dia a dia, que é principalmente o número de filho, principalmente analfabeto, analfabetismo que é muito ruim que o índice é muito alto as mulheres agricultoras familiar, pouquíssimas sabe lê e escrever mas preocupação muito grande é na hora da tomada de decisão. Dela ta dizendo assim: eu vo fazê isso, ou nós vamos fazê isso í ai tem um superior que diz: “isso você não faz”, que o superior intencido por muitas é o marido (AS SEMENTES, 2017).

O machismo está em todas as esferas, além da unidade familiar, como relatou a entrevistada acima, em que o presidente da associação agrediu-a, por ser mulher e por querer assumir um cargo de liderança.

Segundo Stropasolas (2010, apud Rohnelt et.al.)

O fato que o essencial de sua atividade se desenvolve sobre uma exploração agrícola familiar, no quadro de uma agricultura de casal, favorece a confusão dos papéis sociais, profissionais e familiares e induz à concepção do papel da mulher na agricultura sendo definido muito mais como um modo de vida que como uma profissão (STROPASOLAS, 2010).

Nota-se que as mulheres só conseguem fortalecer o movimento de luta pelos seus direitos e reconhecimento feminino quando articuladas em redes de apoio, grupos de mulheres ou em movimentos, como o Movimento das Mulheres Camponesas – MMC.

Quadro 20: Relato da relação e falta de apoio familiar para o empoderamento e autonomia feminina.

Izanete agricultora moradora da Comunidade São Francisco do Planalto em Ibiaça/RS, membro do MMC/RS, destaca que, [...] nessas minhas andanças nem sempre a gente consegue o apoio dos filhos né e as minhas filhas elas não me apoiam muito na minha luta não. Só que elas também são independentes (alegria ao falar), i ai as vezes eu digo pra elas, esses dias mesmo eu disse pra uma delas: - tu só é assim porque eu não fiquei em casa fazendo tudo pra você. Dai de vez em quando ela vem com a reclamação de que eu saia e elas ficavam em casa.”(informação verbal¹³) (AS SEMENTES, 2017).

No relato acima, percebe-se como o contexto local da unidade familiar faz com que a mãe/mulher e agricultora se “molde” aos desejos do marido ou dos filhos, e sofre uma pressão dos demais membros para não sair ou buscar mudar os modos de viver. A falta de apoio dos demais integrantes da família demonstra como o espaço rural torna-se um ambiente opressor para as agricultoras, como verificado no quadro 20 e reforçado por Ângela Davis (2016), a partir da servidão imposta no momento do casamento,

Nas sociedades capitalistas avançadas, por outro lado, o trabalho doméstico, orientado pela ideia de servir e realizado pelas donas de casa, que raramente produzem algo tangível com seu trabalho, diminui o prestígio social das mulheres em geral. No fim das contas, a dona de casa, de acordo com a ideologia burguesa, é simplesmente a serva de seu marido para a vida toda (DAVIS, 2016, p.216).

Segundo Ângela Davis (2016), a opressão feminina na unidade familiar é fruto da constituição das sociedades capitalistas, neste modelo, as atividades desenvolvidas pelas mulheres não são consideradas trabalho e a mulher passa a assumir a função de serva do marido e cuidadora do lar.

O relato do quadro 20 pode ser entendido a partir da citação de Röhnelt, (2011), o qual destaca que:

Os papéis sobre o ser agricultora se confundem com o de ser mãe e mulher. O ser agricultora praticamente unifica todos os papéis desempenhados pela mulher, e denota sua preocupação primeira que é a manutenção da produção para o autoconsumo, por esta representar a segurança alimentar do grupo familiar e pelo valor simbólico e cultural associado à permanência do patrimônio fundiário – a terra (RÖHNELT, 2011, p.96).

Deste modo, o ambiente familiar representa para as agricultoras um espaço de opressão em que precisam estar em uma luta constante para superar as imposições e padrões do patriarcado e do sistema capitalista, para que seus saberes sejam reconhecidos e valorizados.

13 Documentário: As Sementes link:< <https://www.youtube.com/watch?v=kCbfeqyKEms> > acesso em 28 Novembro 2021.

Segundo Silvia Federici (2004), a construção social da figura feminina – mãe e agricultora sofre influência da divisão sexual do trabalho, na qual, as mulheres são entendidas como objetos de uso dos homens/maridos.

Foi a partir desta aliança entre os artesãos e as autoridades das cidades, junto com a contínua privatização da terra, que se forjou uma nova divisão sexual do trabalho ou, melhor dizendo, um novo “contrato sexual”, segundo as palavras de Carol Pateman (1988), que definia as mulheres em termos – mães, esposas, filhas, viúvas – que ocultavam sua condição de trabalhadoras, enquanto dava aos homens livre acesso aos corpos das mulheres, a seu trabalho e aos corpos e trabalho de seus filhos (FEDERICI, 2004, p. 174).

A desconstrução da opressão e objetificação do corpo feminino, da qual refere-se Federici na citação acima, pode ocorrer, a partir de uma mudança nos modos produtivos, na forma como se estabelecem as relações dentro da família, mas, para que isso ocorra as mulheres precisam estar conscientes e articuladas em grupos para provocar de fato uma mudança, neste sentido, a fala de Izanete, no quadro 21, expõe que a mudança tem que ser cultural, referindo-se a uma quebra nos padrões culturais, ou seja, do patriarcado.

Quadro 21: Relato sobre a mudança cultural na vida das agricultoras a partir da agroecologia

Segundo Izanete Colla, agricultora, moradora da Comunidade São Francisco do Planalto, Ibiçá/RS, “discuti a agroecologia venha ao encontro disso tudo sabe, da gente refletir, e pensar o que a gente pode fazer para que mude essas relações. Que é uma mudança cultural que tem que acontecer porque a cultura é algo que se constrói. E foi construída toda uma cultura de exploração. De explorar as mulheres né, i de explorar a terra, explorar a natureza. Tirar tudo, sugar tudo, tudo tem que virar lucro e as mulheres da mesma forma porque a gente deu sustentação pra esse modelo capitalista, machista que está ai, né a gente deu sustentação. A gente produziu os filhos pra trabalhar, pra ser mão de obra barata, a gente educou os filhos pra isso, ou nos educaram pra que a gente educasse os filhos pra obedecer né, i aceita toda dominação então nós acreditamos que só nós podemos mudar isso, nós temos que mudar dentro de nós essa concepção de obediência que tá cravada dentro de nós que foi construída dentro de nós. Então nós temos que desconstruir toda essa cultura. I isso as vezes poderá ir gerações né” (informação verbal). (AS SEMENTES, 2017).

A agricultora, demonstra em sua fala a necessidade de uma mudança nos modos de viver, e para tanto, autonomia feminina é fundamental, como a entrevistada expõe no quadro 21 e Rohnelt (2011, p.94), enfatiza que,

O espaço da horta é um espaço eminentemente feminino e é onde são cultivados legumes e vegetais como: couve, abóbora, alface, repolho, couve-flor, nabo, rabanete, beterraba, cenoura e frutas como o morango. Ainda, ficam sob seus cuidados as árvores frutíferas do pomar que geralmente localiza-se próximo à residência, onde são encontradas demais frutas como laranja, bergamota e limão (ROHNELT, 2011, p. 94).

Nota-se que a base alimentar das famílias agricultoras é produzida e cultivada pelas mulheres na propriedade familiar, entretanto, em alguns relatos observa-se que o marido menospreza a produção colocando a esposa em uma situação precária para produzir alimentos, como pode ser verificado na fala da entrevistada, Rosalina, MMC/SC, “dá os pelhores lugares de terras pra mulher pranta !!(indignada), “há, já que você qué pranta, o teus alimento essas miudeza essas coisa né essa

área” (informação verbal).(Semeadoras: As faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina, 2021).

Nota-se um descaso com a produção de alimentos realizada pelas mulheres no núcleo familiar, neste sentido, os movimentos de agricultoras são importantes para a afirmação da autonomia, uma vez que estando articuladas em redes de apoio ou movimentos como o MMC, conseguiram reduzir os casos de abusos e violências: física, psicológica e mental realizada pelos maridos, como ressalta Eileen Boris (2014),

“[...] as habilidades necessárias para limpar, cozinhar, lavar, cuidar das crianças e dos doentes e para outras tarefas parecem ser *naturais*, ficando **seu valor econômico obscurecido**. Há quem sustente que esse trabalho possui *valor de uso mas não valor de troca*, não tendo, portanto, valor, em um sentido marxista do termo” [grifo nosso] (BORIS, 2014, p.104).

No documentário Feminismo e Agroecologia, (2017¹⁴), uma das entrevistadas ressalta os ataques feitos pelo presidente da associação que não aceitava a presença de mulheres na liderança,

Quadro 22: Relato de opressão por parte de lideranças masculinas.

Eu mesma sofri muito com isso, foi uma das que mais sofri com as ameaça dele, uma vez ele me bateu até, mas eu não desisti, ai me deu mais força pra seguir”(informação verbal) (FEMINISMO E AGROECOLOGIA, 2017).

Apesar da agroecologia ser uma ciência com uma perspectiva multidisciplinar, envolvendo diversas áreas, como a ecologia, a antropologia e a agronomia, ou seja, aspectos sociais, técnicos e ambientais, na prática, a aplicação desta ciência ocorre parcialmente, sendo que, na maioria dos casos o enfoque é dado para as técnicas agroecológicas, e os aspectos sociais são desconsiderados, assim, é possível encontrar abusos de poder e opressão mesmo dentro de organizações e movimentos sociais que se dizem defensores da agroecologia, como observou-se no quadro 22, nesta perspectiva, Larissa Araújo Coutinho de Paula (2019), ressalta que,

As mulheres, de origem rural e urbana, sofrem com a dominação masculina, aspectos simbólicos (opressão) e materiais (exploração). A subjugação social das mulheres as coloca em situações de: violência sexual e doméstica, segregação no mercado de trabalho, duplas e triplas jornadas de trabalho, exígua representatividade em instâncias de âmbito político e menor participação nas políticas públicas (PAULA, 2019, p. 104).

Assim sendo, a casa, não é entendida como um local de descanso, mas sim um espaço opressor, em que os sentimentos de dor e medo são presentes no cotidiano das agricultoras. Para que as mulheres consigam sair da relação casa x confinamento, estas precisam conquistar a autonomia diante da família, neste sentido, Marcela Lagarde (1999), aponta que historicamente as mulheres são induzidas e coagidas, a viver em uma relação de dependência, na qual, assumem o papel de cuidadoras

14 Documentário: Feminismo e Agroecologia, 2017, link:

<https://www.youtube.com/watch?v=WHZ3bilGJd4&list=PLD-yx2VtIEVyByjot5IP96EI19j71u0C9Z&index=3&t=398s>.

dos demais membros da família, porém todo o trabalho desempenhado por estas não é reconhecido, gerando assim, a anulação da mulher diante da família.

Se há construído esta capacidad de no ser autónomas porque además de la incompletud, hayia otro fenómeno clave de las relaciones de poder patriarcales: las personas para las que vivimos deben ser más importantes que nosotras. Se trata de uma escla de valoración humana donde las mujeres siempre deben ocupar um segundo plano y asumir esto como um hecho positivo. Se trata de la centralidad de los otros em la vida de las mujeres y que es totalmente anti-autonomia. ¿Quién esta en el centro de la vida de las mujeres? En el centro están los otros: la familia, el hijo, la hija, la madre, el padre, la vecina, el jefe, la colega, la causa. La patria lo que queda desplazado del centro es el yo (LAGARDE,1999, p.21).

Segundo Marcela Lagarde (1999), o patriarcado impõe uma ideia de que as mulheres devem servir aos demais, entretanto ao deixarem seus ideais de lado para responder a um padrão social, estas perdem sua autonomia e identidade levando-as à suportarem a violência física, verbal e psicológica, muitas vezes, por não terem clareza de que as ofensas proferidas se caracterizam como violência, ou por medo da repressão do marido caso relatem os abusos sofridos em casa, e também pela falta de acesso à redes de apoio que possam confiar e dialogar sobre os fatos.

A casa enquanto confinamento e espaço de tortura é verificada no relato de Eraci Terezinha Eichelberger Seibert, no quadro 23.

Quadro 23: Relato de violência contra a mulher no campo.

Segundo Eraci Terezinha Eichelberger Seibert, agricultora, nois de sexta fomo corta fumo . i nós cortamos mais de 3 4 mil pés de fumo, ai de manhã cedo ele pegou as vacas e foi levar as vacas no pasto i eu fui junto com o carretão e a carroça pra, pra mim ajudar a carregar. I daí nos fomo lá e descarregamos tudo e voltamos pra carregar o resto, mais uma carga de quase dois mil pés de fumo. Quando chego em casa, chego no galpão, assim ele me recebeu com uma paulada. Um pau desse comprimento assim, dessa grossura, deu cinco pontos aqui, (sinalizou no rosto sobre os olhos-na testa). O mais forte que o mais me dói até hoje: eu tava dois ano e oito meses casada, faleceu o pai, (olhar de tristeza), ele brigou em casa, todo mundo, foi com ameaça de morte de noite ii não me dexo i. “tu tem que i pro rio grande que o teu pai ta passando mal”. Mas já tava morto. Dai (choro e ressentimento), eu fui pra casa. Não tu não vai, tu não vai, tu não vai. Derepente eu disse: “tu não vai, eu vo sozinha”. Dai ele se apronto e foi. Ai nós chegamos lá, um dia depois do enterro. Ai no domingo a mãe fez uma reunião. Dai ela disse pra todos os irmãos que tavam ali: se eu (choro, emoção, tristeza), desse a minha parte pra ela agora, eu vou repartir uma parte, e o resto vo da pra ela pra ela vir cuida de mim, porque já não viu o pai. Dai ele levantou e disse: “se ela que vim, pode vim, mas eu e a menina não”. Isso que foi o que mais me machucou. Não é que ele deu um jeito de ate me tirar a menina (tristeza e choro). O meu casamento de 35 anos foi trabalhar, criar os filhos e rezar dia e noite, pra ta viva hoje (SOZINHAS – VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES QUE VIVEM NO CAMPO, 2017).

A violência contra as agricultoras é um fato estrutural, que tem por base o patriarcado e principalmente a falta de acesso a informação e conhecimento, por parte das mulheres, o fato de a maioria das agricultoras não possuírem o ensino fundamental completo, a educação em casa para que a mulher reproduza fielmente a cultura do patriarcado, permite que a opressão e a desigualdade entre

os sexos seja presente e recorrente no espaço rural brasileiro, deste modo, Marcela Lagarde(1999) enfatiza que,

[...] hoje mais do que nunca temos desvelado como a violência feita as mulheres é estrutural e como a sequela dos danos da opressão das mulhres requerem uma reparação e não somente uma reparação externa, se não interna. As mulheres podemos ter muitos recursos externos e seguir igualmente infelizes. A felicidade tem que ver com a capacidade de disfrutar a vida. E não podemos fazê-lo se estamos machucados, os níveis de autonomia abarcam os âmbitos externos, internos, conscientes e inconscientes. (LAGARDE, 1999, p. 131).

Lagarde (1999), relaciona a felicidade com a capacidade de desfrutar a vida, neste sentido, se a paisagem compreende a associação de momentos vividos, de experiências de vida, de aspectos culturais, da sensação de estar em um lugar, do bem estar, quando deparamo-nos com o relato do quadro 23, nota-se que para as agricultoras que vivem sob esse regime de dominação, exploração e opressão elas não se sentem em uma paisagem, uma vez que o meio onde estão inseridas não lhes permite desenvolver a percepção sobre a beleza do lugar, pelo contrário, observa-se o destaque para as impressões negativas sob a casa e o convívio com os companheiros.

Para mudar essa realidade, é necessário que a agroecologia enquanto ciência seja aplicada em sua totalidade considerando todos os aspectos e conceitos que a definem, e não somente se apropriando da parte técnica referente a produção de alimentos sem agroquímicos, mas sim, trazendo para os agricultores e agricultoras a consciência de que a definição de agroecologia é baseada na relação harmônica entre todos os seres com a natureza, ou seja, respeitando e valorizando todas as formas de vida, e principalmente que existam mais políticas públicas e incentivos a agricultora agroecológica por parte das lideranças políticas.

4.3 O TRABALHO E A PAISAGEM – MUDANÇA DE PERSPECTIVA

Lágrimas
Água que flui, sem controle, sem medo, sem resistir,
simplesmente expressa a essência humana, sentimentos
Sentimos,
mulheres, dores, amores e cores
por não querer ser frágil suportamos dores em função de outros amores,
e o amor por nós? Cadê?
Precisamos mudar a perspectiva, olhar a paisagem onde vivemos e habitamos
Como mudar?
Com o trabalho, este que, quando referido as mulheres, não é reconhecido
Precisamos de pautas nacionais, de movimentos internacionais, de anos de luta
para então falar em uma mudança real
A mudança é um processo contínuo, que flui,
como as águas do mar, como as lágrimas de tantas vidas sofridas
entretanto, a mudança feminina demora a fluir, é densa, é lenta e por vezes dolorosa,
muitas vidas escorrem em lágrimas até o mar, até que a mudança aconteça.
Izabela Fagundes

Para tratar de uma mudança de perspectiva a respeito da paisagem no espaço rural é necessário analisar como ocorrem as relações entre trabalho x agricultora, reconhecendo a paisagem como o

locus político para todas as reivindicações contra o sistema capitalista e o patriarcado. Neste sentido, Vandana Shiva ([2016], 2020), destaca que,

La economía patriarcal, a su vez, vuelve invisibles a las mujeres agricultoras mediante la creación de una «frontera de la producción» que es injusta, donde las reglas del pib y del empleo oficial dictan que si uno consume lo que produce, no cuenta como productor. La economía patriarcal construye una frontera de la producción que excluye el trabajo de las mujeres, que es para el sustento de los suyos y que no obtiene rendimientos a costa de la naturaleza y de la gente (SHIVA,2020, p. 172).

Como afirma Shiva (2020), o fato de vivermos em uma sociedade patriarcal e capitalista cria uma fronteira entre o que é produzido a partir do trabalho das agricultoras e o que é produzido a partir do uso de pacotes da Revolução Verde, baseados no monocultivo agrícola e na valorização da figura masculina. Apesar deste modelo servir exclusivamente ao capital, ganha destaque, uma vez que, quem detém os meios de produção são as transnacionais, apoiadas por empresários do agronegócio e, no caso do Brasil, pela bancada ruralista no Senado, fazendo com que os movimentos, as lutas e reivindicações das minorias (mulheres, jovens, quilombolas, indígenas, assentados do MST e imigrantes), sejam oprimidas e excluídas das discussões sobre a produção de alimentos e da transformação da realidade social e econômica do espaço rural.

Se o trabalho é a fonte de toda a geração de renda, é também o mecanismo de produção de alimentos, porque todo o trabalho desenvolvido pelas agricultoras é invisibilizado? No Brasil, a luta pelo reconhecimento e valorização do trabalho feminino, compreende também o reconhecimento das funções domésticas como trabalho, como destaca Safiotti (1976),

[...] as funções domésticas, embora econômicas, inibem a determinação da mulher, como pessoa economicamente independente, que deveria ser na sociedade individualista de padrão urbano-industrial capitalista. Deixando a família de comportar-se como o centro da economia, como unidade produtiva, ficam, por assim dizer, divididas as funções domésticas e as funções diretamente econômicas entre os sexos, divisão esta geradora da independência econômica individual em grande escala para o homem e em muito pequena escala para a mulher.[...] A pequena capacidade reivindicatória da mulher fá-la comportar-se mais ou menos passivamente nas relações de trabalho, impedindo-a de assumir posições estratégicas que poderiam melhorar sua posição de barganha no mercado de trabalho. Nem maior capacidade de reivindicação feminina, nem a solidariedade dos homens e da sociedade em geral poderiam, contudo, levar a mulher a encontrar soluções permanentes na sociedade capitalista (SAFIOTTI, 1976, p. 131).

Segundo Safiotti (1976), na sociedade capitalista, a mulher jamais conseguirá tornar-se independente seja no contexto familiar, ou no trabalho fabril, empresarial, uma vez que as atividades domésticas a impedem de participar ativamente de movimentos e atividades em grupos ou organizações que lutam por seus direitos.

O desejo por melhores condições de trabalho, salário e por acreditarem na igualdade entre os pares, mobilizam as agricultoras à iniciar movimentos e organizações a nível nacional e internacional visando reduzir as diferenças econômicas e sociais entre homens e mulheres, neste tocante, Safiotti (1976), destaca que,

[...]Todavia, este suposto «anticapitalismo», ou melhor, este «anticapitalismo» aparente constitui justamente um dos fatores mais propícios ao desenvolvimento das economias de livre iniciativa. A concepção do trabalho feminino como subsidiário, a parcial socialização da personalidade da mulher com vistas à consecução do alvo cultural *êxito econômico* abrem, de fato, possibilidades de concretização do desenvolvimento das economias cíclicas às expensas de modos subsidiários de produção. A marginalização de grandes contingentes femininos do sistema dominante de produção de bens e serviços transforma-os em força de trabalho potencial para esse sistema e, portanto, em reguladores dos salários da mão-de-obra efetivamente nele empregada (SAFFIOTI, 1976, p.132).

A falta de especialização da mão de obra feminina em espaços urbanos, fomentou a marginalização das mesmas no mercado de trabalho, com salários mais baixos que os dos homens e a carga horária de trabalho maior, ficando refém do marido e dos proventos financeiros que este raramente destina a esposa, essa informação pode ser verificada na fala de Rosalina Nogueira, agricultora, no documentário “Semeadoras: As Faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina”.

Quadro 24: Reconhecimento dos direitos das mulheres agricultoras.

Rosalina Nogueira, agricultora e membro do MMC, em Chapecó/SC, relata que “a mulher num tem direito a nada a ta co nome no bloco de nota porque isso é pro home!! Dai não consegui nem prova que tá é, tá produzindo que tá, tá trabalhando,!! Isso é uma violência” (SEMEADORAS: AS FACES DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS NO OESTE DE SANTA CATARINA, 2021).

Somente em 1991¹⁵ ocorre uma alteração na lei da previdência social rural e a mulher passa a ter direito a aposentadoria por idade, até esta data, as mulheres rurais não tinham esse direito. A condição da mulher frente as linhas de trabalho e seu reconhecimento é uma luta travada a muito tempo que ainda precisa ser revista, uma das possibilidades é por meio da agroecologia, a qual, serve de apoio e motivação para as mulheres rurais descobrirem seus direitos, valores e também conquistarem a independência financeira ou complementar a renda familiar a partir da comercialização dos excedentes.

Pretende-se demonstrar como o trabalho feminino, associado a produção de alimentos a partir da agroecologia, transforma a perspectiva das agricultoras, uma vez que, “compreende a análise da co-evolução dos sistemas biológicos e sociais a qual teria sido apreendida pelos agricultores tradicionais por meio de tentativas e erros mantidos e passados pela cultura (SILIPRANDI,2016, p. 108)”.

Percebe-se uma conexão entre natureza e os agricultores (as) tradicionais a partir da aplicação e uso da agroecologia, o mesmo não se verifica no modelo de produção convencional (produção em larga escala, monocultivo, *commodities*), nesta apreensão, as mulheres agricultoras se destacam, pois

15 No artigo, KRETER C. Ana. A Previdência rural e a condição da mulher, (2005), a autora elabora uma análise histórica sobre os avanços da previdência rural referente as mulheres.

são elas que iniciam os movimentos para a mudança no modelo produtivo da família, como pode ser observado, nos relatos a seguir:

Quadro 25: Relato sobre o início da produção de alimentos a partir da aplicação dos conhecimentos e saberes agroecológicos.

Relato de Maria Andrelice Silva dos Santos, “quando a gente começa, as mulheres tinha mais uma situação. No dia que ela vinha pra roça o marido dizia o seguinte: ela tem que fica em casa, ou você leva os minino. No inicio ela tinha que trazer os menino pra roça. Então hoje mudou porque hoje elas consegue te um ver diferente. Ela consegue ir pra feira vender sua produção. Consegue bota seu dinheiro no bolso e ela mesma administra o dinheiro que ela conseguiu. Ela tá com a sua autonomia dentro da família. Principalmente pra ta discutindo com o esposo em casa e com os filhos. Porque pra gente fazer um trabalho desses a gente também faz esses momentos de conscientização, a gente ta conversando com os filhos com o marido pra depois a gente ta conversando com a comunidade de que forma que nós estamos trabalhando”(informação verbal), (AS SEMENTES, 2017).

Quadro 26: Relato sobre o reconhecimento da agroecologia e suas práticas com as rotinas das agricultoras.

Segundo Izanete Colla, agricultora moradora da Comunidade Ibiãça/RS, “mais se sabe que hoje quem mais se identifica com a agroecologia são as mulheres. Por mais que isso nas pesquisas não saia. Porque? Porque é ao redor de casa! Porque o qué que a agroecologia faz? Faz também com que as pessoas não enxerguem. Porque ela que traz a fruta, ela que traz a verdura ela que traz algum dinheiro extra né, que faz toda essa estória do rodízio né da história da diversidade. Por isso que ela encanta primeiro as mulheres”. [...] i a gente acredita que tem que ter a diversidade dentro da propriedade né. Dentro da propriedade e dentro da vida da gente. O nosso supermercado na verdade é ao redor da casa. É chega e colher. (informação verbal, (AS SEMENTES, 2017)).

Nos relatos acima, quadros 25 e 26, observa-se que mesmo como todo o trabalho desempenhado pelas mulheres, na aplicação de técnicas e saberes da agroecologia, ressignificando sua relação com a natureza, esses movimentos e ações propostos pelas mulheres são invisibilizados, neste caso, pode-se associar essa invisibilidade das atividades desenvolvidas pelas agricultoras como uma cegueira alheia, pensando no conceito de cegueira botânica proposto por Wandersee e Schussler (1999), e aplicando-o neste contexto (página 46).

Shiva ([2016] 2020), alerta sobre essa invisibilidade em relação a produção de alimentos feita pelas agricultoras, entendendo-a como um problema estrutural, [...] En agricultura, como en otras ciencias y en otras áreas de actividad económica, se ha borrado la contribución científica y económica de las mujeres. El trabajo de las mujeres en el sector de la agricultura y la alimentación se ha vuelto invisible, aunque constituye las bases de la sociedad” (SHIVA,[2016], 2020, p.172).

Quadro 27: Relato sobre os benefícios e economia financeira a partir do uso da agroecologia na produção de alimentos para a família.

Segundo, Maria Andrelice Silva dos Santos, agricultora, quilombola, moradora do Assentamento

Dandara dos Palmares no Município de Camamu (BA). “Se eu fosse busca isso lá no mercado lá fora eu ia ta gastando e não ia ta trazendo um produto de qualidade. Eu não estava sabendo exatamente a origem daquele produto. I aqui eu sei a origem do meu produto. O que que eu ponho nesse produto e o que que a gente ta comendo” (informação verbal, (AS SEMENTES, 2017)).

Ao tomarem consciência dos benefícios do uso da agroecologia, as agricultoras estão transformando a realidade onde vivem, ou seja, estão sendo protagonistas no processo de construção de outras paisagens. Essa mudança de perspectiva no modo de produção de alimentos altera a relação com o trabalho e os demais membros da casa, fortalecendo o processo de empoderamento feminino no rural, “[...] a paisagem é uma dimensão da existência. Seu estatuto espaço-temporal e estético faz pensar no reencontro” do ser humano, “com a vida natural e com a razão” (SOUZA, 2019, p. 93).

Ao pensar em uma mudança de perspectiva através do trabalho e do resgate do sentimento de paisagem, Souza (2019), aponta que:

[...] O ângulo de visada para a paisagem é sempre aquele capaz de conduzir o olhar à linha do horizonte. Não há paisagem quando se olha diretamente para o céu, tampouco quando se curva a cabeça diretamente para o chão. A paisagem não existe completamente no infinito ou no finito fechado, porque não é possível vê-la na opacidade (SOUZA, 2019, p. 96).

Deste modo, ao assumirem a função de protagonistas no cultivo de alimentos, sobre o viés da agroecologia, as agricultoras estão na construção de um novo horizonte em suas vidas, ou seja, estão saindo de um papel de “servas” do marido e dos filhos e do confinamento da casa, em que não tem o direito de opinar e expressarem seus posicionamentos, para um processo de valorização das suas trajetórias de vida, reconhecimento do seu trabalho na agricultura e no lar.

A partir da ciência agroecológica, as agricultoras passam a assumir a responsabilidade por todo o processo produtivo, desde o plantio até a colheita e comercialização, comprovando a viabilidade deste sistema e traçando outras possibilidades de viver e se manter no rural, ou seja, construindo a sua paisagem: agroecológica e feminista, uma paisagem que dialogue com o todo, que inclua os excluídos do sistema produtivo moderno colonial pautado no modelo de produção em larga escala e do monocultivo.

Os relatos de agricultoras que já trabalham com a aplicação da agroecologia demonstram que é possível conquistar a liberdade financeira, autonomia no modelo produtivo, bem como criar redes de apoio técnico e construção de espaços de diálogos, movimentos de mulheres, como o movimento das mulheres camponesas - MMC, assim como a participação em feiras para comercializar os excedentes da produção familiar direto para o consumidor demonstrando que existe um caminho sólido sendo construído para fortalecer outras formas de viver no rural e que estão pautadas no uso da agroecologia como um escudo e força motriz para movimentá-las.

A agroecologia permite a aquisição de autonomia financeira por parte das agricultoras e uma mudança na perspectiva de suas vidas, como a realização de sonhos e desejos pessoais (estudar, fazer um curso de capacitação), (quadro 28), para além das demandas da família.

Quadro 28: Relato sobre a ressignificação do modo de viver no rural a partir da agroecologia e das possibilidades viabilizadas.

Segundo Rosalina Nogueira, MMC/SC, [...]i através do movimento eu consegui fazer muitas mais cursos, i fiz também a faculdade sobre a homeopatia né, hoje eu sou homeopata né, que eu estudei, me formei no movimento me ajudando, me apoiando né através do movimento elas me ajudavam né eu fiquei estudando um tempão lá nas universidade né , pra mim me formar né na homeopatia nas três áreas: humana, animal e vegetal. I a produção tudo aqui é feito aqui na nossa terra né na nossa propriedade que é uma produção toda fora do uso dos agrotóxicos, né é uma produção de plantas, de remédios, de alimentos tudo com agroecologia. Quando começou surgir a organização, movimento, essa palavra, movimento os home diziam essas mulheres tão se movimentando porque tão no período fértil porque tão barulhando né, há e os escândalo que eles faziam das mulheres né, a mulher saiu de casa, comida pronta, o marido esqueça deu pra cabeça, porque agora (SEMEADORAS: AS FACES DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS NO OESTE DE SANTA CATARINA, 2020).

Segundo Souza (2019),

Existem espaços marcados pelo desagradável, pela fealdade, com elementos desorganizados, com poluição de todos os gêneros, com muitos indicadores de situações de urgência que devem ser profundamente transformados. Esses espaços podem até ser chamados de paisagens, paisagens feias, paisagens desconfortáveis, mas o mais importante é reconhecer que, essencialmente, faltam-lhes a paisagem. Na medida em que uma sociedade se sensibiliza com aquilo que ela constrói como conjunto de formas representativas de si, então, a valorização da paisagem poderá mesmo ser uma conexão para o ordenamento territorial e para a consolidação de uma política e uma cultura paisagística que nos retire de contextos nos quais a economia passa por cima da paisagem, criando contra-paisagens (SOUZA, 2019, P. 152-153).

O processo de reconstrução da paisagem no consciente das agricultoras passa por uma mudança individual de posicionamento diante da vida e da família, de uma busca por conhecimento dado a partir da inserção destas mulheres em grupos de práticas agroecológicas, mas também por uma mudança na compreensão geral da sociedade sobre o trabalho e função social que as mulheres desenvolvem, neste sentido, quando reconhecem suas lutas, se tornam construtoras de outras paisagens, a partir da transformação de contra-paisagens como aponta Souza (2019).

Observa-se em uma das falas do documentário, “Sem feminismo não há agroecologia”, a importância dos movimentos de mulheres (MMC, Marcha das Margaridas,) para o empoderamento feminino diante da produção de alimentos, demonstrando como o trabalho reconhecido permite a construção de uma outra perspectiva para a vida destas mulheres, resgatando o sentido da paisagem em suas vidas, como exposto no relato de Salete Felix (2018),

Quadro 29:Relato sobre o empoderamento feminino na produção de alimentos agroecológicos.

Segundo, Salete Felix, sítio Coqueiro, assentamento Maceió, Itapipoca (CE), [...]num precisa de

um homem pra eu tá produzindo eu posso produzi sozinha posso cuida do meu quintal posso cuida da minha casa depende muito de mim mas se eu quero fazer isso só eu posso faze né então eu acho que teve essa grande mudança ii eu acho que as mulheres do movimento elas entrum com uma mentalidad e sai cum outra (FELIX, 2018), (informação verbal¹⁶) (SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA, 2018).

Com relação ao quadro 29, Shiva (2020), aponta que a economia patriarcal cria fronteiras produtivas que invisibilizam o trabalho das agricultoras, dado que, dentro do modelo patriarcal a produção para o sustento da família que envolve o cotidiano no lar não é contado como trabalho, assim como na academia e em outros espaços públicos a contribuição feminina nem sempre é reconhecida e valorizada como deveria, deste modo, Shiva ([2016]2020), enfatiza que,

El trabajo de las mujeres en la economía de la alimentación se reduce a cero, aunque sea ese trabajo lo que alimenta a la gente. Esta economía patriarcal ha vuelto invisible el trabajo de las mujeres como proveedoras de alimentos, porque son proveedoras del hogar y no de las empresas y porque las mujeres desempeñan muchas tareas para las que se requieren diversas habilidades. Las mujeres han sido invisibles como agricultoras, a pesar de su contribución a la agricultura, porque hay un sistema económico patriarcal que no computa como trabajo lo que producen, porque queda fuera de las fronteras de la producción (SHIVA,2020, p.176).

Pensar sobre a mudança na perspectiva de produção de alimentos implica, segundo Shiva (2020), mudar a forma como a sociedade pensa, apesar de todo o esforço e dedicação na produção de alimentos para o sustento da família (temperos, chás, legumes, verduras), as agricultoras lutam pelo reconhecimento como produtoras rurais, esse fato, deixa explícito o patriarcalismo latente em pleno século XXI.

Nota-se que a partir dos movimentos de agricultoras e apoio de instituições não governamentais, como o CAPA, o CETAP e a EMATER, tem surgido diversos espaços de diálogos e práticas que às auxiliam para alcançar o protagonismo e reconhecimento na produção de alimentos.

Neste sentido, Mirian Nobre, (2020) enfatiza que,

[...] as mulheres são protagonistas nas práticas agroecológicas e nos conhecimentos a elas associados. Em geral são elas que selecionam, guardam e trocam as sementes. Utilizam critérios de seleção com base no gosto, tempo de cozimento, resistência pós-colheita. Ou seja, são critérios relacionados à vida, aos valores de uso. E são totalmente diferentes dos critérios das corporações transnacionais que disseminam variedades resistentes aos agrotóxicos vendidos por elas mesmas e que demandam a compra de sementes todas as safras. Por tanto, que visam assegurar a realização de valores de troca (NOBRE, 2020, p. 3).

A luta pelo reconhecimento do trabalho feminino no espaço rural é longa e para alcançar a autonomia, as mulheres acabam passando por momentos de dificuldades financeiras, de deslocamento e de enfrentamento em relação a família, como é possível observar no relato a seguir.

16 Sem feminismo não há agroecologia. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=oPeCD-x0WAw> . acesso em 20 de novembro 2021.

Quadro 30: Relato sobre o processo de consolidação do modelo agroecológico na família.

Segundo dona Nilza, [...] Talvez não parece mas eu sempre fui pessoa deferente né, ii ná época começou fala que ia te que entrega nas escola nos colégio né e como que eu não queria dá produto com veneno pros meus eu pensava nos outro tamém né, então ai eu comecei busca ai eu fui até na EMATER, no sindicato pidi eu mesma pidi curso né! I fui busca atrás, i no começo foi muito difícil pra mim porque a crise tava muito difícil pra gente sai daqui, a cidade é longe pra pode fazer o curso tinha dia que a gente até ia pidi carona né, pra gente i porque não tinha. A sorte que na época no curso davam alimentação porque senão ia ficar o dia inteiro sem comer né. E graças a deus fui bem persistente ii **hoje eu so certificada já vai pra déiz ano. Foi bem difícil ná época ele dizia que era bobage i que eu tava perdendo tempo que tava passiano né** que eu não tava fazendo curso nada que eu tava passeando, **hoje, ele agarrou com as duas mãos né agora ele bate no peito todo orgulhoso, eu so produtor orgânico né agora graças a deus** [grifo nosso] (MULHERES E AGROECOLOGIA, IFPR, Ivaiporã)

A partir do relato acima, percebe-se a invisibilidade do trabalho feminino diante da produção agroecológica e no âmbito familiar, o processo de transformação da produção convencional para a produção agroecológica é iniciada pelas mulheres, demonstrando a superação da casa enquanto confinamento e do trabalho como dominação e alienação, permitindo entender a casa como um lugar de construção de autonomia, de empoderamento a partir do trabalho com o uso da ferramenta certa: a agroecologia como base produtiva, tanto de alimentos quanto de outras realidades sobre o viver no rural. Ao analisar estes relatos, é possível ter inspiração para continuar na luta feminista para o reconhecimento e valorização de todos os trabalhos e atividades desenvolvidas pelas mulheres.

Para discutir sobre essa mudança de paradigma no rural, é necessário destacar o ecofeminismo, o qual, relaciona a ecologia, o feminismo e a natureza, enfatizando que o processo de extinção da espécie humana e da vida na terra está relacionado as questões de destruição do meio ambiente, da saúde de modo geral, da economia e das relações políticas, ou seja, são diversos fatores que juntos constituem a crise humanitária mundial. Como uma das propostas para saída desta crise, o ecofeminismo visa discutir a imposição social em que a mulher é vista biologicamente como inferior e irracional se comparada aos homens, crítica esta, já destacada por Beauvoir em 1970.

4.4 O RECONHECIMENTO E A AFIRMAÇÃO DAS LUTAS.

A luta das mulheres pelo reconhecimento dos seus direitos vem se intensificando em escala internacional desde 1999 a partir de uma manifestação feminista que ocorreu no Canadá (PINGRET, 2010, p. 1). Segundo Alexandra Pingret (2010, p.2), a primeira marcha mundial das mulheres ocorreu no ano 2000, no dia 8 de março, com um chamado ‘2000 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista’, esta ação passou por 159 países, sendo organizado um abaixo assinado entregue a ONU com algumas reivindicações do movimento, no mesmo momento, foi elaborada a ‘Carta das Mulheres Brasileiras’, as quais reivindicavam por terra, trabalho, direitos sociais, autodeterminação e soberania.

A segunda e terceira marchas mundiais das mulheres iniciaram no Brasil (2005 e 2010), tendo como pauta, a busca pelo reconhecimento dos direitos das mulheres, destacando o direito à liberdade que fez parte do slogan da terceira marcha: ‘Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres’, “o diferencial dessa ação foi a marcha realizada por aproximadamente três mil mulheres, durante onze dias (conforme o site da SOF), iniciando em Campinas/SP, (2010), e terminando na capital do Estado”(PINGRET, 2010, p. 2).

Apesar das discussões iniciadas por Beauvoir (1970), sobre feminismos e gênero desde a metade do século passado, somente no início dos anos 2000, esse movimento ganha força e começa a movimentar um número expressivo de mulheres incluindo as agricultoras e sendo reproduzido em diversos continentes.

Neste sentido, falar sobre o reconhecimento das lutas feministas no campo, exige uma reflexão sobre autonomia feminina como parte de um processo político de afirmação das agricultoras. Deste modo, Marcela Lagarde (1999), destaca que,

La autonomía es fundamentalmente un conjunto de procesos de poder, por lo tanto se constituye a través de procesos vitales políticos y en lo que tradicionalmente llamamos el ámbito político. La autonomía requiere obligatoriamente de actores sociales constituidos, identificables, que portan, reclaman, reivindicán, actúan, proponen, argumentan, establecen y pactan la autonomía. Y ésta es otra clave importante: la autonomía es un pacto político. Cada avance de autonomía es un avance político y requiere una recomposición de las relaciones de poder, una reconfiguración de la política, y requiere de un lenguaje político pues la autonomía debe ser enunciada políticamente (LAGARDE, 1999, p. 13).

Segundo a autora, reconhecer as lutas feministas faz parte do processo de construção da autonomia diante da família e da desconstrução do modelo patriarcal, representando um ato político carregado de significados e que exige uma mudança nas relações de poder na família.

Quadro 31: A luta pela autonomia feminina diante da família.

Segundo Veronica Santana, membro do Movimento da mulher trabalhadora rural do Nordeste – MMTR – NE, “Não é só um avanço se a gente tem ou não tem um acesso a uma política pública, mas é um avanço enquanto construção da sua identidade política enquanto sujeito político enquanto cidadã enquanto mulher acho que isso é mais importante, as mulheres não tinham se quer identidade, não tinha documento, não tinha identidade, [exemplo], Maria que era mulher de João, Maria que era ajudante (...). E hoje a mulher dizer assim eu sou fulana de tal, sou trabalhadora rural, sou camponesa, sou assentada, sou quilombola, então, ter uma identidade política uma identidade de cidadã eu acho uma coisa fantástica” (CAMINHOS DA AUTONOMIA: AGROECOLOGIA E FEMINISMO NO VALE DO RIBEIRA, 2018).

No documentário “Caminhos da Autonomia: Agroecologia e Feminismo no Vale do Ribeira, 2018”, as entrevistadas destacam a importância da afirmação e construção de uma identidade de agricultora por meio do reconhecimento do seu trabalho e apoio de instituições como a Sempre Viva Organização Feminista – SOF, ou por meio de políticas públicas, que começaram a ser pensadas e

estruturadas em nível nacional a partir das primeiras marchas feministas e de organizações feministas regionais que surgiram no Brasil a partir dos anos de 1980.

Nesta perspectiva, Marcela Lagarde (1999), enfatiza que,

Las mujeres, en donde tenemos que construir la autonomía? En la familia, que por lo general las latinoamericanas dejamos en último lugar. Por nuestra tradición de lucha opositora, trasladamos al territorio de lo público y de las instituciones en el Estado, la lucha por la autonomía. O bien la trasladamos a los movimientos, a la sociedad civil, y se nos olvida que la familia parte de la sociedad civil. Ese es un círculo particular de definición de autonomía que para las mujeres es doblemente clave (LAGARDE, 1999, p.16).

Segundo Marcela Lagarde (1999), é necessário que as agricultoras busquem a autonomia inicialmente sobre o núcleo familiar fortalecendo a construção e despertar da consciência feminina sobre o protagonismo das mulheres na construção de paisagens nutritivas, como referido no subcapítulo 1.3 deste trabalho.

Quadro 32: Organização econômica das agricultoras a partir do uso das cadernetas agroecológicas.

Segundo a fala de Angélica Silva do Carmo, membro da associação dos moradores e agricultores familiares do Rio Vermelho e adjacências, no município de Barra do Turvo, “eu to trabalhando com a SOF desde o ano passado em março com a caderneta aonde as mulheres anotam tudo e no final do mês elas ve que elas conseguiu uma quantidade que elas nem imaginavam que elas produziam no fundo do quintal, muitas as vezes vende mais do que consome, e outras consomem mais do que vende. Então essa caderneta é o tipo da mulher ter uma autonomia dela dentro da sua casa, ela vai poder falar olha eu consegui produzir no meu fundo de quintal tanto, e muitos as vezes não tinham essa autonomia, as vezes tava com a DAP¹⁷ no nome do marido e ela tava la sem saber de nada sem saber nenhum documento, tava como se fosse excluída la da sociedade e muitas vezes tinha o seu fundo de quintal trabalhava na agricultura e tava la no registro la como dona do lar” (CAMINHOS DA AUTONOMIA: AGROECOLOGIA E FEMINISMO NO VALE DO RIBEIRA, 2018).

Ao analisar o processo de construção da autonomia das agricultoras se faz necessário entender o processo pelo qual passam até se reconhecerem como protagonistas do processo produtivo de alimentos, como o exemplo citado por Angélica Silva do Carmo, no documentário Caminhos da autonomia: Agroecologia e Feminismo no Vale do Ribeira, 2018.

Além disso é preciso desconstruir a ideia imposta pelo patriarcado de que a figura masculina é quem provê o sustento familiar e coloca a mulher em uma posição de serviçal ou de ajudante, ou seja, apesar de todo o esforço para manter o lar, o cuidado com os filhos e marido, o trabalho na lavoura, o cuidado com o quintal e a horta, nada disso é contabilizado como trabalho quando é desenvolvido pela figura feminina. Neste tocante, Rodriguez, destaca que,

De fato, a economia tradicional tem-se centrado historicamente na produção orientada ao mercado – na esfera pública – enquanto a produção doméstica destinada ao consumo familiar – na esfera privada – foi esquecida nas análises econômicas do modo de produção capitalista em geral nos últimos séculos. Justamente, a visibilização política desse trabalho de reprodução social não remunerado é uma contribuição à teoria econômica promovida pelas economistas feministas, dado o viés androcêntrico da chamada ciência econômica que desconsidera

17 DAP – Declaração de Aptidão ao Pronaf

a riqueza produzida pelas mulheres, e “onde se omite e exclui a atividade não remunerada ou sem valorização mercantil, orientada ao cuidado da vida humana e realizada em sua maioria pelas mulheres” (RODRIGUEZ, 2013, p. 48).

É justamente a quebra deste padrão de negação do trabalho que as agricultoras reivindicam, para tanto, é necessário que ocorra o reconhecimento de suas lutas a partir das atividades desenvolvidas, como observa-se na fala de Neneide, quadro 33.

Quadro 33: Relato sobre a invisibilidade na produção agroecológica feita pela agricultora próximo da casa.

Neneide Lima, moradora do assentamento Mulunguzinho, Mossoró (RN), “ninguém percebiam o que a gente trazia pra dentro de casa também, nós percebia a diferença de eu tê um mamão pra da ao meu filho. De eu te uma diversidade de hortaliças na minha mesa. Deu pode ganha algo que eu comprava um chinelo pra um filho que eu comprava um caderno pra um filho. Mas na visão das pessoas, ah aquelas mulher passam o dia morrendo de trabalhar e não ganham nada” (AS SEMENTES, 2017).

A partir do relato acima, nota-se que o reconhecimento na produção de alimentos inicia-se pela própria agricultora, e neste sentido, para que outras pessoas consigam enxergar, é necessário que estas construam espaços coletivos de apoio, discussão e mobilização em relação a produção de alimentos sob o viés agroecológico, como destaca Maria Paulilo (2009),

A valorização do trabalho feminino nos campos foi intensificada com o surgimento, no início da década de 1980, dos movimentos autônomos de mulheres rurais. Esses grupos apresentam trajetória semelhante a muitos outros movimentos sociais que emergiram nesse período no Brasil começam sob forte influência da ala progressista da Igreja Católica. No meio rural, essa influência foi decisiva para a participação feminina, pois a igreja é um dos poucos lugares públicos que as mulheres sempre frequentaram e são estimuladas a fazê-lo. Com o passar do tempo, as participantes começaram a encontrar menos identidade entre suas aspirações e as possibilidades oferecidas pela Igreja Católica, a qual nunca abandonou sua postura patriarcal, nem sua visão restritiva sobre o comportamento sexual e a contracepção (PAULILO, 2009, p. 181).

Apesar de a igreja católica ser utilizada como espaço de encontro inicial para as agricultoras, devemos ter clareza de que nem todas as reivindicações femininas são acatadas e apoiadas por esta instituição, isso porque, os padrões e dogmas da igreja católica colocam limites na liberdade da mulher, por exemplo, quando são guiadas a jurar diante do altar para seus cônjuges que irão ser obedientes, como se realmente estivessem assinando um contrato de “escravização moderna”, devendo respeito e obediência ao marido, por isso, o movimento das agricultoras em prol do reconhecimento da produção agrícola feita em espaços de produção agroecológica tem um significado e importância fundamental em toda a trajetória de empoderamento feminino no campo até que as pautas das lutas sejam reconhecidas em nível nacional e internacional e aplicadas em sua totalidade, portanto a criação de políticas públicas e de investimentos estatais em cursos, formações e apoio a instituições que apoiam e desenvolvem projetos relacionados ao tema são fundamentais. Desta maneira, Emma Sili-prandi (2016) destaca que,

[...] mesmo quando se desce ao nível do manejo dos agroecossistemas, onde necessariamente as mulheres teriam que aparecer (visto que estão em todas as famílias camponesas, trabalhando na terra e transformando os ecossistemas), tanto a análise das atividades realizadas por elas quanto sua participação enquanto sujeito político dificilmente são enfocadas (SILIPRANDI, 2016, p. 97).

O reconhecimento das lutas feministas no campo ganha destaque a partir do momento em que se constroi uma relação entre a produção de alimentos feita por mulheres com a aplicação da agroecologia como ciência multidisciplinar, que converge saberes técnicos e sociais e na prática se manifesta como um contra movimento ao sistema capitalista e ao patriarcado.

Existe um padrão de atividades desempenhadas no lar relacionada com a identidade sexual, ou seja, na sociedade patriarcal, convencionou-se que as mulheres devem fazer e agir de determinadas maneiras, sempre respondendo a vontade do marido, dos filhos e da sociedade, como expõe Silva

Grande parte da identidade de gênero é adquirida ainda no âmbito familiar, onde se fazem os primeiros aprendizados para a divisão sexual do trabalho. Helena Hirata (1998) salienta que há uma construção social sexuada no mundo produtivo e reprodutivo, onde os homens e mulheres são desde a escola e a família qualificados diferentemente para o mercado de trabalho e o capitalismo se apropria disso (SILVA, p.46).

O condicionamento feminino a determinadas atividades e responsabilidades no contexto familiar deixa as mulheres reféns do apoio financeiro dos maridos, representando uma forma de controle dentro do patriarcado, para tanto, a agroecologia como contra movimento a todo tipo de imposição e dominação, financeira ou produtiva, possibilita que as agricultoras adquiram a própria renda e consigam ter autonomia diante da família, sem necessariamente passar pela autorização e aprovação do marido, como destacou Zenaide Dias Gonçalves, no quadro 34.

Quadro 34: O discurso de dominação sobre a vida das mulheres.

Segundo Zenaide Dias Gonçalves, agricultora, moradora do município da Barra do Turvo, SP, “a nossa esperança, a nossas dificuldades, a nossa liberdade fala a verdade das mulheres né a nossa liberdade, tudo que nós ia fazer, ah amor, ah bem, esposo, preciso de uma quantia assim de uma quantia assado, tinha que depende do marido, agora, eles já tão falando que eles vão depende de nois, que já tamo emprestando dinheiro (risos)” (CAMINHOS DA AUTONOMIA: AGROECOLOGIA E FEMINISMO NO VALE DO RIBEIRA, 2018).

A partir da fala de Zenaide Dias Gonçalves, nota-se que o uso da agroecologia enquanto ferramenta contra hegemônica, permite repensar as relações dentro do contexto familiar e a posição que as mulheres assumem, deixando de serem vistas como servas do lar para assumirem o protagonismo na produção de geração de renda para a família.

Deste modo, percebe-se uma estreita relação entre a conquista da autonomia das agricultoras e o uso da agroecologia enquanto uma ciência multidisciplinar que envolve a produção de alimentos. Neste sentido, Emma Siliprandi (2016, p.116 -117), destaca alguns movimentos que surgem na década de 1980 em favor da agroecologia e das mulheres, fortalecendo as redes feministas por todo o

país, a autora cita alguns destes movimentos, em 1983 aconteceu o I Encontro de Líderes Trabalhadoras Rurais do Rio Grande do Sul, em 1984, no dia 8 de Março reuniram-se mil agricultoras em passeata em Erechim(RS) com a criação do Movimento das Mulheres Agricultoras- MMA em Santa Catarina, no mesmo ano, no nordeste aconteceu o I encontro das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco em Serra Talhada.

Na década de 1980, os movimentos de agricultoras estavam espalhados por todo o Brasil e América Latina, entretanto, percebe-se que as lutas e reconhecimento da função da mulher no campo ainda precisam ser fortalecidas até que todas as agricultoras compreendam o seu valor e assumam o papel de protagonistas da produção de alimentos, neste tocante, nota-se uma divergência entre teoria e prática, observada a partir dos relatos das agricultoras nos documentários selecionados, nos quais, são relatadas muitas barreiras à serem superadas quanto a questão do reconhecimento e da visibilidade das mulheres enquanto sujeitos ativos no processo de produção de alimentos e de construção de outras paisagens.

Reconhecer as lutas feministas no campo é reconhecer a existência de outras paisagens, como expõe Silva (2016), “paisagens dotadas de significados distintos”, cada qual, construída a partir do olhar e construção social de cada agricultora a partir de suas vivências e experiências no campo, “[...]Umam exibem o poder da classe dominante, constituindo-se em marca identitária, outras derivam de grupos sociais emergentes e indicam o futuro de grupos sociais ou se associam a grupos excluídos” (Silva 2016, p. 37).

Para falar em reconhecimento de lutas na agricultura, é preciso reconhecer a paisagem negada e excluída como aponta Jessica Silva (2016),

A paisagens alternativas, segundo Cosgrove (1998), podem ser residuais – paisagens relíquias, que pouco possuem do seu significado original –, emergentes – paisagens papel, que são frutos de culturas transitórias - e excluídas – as que são renegadas e ameaçadores para a cultura dominante. Essa última citada nos dispõe de enorme valia. É no bojo de sua discussão que propomos aqui reflexões sobre as culturas excluídas, especificamente sobre uma cultura historicamente e oficialmente excluída, a cultura feminina, a cultura da mulher, as paisagens da mulher (SILVA, 2016, p. 42).

Uma das maneiras de reconhecer as lutas das agricultoras é fazer com que estas se percebam enquanto sujeitos ativos no processo produtivo, para tanto a ciência agroecológica, a partir de um viés multidisciplinar, possibilita ver mais além, ou seja, permite reconhecer toda a diversidade produção que se pode gerar no entorno de casa, permitindo uma tomada de consciência sobre a diversidade de alimentos disponível para a alimentação da família, neste sentido, o uso das cadernetas fez com que essas agricultoras passassem a se reconhecer como sujeitos ativos da produção de alimentos e se afirmar na luta pelos seus direitos e valorização do trabalho na unidade familiar, como pode ser observado no quadro 35.

Quadro 35: Reconhecimento da produção de alimentos no quintal de casa.

Segundo relato de Maria Izaldite Dias, membro do grupo Esperança no município de Barra do Turvo/SP “muitas mulheres dizem assim eu não tenho nada, ne, eu num sei, eu não sabia nem vo começa, ah eu tenho uma ortinha em casa, ah eu não tenho, num tenho nada, de repente a gente viu que tinha inhame, tinha mandioica, tinha um monte de coisa em casa e a gente dizia que a gente não tinha nada, a gente se descobriu a gente se acordou” (CAMINHOS DA AUTONOMIA: AGROECOLOGIA E FEMINISMO NO VALE DO RIBEIRA, 2018).

Segundo Emma Siliprandi, (2016, p.152), as articulações regionais de diferentes movimentos de agricultoras multiplicaram-se, motivando a criação de feiras para que os excedentes sejam comercializados, a partir da articulação de grupos locais em grupos regionais, movimentos estaduais e por fim, em escala nacional, foram e são fundamentais para a continuação das lutas pela visibilidade e legitimação das reivindicações femininas no espaço rural, para que de fato possam construir outras paisagens, pautadas na soberania alimentar na autonomia feminina e se transformem de fato em paisagens nutridoras.

4.5 Finalmente, a Agricultora é Paisagem ?

A natureza é mistura.

Nexus, plexus de todos amores,

É a própria morte in natura.

Beleza, equilibrio, catástrofe,

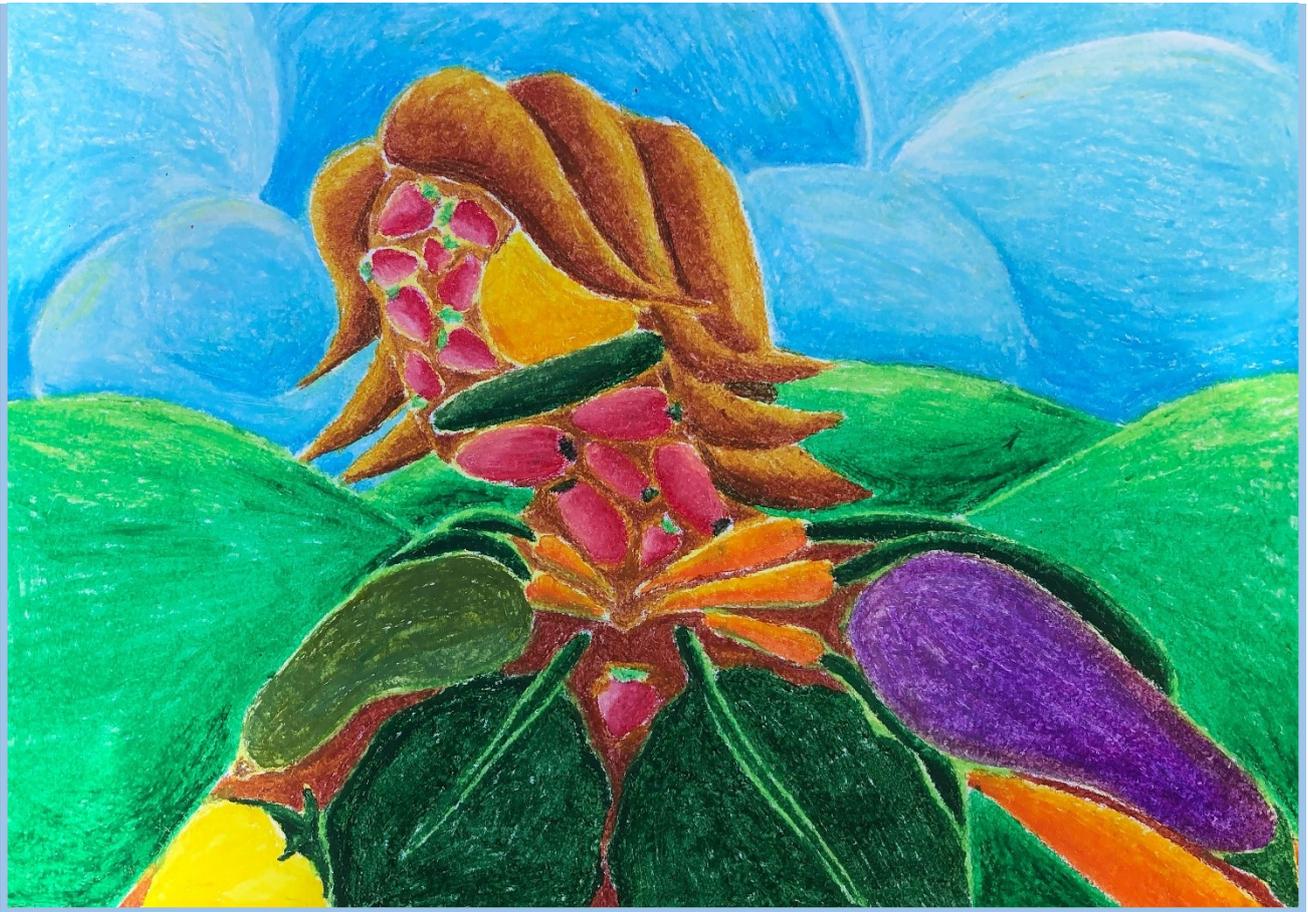
A natureza é uma arte.

De um átomo a todas as paisagens,

Um misterioso texto expresso em miragens.

(Reginaldo Souza, memória de 2010, renomeado como Natureza: drama e comédia).

Obra 3: (Re)Existência.



Fonte: BRASIL Lia. (Re)existência. Giz pastel, 2022.

A mulher pode ser entendida, definida e interpretada de diversas maneiras, desde as características da personalidade, como a coragem, por seus ideais de vida, por meio dos aspectos culturais que envolvem a sua construção enquanto indivíduo social, incluindo a busca pela autonomia e pela quebra de padrões socialmente impostos. A mulher se transforma com o tempo (nós não somos, nós estamos em uma dada condição física, social e intelectual que está em constante transformação), é fruto das suas memórias, das experiências vividas, dos momentos vivido, compreende em sua essência, o cuidado com a terra, a preocupação com a natureza e com os demais seres vivos.

Para falar em mulheres paisagens ou útero-paisagens, precisamos nos indagar: mulher é paisagem? A partir desta reflexão e questionamento pessoal, lançaremos um olhar sobre as agricultoras como sujeitos de análise e leitura dentro do processo de construção de outras paisagens, para tanto, serão retomadas algumas discussões feitas no texto acerca da paisagem, da agroecologia e das mulheres.

Neste sentido, Dirce Suertegaray (2005) afirma que a paisagem é a representação da co-existência de formas naturais com a ação humana, despertando vínculos de sentimentos entre objetos e os humanos, assim sendo, assimilamos esta reflexão com o relato de Neneide de Lima, no quadro 36, a qual enfatiza que:

Quadro 36: Identificação das mulheres com a agroecologia.

Para a agricultora, Neneide de Lima, moradora do Assentamento Mulunguzinho, em Mossoró (RN) “mais se sabe que hoje quem mais se identifica com a agroecologia são as mulheres. Por mais que isso nas pesquisas não saia. Porque? Porque é ao redor de casa! Porque o que que a agroecologia faz? Faz também com que as pessoas não enxerguem. Porque ela que traz a fruta, ela que traz a verdura ela que traz algum dinheiro extra né, que faz toda essa estória do rodízio né da história da diversidade. Por isso que ela encanta primeiro as mulheres” (AS SEMENTES, 2017).

Paisagem e mulheres são coexistências que possuem características únicas, porém conseguem se mesclar e transformar tanto a si quanto o entorno. Ao transformarem-se a si mesmas as mulheres alcançam a autonomia diante da família e a partir disso começam a mudar o entorno que consequentemente origina outras paisagens mescladas de sonhos, desejos, inspirações e persistência por parte das agricultoras para comprovar e mostrar a diversidade do local.

Para Adriana Serrão (2013), a paisagem é fruto do local e representa a composição de elementos vividos por cada indivíduo, para ilustrar essa afirmação, pode se associar ao cotidiano das agricultoras como é expresso por Efigênia Marco no quadro 37:

Quadro 37: Consciência dos ganhos e da produção de alimentos realizada pelas agricultoras.

Segundo Efigênia Marco, agricultora no município de Acaiaca/MG, “ então aqui é minha horta, nois vamo começa a ver o que eu ganho deixando de gastar. Seu eu fosse busca isso lá no mercado lá fora. Eu ia ta gastando e não ia ta trazendo um produto de qualidade. Eu não estava sabendo exatamente a origem daquele produto. I aqui eu sei a origem do meu produto. O que que eu ponho nesse produto e o que que a gente ta comendo, essa é a couve chinesa, tem umas aqui que estão mais lentas começando agora, estas já estão no estágio que estão saindo para o comércio, tanto para o consumo, quanto para o comércio, estas couve chinesas estão indo para a alimentação escolar. Essa couve chinesa já está no estágio final dela, a gente trata as galinhas e elas botam uns ovinhos caipira da hora né” (AS SEMENTES, 2017).

Analisando o relato, a agricultora destaca os benefícios adquiridos a partir da produção de alimentos baseada nos saberes agroecológicos, enfatizando a importância de saber o que está sendo produzido e sua a origem. A partir disso, analisando a definição de paisagem proposta por Serrão, entendendo-a como sempre local e composta por elementos vividos, pode se afirmar que as agricultoras também são paisagem, uma vez que reconhecem em si a importância da atividade agrícola para a produção de alimentos de fato nutritivos e de qualidade, entendendo o entorno de suas casas como um local com potencial produtivo, composto por uma diversidade de alimentos, cores, sabores e cheiros.

Fotografia 5: Horta do quintal de dona Efigênia Marco, documentário AS SEMENTES, (2017), município de Acaiaca/MG.



Fonte: documentário AS SEMENTES (2017), frame, tempo 19:19 minutos (conferir).

Para Yi- Fu- Tuan (1974), a paisagem define-se a partir de uma relação de amor com a Terra, neste sentido a observação da paisagem torna-se uma manifestação afetiva da relação ser humano com o lugar que o cerca.

Se a paisagem é capaz de expressar uma relação de amor com a terra no momento em que as agricultoras ressignificam o modelo produtivo a partir da agroecologia, assim sendo, pode-se afirmar que as mulheres também são paisagem, essa identidade criada a partir da conexão com a terra pois são também geradoras de outras vidas, permite que estas visualizem a relação com a produção de alimentos de outra maneira, ou seja harmônica, conectada com os tempos da natureza, os ciclos e estações do ano, deste modo a agroecologia valoriza a diversidade em detrimento do monocultivo e é o meio encontrado pelas agricultoras para ressignificar e dar visibilidade as paisagens rurais, e do mesmo modo, conquistarem respeito e autonomia diante da família.

Quadro 38: O cuidado com a terra, uma identidade, um ato de amor.

Para a deputada estadual de Santa Catarina, Luciane Carminatti, “ a agroecologia ela defende tanto a vida do animal, quanto a vida vegetal, quanto a vida humana! Ii como é que nós vamos envenenar a nossa terra mãe, que é o que nos dá o alimento pra gente come, tu não vai envenena tua mãe! Mata tua mãe pra tu te vida! Todo o respeito que a gente tem com a terra com a vida, com a água com a natureza i nós dependemos uns dos outros, dependemos dos animais, os animais dependem dos vegetais, nós dependemos dos vegetais, os vegetais dependem do ser humano í é isso é um amor pela terra, pela vida mesmo (reafirmando com a cabeça), que faz a gente reconhecer que o veneno ele não tem outra utilidade a não ser pra matar. Pra que que serve o veneno e o revólver? Só serve pra matar não tem outra utilidade eles não servem pra outra coisa” (SEMEADORAS: AS FACES DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS NO OESTE DE SANTA CATARINA, 2020).

Segundo Reginaldo J. Souza (2019) a paisagem é fruto do pensamento e da mente de cada ser, podendo assim ser entendida enquanto uma totalidade homogênea, sendo assim, a definição sobre o conceito de paisagem é também individual, baseada a partir das experiências de vida de cada indivíduo. Nesta perspectiva, Reginaldo J. Souza (2019), destaca que,

A paisagem deve suscitar no espectador a consciência dos problemas e das virtudes dos lugares (dimensão espacial) onde vive. Em caso de problemas, a paisagem despertará o desconforto dos sentidos: poluições várias, visual desagradável, desafeto, desejo de abandono. Do contrário, emergem o prazer, a relação de identidade e os afetos. Assim, a paisagem se torna ponto de partida para contestar melhores futuros ou manter o que já existe de bom (SOUZA, 2019, p. 126).

O autor, ressalta a complexidade deste conceito trazendo uma outra análise para a paisagem, ou seja, carregada de impressões humanas, capaz de despertar sentimentos e sensações boas ou ruins, as paisagens que despertam sentimentos ruins se tornam propulsoras para a mudança, transformando-se em um fator regulador de movimentos, este caso pode ser percebido durante os depoimentos de Veronica Santana e Arlete Pedroso Silva do Carmo, no documentário “Caminhos da Autonomia: Agroecologia e Feminismo no Vale do Ribeira”.

Quadro 39: Depoimento sobre a mudança de perspectiva em relação as mães.

Segundo Veronica Santana, agricultora, “ me encanta muito é quando as mulheres, as filhas de dessas mulheres e as nossas filhas, os seus vários depoimentos, dizem eu tenho muito orgulho da minha mãe, eu quero ser igual minha mãe, isso por muito tempo as mulheres eram negadas a ter, ninguém queria ser igual a sua mãe, igual a sua avó” (CAMINHOS DA AUTONOMIA: AGROECOLOGIA E FEMINISMO NO VALE DO RIBEIRA, 2018).

Quadro 40: Resignificando os modos de viver, mudança de perspectiva quanto a paisagem do rural.

Para Arlete Pedroso Silva do Carmo, membro da Associação dos moradores e agricultores familiares do bairro rio vermelho e adjacências/ Barra do Turvo, SP, “[...]e as minhas menina por exemplo, as duas elas dizia pra mim: mãe, quando eu fiz treze anos eu vou sair, **esse lugar aqui não é vida. Depois que essas mulheres aparecerem elas falarão: mãe eu quero ta com você.** Ai uma falou – **eu quero viver na roça, a outra falou: é eu não quero ir pra cidade ir pra aquele lugar cheio de veneno, tudo entope o ar num tem cheiro, tudo esquisito a gente gosta do sitio mesmo não quero ir embora de jeito nenhum.**” (grifo autora), (CAMINHOS DA AUTONOMIA: AGROECOLOGIA E FEMINISMO NO VALE DO RIBEIRA, 2018).

Nos depoimentos dos quadros 39 e 40, percebe-se como a paisagem é carregada de conteúdo político (Souza, 2019), uma vez que despertou dois sentimentos contrários segundo relato das mães em relação às adolescentes, as quais, inicialmente tinham uma sensação de estranhamento e desconforto e após a participação no projeto desenvolvido pela ATER na construção de uma proposta de produção de alimentos aplicando a agroecologia para o desenvolvimento da autonomia das agricul-

toras, demonstrou que a partir deste projeto os modos de viver e experienciar o rural foram ressignificados, permitindo uma outra forma de ler e sentir a paisagem e que até então despertava uma repulsa sobre o espaço rural.

Segundo Adriana Serrão (2017), a paisagem representa:

[...] Paisagem ocupa, por assim dizer, um lugar intermédio entre a Natureza, a totalidade englobante, e os entes naturais, singularmente considerados na sua particularidade. Não remete para uma ideia genérica e objetivável, mas para unidades amplas e inconclusas, sempre individualizadas e diversas. Paisagens são unidades complexivas de materiais naturais e elementos vivos integrados em contextos igualmente naturais, formando conjuntos coesos, cada um dotado de especificidade ou fisionomia própria (SERRÃO, 2017, p. 45).

A paisagem, entendida como uma totalidade homogênea dada a partir da junção dos elementos permite a construção de uma categoria para falar da atuação e relação das mulheres cisgênero e a paisagem: a útero-paisagem, representando a associação dos elementos naturais permeados por diferentes relações sociais, coletivas ou individuais, porém únicas, construídas a partir das memórias e vínculos criados com cada paisagem.

Neste sentido, a proposta da útero-paisagem é compreender e mesclar a ação das mulheres em espaços de produção agroecológica, recriando e inserindo suas marcas na paisagem, uma vez que a agroecologia estar ligada com a preservação de sementes crioulas, do resgate dos saberes ancestrais, da busca pelo empoderamento feminino e da autonomia, pelo reconhecimento das lutas e desafios cotidianos das mulheres.

O útero é um órgão, parte integrante de alguns corpos humanos, mais incrível é que são capazes de gerar outros seres, não idênticos, mas com a mesma natureza e essência: humanos! Um órgão que é capaz de conduzir todos os nutrientes necessários para outro ser, é uma fonte geradora de vida, que é utilizado ou não por uma essência (a mulher enquanto figura social), que opta ou não por gerar outras vidas, podem também ser um campo nutridor de projetos e sonhos, de uma busca por um futuro sem violência ou desigualdade de gênero, social ou econômica.

Neste caso, as paisagens-útero são nutridoras, de sonhos, pela necessidade de lutar por igualdade social, por trabalhar e atuar como se sentirem confortáveis e no seu tempo. As úteros-paisagens surgem assim, como sementes, pequenas, nos quintais de casa, crescem a medida que vão ganhando apoio técnico e outras portas se abrem, como a possibilidade de comercialização dos alimentos em feiras ou como vendedoras autônomas transformando-se em outras tantas, diversas, melhores, que inspiram as gerações futuras (quadro 40), que incentivam a permanência no espaço rural, pois nutrem a busca pelo reconhecimento do protagonismo no processo produtivo e de outras formas de viver e cuidar da terra.

As útero-paisagens criam espaços de lutas, de movimentos sociais e políticas públicas de fomento a atividade agrícola baseada na agroecologia, com linhas de crédito e financiamento específico para as agricultoras, representa uma série de redes que se sobrepõem em favor de manter os

saberes ancestrais, de preservar a vida das mulheres e das crianças e de superar o patriarcado e seus desdobramentos.

Uma útero-paisagem dá visibilidade às exclusões sofridas pelas agricultoras em relação as decisões gerais que permeiam a unidade familiar, à divisão sexual do trabalho, relaciona-se as questões financeiras e a divisão de lucros para os membros da família e envolve a figura da mulher no espaço rural e como se insere e (re) existe diante das desigualdades, abusos e restrições que envolvem o viver no espaço rural e o trabalho com a produção de alimentos, sendo o útero um espaço no corpo físico da mulher representa um local onde estas podem gerar outras oportunidades para si, a partir da agroecologia e a partir de movimentos coletivos entre agricultoras.

Uma útero-paisagem também é carregada de simbolismos, da luta por construir caminhos sólidos de afetos entre as produtoras agrícolas, representando a busca por novos horizontes pautados na autonomia sobre os modos de produção, na busca pelo respeito por seus corpos, formas e modos de agir e pensar o espaço rural, onde exista o reconhecimento e valorização da função da agricultora, respeitando seu tempo que também é o tempo da natureza, dos ciclos, das fases e estações, para tanto, não podemos deixar de destacar a importância das políticas públicas para fomentar e alimentar as útero-paisagens, uma vez que são construções políticas e dependem dos incentivos governamentais que apoiam e promovem a criação de redes e instituições de fomento à agroecologia ao processo de soberania alimentar e a autonomia das agricultoras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este estudo, buscou-se construir uma conexão entre a transformação da paisagem a partir da atuação feminina no espaço rural, em unidades familiares que utilizam a agroecologia como conhecimento científico para guiar a produção.

A partir dos documentários selecionados, observou-se que as realidades das agricultoras de diferentes regiões do país se assemelham quanto a questão da dominação da figura masculina sobre seus corpos e modos de viver, também foi possível observar que as agricultoras são um símbolo da re-existência à todas as ameaças de lideranças políticas, as frases desmotivadoras proferidas pelos próprios companheiros, a falta de redes de apoio no início do movimento político de produção pautada na agroecologia.

A paisagem é, segundo Raul A. Schier (2003), construída a partir da atuação humana sobre o espaço, assim surgem outras e novas paisagens. Sendo, desta maneira, uma construção expressamente humana. Do mesmo modo, Souza (2018, p. 390), destaca que “os lugares são todos conteúdos paisagísticos, abertos e finalizados pela própria paisagem, transformando-se em uma fronteira fluída entre o meu lugar e o lugar do outro”.

Neste sentido, os lugares (a casa, a unidade familiar), são entendidos como conteúdos paisagísticos, ou seja, que compõem as paisagens, compreendendo as construções dadas a partir da presença humana e das relações sociais e afetivas que se estabelecem na perspectiva do indivíduo. Deste modo analisou-se a transformação e a construção de outras paisagens pelas agricultoras, a qual, exigiu olhar para o horizonte dessas agricultoras imersas na paisagem da unidade familiar e perceber todas as movimentações que realizam para transformar a realidade do viver no rural: lugar de isolamento, de distanciamento dos vínculos afetivos e sociais e um ambiente totalmente segregador e excludente para as minorias: mulheres, jovens, negros e povos tradicionais.

As inúmeras tentativas de conquistar a ascensão financeira a partir dos cultivos convencionais (monocultivo de soja, milho, café, e bovinos), torna-se uma utopia para o agricultor familiar, uma vez que o tamanho das propriedades impedem que a produção anual de grãos ou gado seja suficiente para arcar com os gastos da família e ter uma margem de lucro que permita um crescimento econômico e a mudança na categoria de agricultor familiar para um grande produtor rural ou empresário do agronegócio. Isso porque, os preços para a produção de commodities é elevada e para os agricultores familiares que não possuem tanta área agricultável torna-se um modelo de produção é inviável.

Assim podemos falar em dois tipos de paisagem: as paisagens desoladoras relacionadas a produção de commodities, que fazem imperar sobre os olhares das famílias, a incerteza de saber qual vai ser o lucro no final da safra, se conseguirão realizar a colheita, e quem fará, a lógica do agronegócio faz com que o agricultor familiar esteja amarrado em um sistema de compra (insumos para plantar) – plantio (à mercê das condições climáticas, de terceiros para realizar o plantio, ocorre um investimento para que uma máquina agrícola – trator e plantadeira), a mercê das mudanças climáticas nos meses entre o plantio e a comercialização, que pode sofrer a interferência de fatores naturais: secas, tempestades de granizo, vento, ciclones, bem como a reprodução exagerada de insetos que pode atacar lavouras inteiras e devastar todo o plantio em poucas horas ou dias).

Deste modo a agroecologia surge no contexto da agricultura familiar como uma possibilidade de ressignificar a lógica de “prisão” do agricultor em relação a produção de commodities, e se coloca como um contra-movimento na construção de útero-paisagens, estabelecidas a partir das trajetórias de vida das agricultoras e do desejo de mudarem os rumos de suas vidas no espaço rural, ou seja, a partir da produção no entorno das casas, e com o apoio e conhecimento científico e técnico de organizações não governamentais engajados com a difusão da agroecologia, que abrem espaços de diálogos e formação sobre o tema.

As agricultoras rurais se tornam as protagonistas desta história, construindo outras paisagens nos lugares onde estão inseridas, e se, os lugares são todos conteúdos paisagísticos dados pelo olhar de cada indivíduo (Souza, 2019), podemos entender que as agricultoras são construtoras de paisagens e também compõem a paisagem, neste caso, uma paisagem agroecológica, afirmando a construção

de outras paisagens a partir de uma única mulher, segundo a sua intervenção na paisagem a partir de um movimento político que envolve a agroecologia.

Para afirmarmos que mulheres são paisagens, firmamos o olhar para a discussão sobre a geografia cultural em que a paisagem é abordada em uma perspectiva humanista, ou seja, que considera a relação entre humanos e natureza para a transformação e construção de outras paisagens, referindo-se às paisagens nutridoras.

Entre os autores utilizados para construir uma outra leitura sobre conceito de paisagem, desafiando-se a pensar a ligação entre paisagem e ação antrópica que permitiram construir uma síntese denominada de úteropaisagem, ocorreu com base nos estudos de Simmel (2009), o qual refere-se a paisagem como uma obra de arte que surge a partir das relações sociais que se estabelecem sobre o espaço, assim como, Souza (2019), que trata da paisagem como uma fronteira fluída, ou seja passível de mudança e interpretação conforme a concepção do indivíduo e das suas leituras de mundo.

Por sua vez, Euler Junior (2005), define a paisagem como um objeto de apropriação estética, ao fazer tal afirmação, o autor refere-se a paisagem como obra de arte, criada a partir da construção de estética que permeia as memórias e trajetórias de vida de cada ser, sendo assim uma construção subjetiva, como afirmou Silva (2016), que se constrói única e irreptível por meio da coexistência de objetos (Suertegaray, 2005), e ações ou seja, pode se ter os mesmos objetos (árvores), compondo lugares diferentes que surgem por meio de intervenções e ações humanas distintas, tendo uma construção paisagística única.

Num segundo momento, foi apresentada a definição de agroecologia, baseada nas compreensões de Caporal (2006), apud Reiniger (2017), os quais, entendem essa ciência como um campo do conhecimento com enfoque multidisciplinar. Assim como, Caporal e Azevedo (2011), destacam que a agroecologia integra os saberes históricos dos agricultores associando com conhecimentos de outras ciências, como a antropologia.

Para Benincá e Bonatti (2020), a agroecologia se coloca como um novo paradigma produtivo, mesclando ciência, técnica e prática, compreendendo o resgate da conexão entre natureza – seres humanos, desta forma entendida como um conhecimento multidisciplinar, como ressalta Saquet (2008), e por fim, Gaboardi complementa os pensamentos de Saquet (2008), incluindo a compreensão da agroecologia como um movimento político. O que de fato é, uma vez que é através da agroecologia enquanto movimento político que todos os depoimentos catalogados destacam a transformação na vida das agricultoras.

Após definir qual a concepção de paisagem e agroecologia defendida neste estudo, passamos analisar a construção de outras paisagens a partir do movimento da agroecologia em uma perspectiva feminista, evidenciando a força e coragem das agricultoras, espalhadas por todo o país para lutar por

seus direitos, reconhecimento do trabalho agrícola e a produção agrícola feita por elas, iniciada geralmente no quintal de casa.

Deste modo, olhar as paisagens do passado pensando nas paisagens do futuro, exige uma análise atenta para as transformações negativas provocadas pela inserção abrupta e forçada para todos os grupos de agricultores ao modelo de produção de commodities, com compra de sementes e pagamento de *royalties* pela produção para as transnacionais que controlam globalmente a cadeia produtiva de grãos, e a partir desse olhar, perceber que a agroecologia como um contra movimento a esse sistema dominador e excludente, permite que sejam construídas paisagens nutridoras, dando visibilidade aos sujeitos historicamente negados no contexto rural, como é o caso das agricultoras, a partir do momento que se assumem como produtoras rurais, buscando o apoio técnico para melhorar a produção e com persistência comprovam para a família a possibilidade de ter qualidade de vida e se tornarem protagonistas da produção de alimentos e geração de renda familiar sem depender do sistema do monocultivo que é conduzido e estruturado por transnacionais do setor agrícola.

Ao entender a agroecologia como um movimento político pautado em conhecimento científico e técnicas que envolvem a associação dos saberes da ecologia, da agronomia e antropologia, essa conexão de saberes é entendida como um paradigma agroecológico, quando coloca-se como um saber que vai contra a lógica de produção capitalista.

Neste caso, temos que ressaltar quem são os sujeitos que assumem esse movimento político e onde se localizam, sendo neste estudo, lançado o enfoque para as agricultoras e a construção da autonomia no espaço da casa, para depois atingir as demais esferas públicas. Para tanto, é necessário entender que a família enquanto instituição reproduzindo o patriarcado, resultando na dominação da figura masculina sobre a esposa e filhos, assim sendo, é necessário entender a instituição família a partir de novo paradigma: a agroecologia, o qual permite perceber as desigualdades e opressões que se estabelecem a partir da reprodução do patriarcado.

A opressão feminina está associada a confusão de papéis que ocorre na agricultura em relação as atividades desenvolvidas pela mulher, como apontam Stropazolas (2010), e Rohnelt (2011), referente a reprodução do patriarcado, deste modo, a luta das agricultoras pela igualdade e reconhecimento entre os sexos seja legítima, necessária e atual, como destaca Federici (2004), essa mudança é iniciada pelas hortas, ou seja, pelo entorno da casa uma vez que constitui-se como um espaço eminentemente feminino, segundo Rohnelt (2011).

A trajetória destas agricultoras está baseada em lutas para destruir determinados padrões sociais como o patriarcado e o machismo, para tanto a construção de movimentos regionais, nacionais ou internacionais de lutas femininas, demonstram que a transformação na realidade da unidade familiar se dá unicamente pela ação da agricultora em querer mudar o seu lugar e buscar autonomia diante da família. o movimento político agroecológico, serve de apoio para fortalecer as lutas e validar

o empoderamento feminino no espaço rural, bem como para mostrar quais são as bandeiras de lutas das agricultoras: igualdade de direitos entre homens e mulheres, soberania alimentar, autonomia financeira, fim da violência doméstica e reconhecimento dos papéis da agricultora no âmbito da família.

Nesta perspectiva, a agroecologia é inserida como um movimento político que influencia e desperta nas mulheres a possibilidade de mudar a realidade do viver no espaço rural, construindo outras paisagens, e gerando a autonomia sobre suas vidas e corpos.

Deste modo, pensar sobre a figura feminina no contexto agroecológico relacionando com o conceito de paisagem, exige um processo de abstração e sistematização de ideias, pensamentos e olhares que envolveram, autores das ciências humanas incluindo, filosofia, ciências sociais e agronomia, permitindo a construção de um trabalho multidisciplinar a partir dos temas: paisagem, agroecologia e mulheres.

Por fim, Souza (2019, p. 52), destaca que, [...]“Escrever é um percurso no infinito porque o movimento de pensar nunca cessa. Escrever um poema, um conto, um romance, um ensaio ou uma tese não é atividade das mais fáceis. A palavra dita sempre será muito mais solta do que a escrita”, neste sentido, essa pesquisa e estudo sobre as mulheres não está encerrada, pelo contrário, serve de motivação para que outras pesquisadoras e pesquisadores se nutram deste “cultivo inicial”, para alimentar o conhecimento e saberes sobre mulheres, úteropaisagem e agroecologia.

Por fim a definição de úteropaisagem refere-se a uma construção social, pautada na experiência de vida de cada ser, assim sendo, todos os elementos que o envolvem, que despertam sentimentos, pensamentos, e percepções, frutos da paisagem a partir do olhar individual servem de base para falarmos em mulheres paisagens.

Mulheres são paisagem e constroem a úteropaisagem, uma vez que todos os elementos que às definem enquanto conceito e parte do todo – a natureza, são criados e definidos a partir de uma percepção humana.

Essa dissertação se deu sobre muitos sentimentos, pensamentos, ações e movimentos sobre diversas paisagens, ao longo de 2 anos, o que refletiu na construção de um outro olhar sobre o tema das mulheres e do feminismo, na forma como buscamos construir nossa autonomia, nesta busca, tive que fazer um trabalho autônomo de refletir sobre um recorte de outros olhares, tanto dos observados (as agricultoras), como dos observantes (quem elaborou e gravou os documentários apresentados nesta pesquisa), exigindo um esforço para captar durante as falas das agricultoras como elas se articulam para construir um caminho de autonomia diante da família e das paisagens rurais, criando a sua própria paisagem, que é fruto da úteropaisagem.

Talvez, não mostrar um único rosto, seja o maior exemplo da diluição do ser mulher com a paisagem.

Paisagem é lugar, sentido, almejado e sonhado desde de criança.

E agora? Quanta esperança! O coração transborda, talvez seja isso a paisagem –

O amor; não se explica, é uma força que precisa ser sentida,

Que flui, naturalmente como se sempre estivesse aqui.

Que bom que sobrevivi!.

Sobrevivemos a “própria loucura”, à dor de ser incompreendida (agroecologia é para loucas), a dificuldade

de sair do casulo (você vai na marcha das mulheres?),

voar (criação de movimentos das mulheres agricultoras),

fluir, como a vida nos mostra a beleza e leveza nos pequenos detalhes

Las amo. Te amo, nos amo.

Do lugar onde toda a vida humana é gerada, eis a útero-paisagem.

Izabela Fagundes, 2022.

REFERÊNCIAS:

ALTIERI Miguel; NICHOLLS I. Clara. Bases agroecológicas para una agricultura sustentable. In: **Agroecología: Teoría y práctica para una agricultura sustentable**. México, v.1, 2000, p. 13 – 45.

APFELBAUM Erika. Dominação In: HIRATA Helena, LABORIE Françoise, DOARÉ Helene le, SENOTIER Daniéle(org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**, São Paulo, UNESP, 2009, v.2 p.76 – 80.

BEAUVOIR Simone. **O segundo sexo I**. Fatos e Mitos. MILLIET Sergio de. (trad.). Difusão europeia do livro. São Paulo, 1970, v.4, p. 8- 10.

BENINCÁ Dirceu; BONATTI C. Leticia. Agroecologia: uma opção de sustentabilidade no campo e na cidade. **Revista brasileira de agroecologia - ABA**, 2020, v. 15, n 5, p. 191 – 203.

BERTRAND, Georges. Paisagem e Geografia física global: esboço metodológico. Tradução Olga Cruz – Caderno de Ciências da Terra. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, nº13, 1972.

BITENCOURT, D.P.; QUADRO, M.F.L.; CALBETI, N.O. Análise de dois casos de ressaca no litoral da região Sul no verão de 2002. In:**XII Congresso Brasileiro de Meteorologia**, Foz do Iguaçu, p. 3910-3917, 2002.

BORIS Eileen. **Produção e reprodução, casa e trabalho**. SOBRINHO F. G. Guilherme de. (trad.). 2014, p. 101 – 121.

BRASIL Lia. **Antropopaisagem**. 2022. Desenho, pastel e folha A3, Florianópolis, obra 1 (exposição) (297 x 420 mm).

BRASIL Lia. **Colheita**. 2022. Desenho, pastel e folha A3, Florianópolis, obra 2 (exposição) (297 x 420 mm).

BRASIL Lia. **(Re)Existência**. Desenho, pastel e folha A3, Florianópolis, obra 3 (exposiçã3o) (297 x 420 mm).

CAMBRUZZI Cláudia, RUBIM Linda. O PAPEL DA MULHER AGRICULTORA FAMILIAR NA PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM RURAL. **Seminário Internacional Fazendo Gênero** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X

- CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação – A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAPORAL F. COSTABEBER J.A. RIO GRANDE DO SUL. EMATER. **Agroecologia e Sustentabilidade**. Base conceptual para uma nova extensão rural. UFSM, P.19, [s.a].
- CAPORAL F. R. Sobre as bases epistemológicas e o que é Agroecologia. In: **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília, 2009, p. 4-8.
- CAPORAL R. Francisco; AZEVEDO O. Edisio (Orgs.). Agroecologia: Uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. In: **Princípios e perspectivas da agroecologia**. IFPR, 2011 p.83 -109.
- CASTRO Josué. Estudo do conjunto brasileiro. In: CASTRO J. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro, Antares, 1984, v. 10.
- CISOTTO F. Mariana. Sobre Topofilia de Yi-Fu Tuan: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. OLIVEIRA Livia de. (Tradução) **Geograficidade**. Londrina/PR, Eduel, v. 3, n. 2, 2013.
- COELHO C. Letícia. O tempo e a paisagem: um olhar através de suas dimensões culturais. Porto Alegre, janeiro de 2009. p. 25, GPIT.
- CORRÊA L. R. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado. **Brasil Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 37-46, 2014.
- COSTA G. M. da. Agroecologia (Eco)Feminismos e “bem-viver”: Emergências descoloniais no movimento ambientalista brasileiro. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress. (anais eletrônicos) Florianópolis, 2017, p. 12.
- COSTA A. Emanuelle da; DUARTE F. A. Rafaela; GAMA S. A. José da. Gamificação da Botânica: Uma estratégia para a cura da cegueira botânica. **Revista Insignare Scientia**, UFFS, Vol. 2, n. 4. Set./Dez. 2019, p. 79 – 99.
- DARDEL, E. (2011). **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva. (Originalmente publicado em 1952).
- DAVIS Angela. **Mulheres raça e classe**. In: CANDIANI R. Heci (tradução), Boitempo, São Paulo, v.1, (1944) 2016. (recurso digital).
- ENGELS Friedrich. **A Origem da família da propriedade privada e do Estado**. In: KONDER Leandro (tradução). Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v.9, (1884) 1984.
- FEIDEN Alberto. Princípios e Técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. In: _____ **Agroecologia: Introdução e Conceitos**. EMBRAPA, 2005 p. 51 – 70.
- FERREIRA Rafael Bastos. Fenomenologia da paisagem: prolegômenos de uma Geografia das essências. Rev. Nufen: Phenom. Interd. | Belém, 9(2), 63-74, mai. – ago., 2017.
- GABOARDI, Shaiane Carla. **Territorialidades da agricultura e da agroecologia na microrregião de Erechim/RS a partir das ações socioambientais do CAPA e do CETAP**. Francisco Beltrão, 2017, 170f. dissertação (orientador: Dr. Luciano Zanetti Pessoa Candiotto).
- GEORGIN Jordana, WIZNIEWSKY G. José, OLIVEIRA A. Gislayne, ROSA D. L. da Ana. A participação feminina na agricultura agroecológica: um estudo do caso na região norte do Rio Grande do Sul. **Revista Monografias Ambientais Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas – UFSM**, Santa Maria, v. 14, n. 3, set-dez. 2015, p. 01–09.
- GERHARDT E. T.; SILVEIRA T. D. (org.) Métodos de pesquisa. Porto Alegre, UFRGS, 2009, p.120.

HARAWAY Donna. Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TOMAZ Tadeu (trad.) **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2009, v.2, p. 33- 118.

HARAWAY Donna. O humano numa paisagem pós-humanista. *Estudos Feministas*, 1993, v.1 a.2, p. 277 – 292.

HARAWAY Donna J. **Ciencia, cyborgs y mujeres, La reinención de la naturaleza**. Prólogo a la edición española. ARDITI Jorge, SELGAS G. Fernando y OFF Jackie (tradução). Ediciones cátedra universitat de Valencia, 1991.

HIRATA C. Emilly; CORRÊA P. Rosana. Administradores e meio ambiente uma relação necessária para uma gestão ambiental eficiente. **Revista Empreenda UNITOLEDO**, Araçatuba, v. 3, n. 1, p. 145-157, jan./jul. 2019.

KERGOAT Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA Helena, LABORIE Françoise, DOARÉ Helene le, SENOTIER Danièle (org). **Dicionário Crítico do Feminismo**, São Paulo, UNESP, 2009, v.2, p. 67 – 75.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. A produção e o consumo de produtos orgânicos no mundo. In: LIMA K. Sandra, GALIZA Marcelo, VALADARES Alexandre, ALVES Fabio. **Texto para discussão. Produção e consumo de produtos orgânicos no mundo e no Brasil**. Brasília, 2020, p. 10 – 17.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. A produção e o consumo de produtos orgânicos no Brasil. In: LIMA K. Sandra, GALIZA Marcelo, VALADARES Alexandre, ALVES Fabio. **Texto para discussão. Produção e consumo de produtos orgânicos no mundo e no Brasil**. Brasília, 2020, p. 24 – 36.

JUNIOR S. Euler. Paisagem. **Paisagem Ambiente: ensaios**. SÃO Paulo, 2005, v. 20,p. 47 – 60.

LAGARDE Marcela. **Claves feministas para el poderio y la autonomia de las mujeres**. Puntos de Encuentros, 1999.

LERNER, Gerda. Prefácio. In: LERNER Gerda. **A Criação do Patriarcado** História da Opressão das Mulheres pelos Homens. SELLERA Luiza (trad.) Editora Cultrix. São Paulo, [Edição do Kindle] 2019, v.1, p. 22.

LOWENTHAL David. The american scene. *GEOGRAPHICAL REVIEW*, 58(1) 61 – 88, 1968.

LUZ S. Ricardo da. **Trabalho alienado em Marx: A base do Capitalismo**. (dissertação) Orientador: Prof. Dr. Agemir Bavaresco. PUCRS. Porto Alegre, 2008, p. 101.

MEIRA C. Bruna; DUVAL C. Henrique. **Mulheres rurais e agroecologia: uma análise do papel das mulheres nos sistemas de produção agroecológicos dos assentamentos da fazenda Pirituba - região sudoeste do estado de São Paulo**. São Paulo, 2018, PIBIC, p. 6.

MOREIRA M. Rodrigo; CARMO S. do Maristela. Agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. **Agric**. São Paulo, v. 51, n. 2, p. 37-56, jul./dez. 2004.

MORIN Edgar. A ordem e a desordem (das leis da natureza a natureza das leis) I — A invasão das desordens. In: MORIN E. O MÉTODO 1. A NATUREZA DA NATUREZA, 2 edição, 1977, p. 37 - 45.

MOTTA D. Vívian. Pesquisa-ação e visibilização do sujeito: Mulher e raça. **Revista brasileira de agroecologia – ABA**, 2020, v.15, nº. 2, p.47- 48.

MOURA, F. Iracema. Antecedentes e aspectos fundantes da agroecologia e da produção orgânica na agenda das políticas públicas no Brasil. **Tese (Doutorado)**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRJ, 2016, 123f.

MURARO, Rose Marie. **A mulher na construção do mundo futuro**. Petrópolis: Vozes, 1969.

- NEVES Amanda; BÜNDCHEN Márcia; LISBOA P. Cassiano. Cegueira botânica: É possível superá-la a partir da Educação? **Ciência e Educação**, Bauru, 2019, v. 25, n. 3, p. 745-762.
- NOBRE Miriam. Agroecologia e economia feminista: Tecendo a sustentabilidade da vida. **Revista NEADS**, 2020, São Paulo.
- ODUM, E. Properties of agroecosystems. In: LOWRANCE et al. *Agricultural ecosystems*. New York: Wiley Intersci., 1984.; HECHT, S.B. A evolução do pensamento agroecológico. In: ALTIERE, M.A. (Org) **Agroecologia – as bases científicas da agricultura alternativa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: PTA-FASE, 198, p. 35-41.
- OLIVEIRA, Ana Maria Soares de. **Relação Homem/Natureza no Modo de Produção Capitalista**. UNES, /Presidente Prudente, 2002. p. 1-9.
- OLIVEIRA M. da Ariana, CAVALCANTE L. Francisco. Agroecologia e Feminismo: um debate teórico sobre a atuação da mulher no meio rural. *Revista de Agroecologia no Semiárido (RAS)*, Sousa - PB, v. 2, n.2, p.01-09, Jun - Dez, 2018.
- PASSOS M. dos Messias. O MODELO GTP (GEOSSISTEMA – TERRITÓRIO – PAISAGEM). COMO TRABALHAR? *Revista Equador (UFPI)*, Vol. 5, Nº 1, (2016). Edição Especial 1, p. 1 - 179. Publicação do livro: O MODELO GTP (Geossistema – Território – Paisagem): Como trabalhar? Home: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/equador.p.37>.
- PAULA DE C. A. Larissa. As margaridas seguem o caminho, do campo às ruas, das ruas ao campo: a mulher rural e sua trajetória de luta por reconhecimento e direitos. Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 3 a. 41, p.100-121, 2019.
- PAULILO S. I. Maria. Movimentos das mulheres agricultoras e os muitos sentidos da “igualdade de gênero”. In: FERNANDES M. Bernardo; MEDEIROS S. Leonilde de. PAULILO S. I. Maria (orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**. A diversidade das formas das lutas no campo. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, Brasília, editora UNESP, São Paulo, 2009, v. 2.p. 179.
- PINGRET Alexandra. A marcha mundial das mulheres no contexto dos movimentos sociais contemporâneos: Um estudo de sua composição visual (Brasil 2000 - 2010). **IX Fazendo Gênero Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 2010.
- PINTO J. R. Céli. FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.
- REINIGER S. R. Lia, WIZNIEWSKY G. José, KAUFMANN P. Marielen. Agroecologia. In: *Princípios de agroecologia*. UAB/NTE/UFMS, Santa Maria/RS,2017, v.1.
- RÖHNELT C. B. Priscila. Estratégias de reprodução da agricultura familiar: A participação da mulher nas atividades socioprodutivas na localidade de Trapeira - Canguçu/RS. 2011,Rio Grande, RS.
- RODRIGUES H. Nara. **Tecnologias virtuais e análise videográfica : o Youtube® como recurso de pesquisa para compreensão sobre a imagem do idoso brasileiro**. Rio Claro, 2015 152 f. (dissertação).
- SAFFIOTI, B. I. Heleiteh. A evolução da condição da mulher no Brasil. In: SAFFIOTI B. I. Heleiteh **Gênero, patriarcado, violência**. Petrópolis, Vozes, 1976, v. 4, p. 73 - 161.
- SANTOS Milton. O espaço geográfico, um híbrido. In: SANTOS Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, v.2 ed. 4, 2006, p. 57 – 71(a)
- SANTOS Milton. Da Diversificação da natureza a divisão territorial. In: SANTOS Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, v.2 ed. 4, 2006, p. 84 – 92.

- SANTOS, Milton. Paisagem e Espaço. In: SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. 4. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.
- SAQUET A. Adriano. Reflexões sobre a Agroecologia no Brasil. In: ALVES F. A. et al. (Org.) **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo, Expressão Popular, v.1, 2008, p. 137-154.
- SARTI A. C. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 2004, p. 35 – 50.
- SCHIER A. R. Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia. **R. RA'E GA**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.
- SAUER, O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA; ROZENDAHL (Orgs.). *Paisagem tempo e cultura*, Rio de Janeiro:EdUERJ, 1998 (1925).
- SERPA Angelo. Parâmetros para a construção de uma crítica dialético-fenomenológica da paisagem contemporânea. **Revista Formação**, 2007, nº14 volume 2 – p. 14-22.
- SERRÃO V. Adriana. Pensar a Paisagem. Interpelações à estética de Kant. *Estudos Kantianos*, Marília, v. 5, n. 1, p. 43-58, jan./jun., 2017.
- SERRÃO V. Adriana. FILOSOFIA E PAISAGEM APROXIMAÇÕES A UMA CATEGORIA ESTÉTICA. *Philosophica*, 23, Lisboa, 2004, pp. 87-102.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). *Filosofia da paisagem: uma antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.
- SHIVA, Vandana. ¿Quién alimenta realmente al mundo?: El fracaso de la agricultura industrial y la promesa de la agroecología. VILLAR P. Amelia de. Trad. (2020) (ENSAYOS, Capitán Swing Libros, 2016,[edição Kindle], p.171- 172.
- SILIPRANDI E. Mulheres Rurais e a construção da agroecologia: por um modelo de desenvolvimento rural inclusivo e com igualdade de gênero. **Carta Maior**. Maio 2016. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Meio-Ambiente/MulheresRurais-e-a-construcao-da-agroecologia-por-um-modelo-de-desenvolvimento-rural-inclusivo-e-com-igualdade-de-genero-/3/36146>> acesso em: maio 2020.
- SILVA Jéssica S. da. Paisagem, gênero, mulher e trabalho: Uma tentativa de reflexão, aproximação e observação. **GeoPUC**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 31-56, jul.-dez. 2016.
- SILVA M. Joseli. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista: Geografia eurocêntrica. In: SILVA M. Joseli (org.) **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa, PR, TODAPALAVRA, 2009, p. 55- 92.
- SILVA V. M. Nadja, SANTOS M.V. Carine dos., RHODES A. A. Carine de. Do vídeo para o texto escrito: implicações para a análise da interação. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 513-528 Dez. 2014.
- SIMMEL G. **A Filosofia da Paisagem**. Tradução Artur Morão. Covilhã, Coleção textos clássicos de Filosofia, p.18, 2009.
- SOUZA, J. Reginaldo de. História inicial de uma procura. In: SOUZA, J. Reginaldo de. **PAISAGEM E SOCIONATUREZA** -Olhares geográfico-filosóficos. Erechim, UFFS, 2019 p. 19 -39.
- SOUZA, Reginaldo José de. Questões da Natureza. In: SOUZA, Reginaldo José de. **Paisagem e socionatureza: olhares geográfico-filosóficos**. Erechim, UFFS, 2019, p. 49 - 90.
- SOUZA, R.J. PAISAGEM E LUGAR: Alicerces de uma outra política. **Revista Geografar**, Curitiba, v.13, n.2, p.380-393, jul. a dez./2018.

STROPASOLAS apud RÖHNELT, Priscila Barcelos Cardoso e SALAMONI, Giancarla. **O papel da mulher nas transformações da agricultura familiar: a pluriatividade como estratégia de reprodução social**. Universidade Federal do Rio Grande (FURG), 2010,p.01-115.

SUERTEGARAY A. M. Dirce. Paisagem. *In*: SUERTEGARAY A. M. Dirce. **Notas sobre Epistemologia da Geografia**. Florianópolis, Cadernos Geográficos, UFSC, n. 12, p. 51, maio 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo** (1974). São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

WHITEHEAD N. Alfred. Natureza e Pensamento. *In*: WHITEHEAD N. Alfred. **O conceito de natureza**. FISCHER B. Julio (tradução), São Paulo, Martins Fontes, 1993, v. 1, p.5 – 32.

Fotografia 1: “Transformei a agroecologia num projeto de vida”.JORNAL BOM DIA. Registro: Ígor Dalla Rosa. 09/04/2021.Disponível em: [https://www.jornalbomdia.com.br/noticia/45063/-transformei-a-agroecologia-num-projeto-de-vida-\(Cleonice-Farikoski,-de-Três-Arroios/RS\)](https://www.jornalbomdia.com.br/noticia/45063/-transformei-a-agroecologia-num-projeto-de-vida-(Cleonice-Farikoski,-de-Três-Arroios/RS)).

Fotografia 2: CAPA. CAPA completa 43 anos. Disponível em: <https://www.capa.org.br/2021/05/capa-completa-43-anos/>. data: 17 Maio, 2021.

Fotografia 3: *Marcelo Camargo/Agência Brasil*. “ No Brasil, 2 mil latifúndios ocupam área maior que 4 milhões de propriedades rurais.” Disponível em: <<https://mst.org.br/2018/07/26/no-brasil-2-mil-latifundios-ocupam-area-maior-que-4-milhoes-de-propriedades-rurais/>>, 26/ julho 2018.